



Marília Saldanha da Silva

**De(s)colar de casa: dilemas contemporâneos
dos casais de aeronautas**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Bernardo Jablonski

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010



Marília Saldanha da Silva

**De(s)colar de casa: dilemas contemporâneos
dos casais de aeronautas**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada:

Prof. Bernardo Jablonski

Orientador

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^a. Andrea Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^a. Maria Lucia Rocha-Coutinho

Eicos-UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação e pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2010

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Marília Saldanha da Silva

Graduou-se em Psicologia em 1998 pela UNESA (Universidade Estácio de Sá). Fez formação em Psicossomática Reichiana pelo Instituto de Psicoterapia Reichiana em 2001. Atua na clínica individual em contexto privado.

Ficha Catalográfica

Silva, Marília Saldanha da

De(s)colar de casa : dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas / Marília Saldanha da Silva ; orientador: Bernardo Jablonski. – 2010.

108 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Divisão de tarefas domésticas. 3. Relações de gênero. 4. Aeronautas. 5. Contemporaneidade. I. Jablonski, Bernardo. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

Ao André com quem aprendi de verdade o que é casar...

Aos meus pais que me ensinaram a valorizar o estudo e me estimularam a ser uma mulher independente.

Talvez seja estranho agradecer aos cães...menciono apenas o quão alentador foi ter a presença constante de meu pequeno shitzu sob a escrivadinha enquanto digitava.

Ao meu orientador Bernardo Jablonski, por acolher meu projeto e abrir a janela para as inúmeras pesquisas a que tive acesso.

Aos casais que aceitaram dar uma pausa em suas vidas *voadas* (lembrem-se aeronautas não correm, voam) e soltaram o verbo sobre a conciliação entre família e trabalho.

Aos ex-colegas da Varig que abriram prontamente suas agendas e rastrearam na memória, possíveis indicações de casais para as entrevistas.

À Tatiana Charpinel que super disponível compartilhou suas experiências de entrevistas em conversa telefônica.

À Nataly Mariz com quem eu vi surgir uma amizade à medida que compartilhávamos nossas experiências do estágio de docência e as maravilhosas aulas de francês.

Aos queridos colegas de mestrado com quem compartilhei anseios, dúvidas, dicas, diversão.

Aos professores da pós-graduação do departamento de psicologia, em especial à professora Teresinha Féres-Carneiro.

Aos funcionários da secretaria do departamento de psicologia.

À Capes e à PUC-Rio, pelo apoio.

Resumo

Silva, Marília Saldanha da; Jablonski, Bernardo. **De(s)colar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas**. Rio de Janeiro, 2010. 108p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo procura examinar a questão da desigualdade de gênero na divisão de tarefas domésticas e responsabilidades familiares entre membros de casais de aeronautas, profissionais da aviação comercial (comissários e pilotos). Procura-se investigar neste subgrupo como ocorre a conciliação entre a vida familiar e o trabalho de turnos alternantes. Utiliza-se como referencial básico a contribuição de cientistas sociais em seus estudos acerca das relações de gênero na contemporaneidade. Homens e mulheres trabalham cada vez mais em horário integral e se veem divididos diante de propostas igualitárias de relacionamento em contraposição a práticas mais tradicionais. Parece que a transformação das mentalidades nas relações de gênero foi insuficiente no que diz respeito a uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas. A lacuna deixada pelas mulheres na vida privada, com sua entrada maciça no mercado de trabalho, não foi ocupada por outros, senão por elas próprias, que se dividiram e se multiplicaram em muitas para poder conciliar família e profissão. Após uma revisão de literatura, foram realizadas entrevistas com quatro casais de aeronautas do Rio de Janeiro. Os dados obtidos nas entrevistas entraram em consonância com o que a literatura já vem discutindo sobre casais de outras categorias profissionais. As mulheres casadas e com filhos despendem mais tempo com o trabalho doméstico e com as responsabilidades familiares do que seus maridos. Diante desta constatação, percebe-se que a especialização de papéis ainda está fortemente ancorada nas ideologias de gênero tradicionais que regem os comportamentos de homens e mulheres contemporâneos, produzindo com isto um cenário desfavorável para ascensão profissional das mulheres e para um maior envolvimento dos homens com a vida familiar.

Palavras-chave

Divisão de tarefas domésticas; responsabilidades familiares; aeronautas; papeis de gênero; contemporaneidade.

Abstract

Silva, Marília Saldanha da; Jablonski, Bernardo (Advisor). **Take-off from home: contemporary dilemmas for crew members couples.** Rio de Janeiro, 2010. 108p. MSc. Dissertation - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The main subject of this study is the gender inequality in the division of household chores and child care between spouses who work as crew members in civil aviation (flight attendants and pilots). This study reports an investigation of the relationships of nonstandard work schedules and family balance. It is based on the several studies conducted by social scientists about gender relations in the contemporary society. Men and women are engaged in full time work and confronted with an egalitarian social discourse and traditional patterns of behavior. It seems that the shift regarding gender relations and more balanced divisions of household chores are still insufficient. Women joined the workforce dealing with multiple roles to balance household chores and career. After reviewing several academic books and articles, interviews with four middle class flight crew members' couples from Rio de Janeiro were conducted. The results were similar to other studies with couples from other professional categories: married women with children still do much more routine household chores than their husbands. The gender segregation of tasks associated with the traditional gender ideologies contribute to reinforcing the specialized roles, an unfavorable scenario for career development for women and greater involvement of men with family life.

Keywords

Divisions of household; crew members; gender relations; contemporariness

Sumário

1- Introdução	9
2.- O mundo doméstico	17
2.1 - A importância das tarefas domésticas	17
2.1.1 - Divisão das tarefas domésticas.	19
2.2 - A revolução industrial e a divisão sexual do trabalho	22
2.2.1 - O trabalho doméstico desnudado .	25
2.3 - Papéis de gênero no âmbito doméstico .	26
2.3.1 - Dona-de-casa-ainda-feliz-com-o-seu-papel?	26
2.3.2 – Donos-de-casa, por que não?	31
2.4 – Gestão do cotidiano	34
3.- Des-igualdades de Gênero	38
3.1 - Feminismo contemporâneo: reviravolta na definição dos gêneros	38
3.2 - Definições e usos do termo “gênero”	40
3.2.1 - Teorias de gênero	41
3.2.2 - Ideologias de gênero: tradicional, igualitária, transicional	42
3.2.3 - Ideologias de gênero e o trabalho doméstico	45
3.2.4 - Homens “domesticados” versus homens “de verdade”	46
3.3 - O epicentro das desigualdades: o casamento contemporâneo	50
3.3.1 - O casamento <i>dele</i>	52
3.3.2 - O casamento <i>dela</i>	53
3.4 - Desigualdades no uso do tempo	54
3.5 - Desigualdades no compartilhamento parental.	58
3.6 - Igualdade relacional	60

4.- Vida familiar e trabalhos com horários fora do padrão e viagem: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas	62
4.1 - A mulher e o trabalho <i>fora</i> de casa	62
4.2 - Novos arranjos matrimoniais	64
4.3 – Trabalhos com horários fora do padrão e viagens: repercussões nas relações familiares e vida social	66
4.3.1 - Entre pousos e decolagens: um cotidiano peculiar	72
4.3.2 - Efeitos na dinâmica familiar: conjugalidade e parentalidade em foco	74
5.- Estudo de campo	79
5.1 – Participantes	79
5.2 - Instrumentos e procedimentos	80
5.3 - Análise dos dados obtidos	80
5.3.1 – Cotidiano	80
5.3.2 - Divisão de tarefas domésticas	83
5.3.3 - Compartilhamento parental	88
5.3.4 – Lazer	90
6.- Considerações finais	93
Referências bibliográficas	100
Anexos	105
Anexo 1 - Consentimento livre e esclarecido	105
Anexo 2 - Dados dos participantes da pesquisa de campo	106
Anexo 3 - Roteiro das Entrevistas	107

1.

Introdução

Diversos teóricos das ciências sociais e humanas têm se debruçado sobre a temática da divisão de tarefas domésticas e das responsabilidades familiares, dentro e fora do Brasil. Este tema traz para o cenário acadêmico não somente a relação entre homens e mulheres na contemporaneidade, como também ajuda a direcionar holofotes para a vida privada, mais especificamente para a vida doméstica, cotidiana, onde a tessitura dos relacionamentos humanos se desenvolve primordialmente.

Oliveira (2003:44) afirma que:

enquanto o trabalho doméstico, com seus serviços cotidianos ligados à sobrevivência pode ser delegado a uma mão de obra mais ou menos qualificada, já as responsabilidades afetivas não são delegáveis, constituindo um núcleo insubstituível dos indivíduos e representando relações formadoras e intransferíveis.

A vida privada abarca estas duas esferas que se entrelaçam na conjugalidade dos casais e no exercício da parentalidade. É cada vez mais intrincada a questão da administração do dia-a-dia, hoje, entre os casais em famílias nucleares nos centros urbanos. Homens e mulheres trabalham cada vez mais em horário integral e se vêem divididos diante de propostas igualitárias de relacionamento e práticas tradicionais. Parece que a transformação das mentalidades nas relações de gênero, no que tange especificamente as divisões de tarefas domésticas, foi insuficiente. A lacuna deixada pelas mulheres na vida privada, com sua entrada maciça no mercado de trabalho, não foi ocupada por outros senão por elas próprias, que se dividiram e se multiplicaram em muitas para poder conciliar família e profissão. Este fenômeno caracteriza a dupla jornada feminina de trabalho, tanto no contexto brasileiro quanto no internacional, como será ilustrado a seguir.

Segundo fontes do IBGE (2006), “foi flagrada a dupla jornada entre a população trabalhadora. As mulheres gastam mais que o dobro do tempo dos homens com as tarefas da casa, 22,1 horas por semana, enquanto eles dedicam 9,9 horas a essas atividades”. Esta situação em que se encontram as mulheres contemporâneas é assinalada por Oliveira (2003:20), quando diz que o mundo público foi invadido pelas mulheres, mas a vida privada continuou estruturada, em

termos de emprego de tempo e assunção de responsabilidades, como se as mulheres ainda vivessem como suas avós, como se nada tivesse acontecido.

Essa questão da dupla jornada não diz respeito somente às mulheres, pois está associada ao casamento (e à conjugalidade), à falta de aparato social público (creches) e à políticas públicas que endossem as mudanças dos papéis de gênero. Num país preponderantemente pobre como é o Brasil, esta realidade se apresenta atravessada por questões culturais, sócio-econômicas, demográfica, políticas e étnicas.

Na pesquisa sobre uso do tempo, do IBGE (2001- 2005), foi examinado o tempo que as pessoas despendem com afazeres domésticos, entendidos aqui como sendo “a realização, no domicílio de residência, de tarefas (que não se enquadram no conceito puramente econômico de trabalho) de: ”

- a) Arrumar ou limpar toda ou parte da moradia;
- b) Cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es);
- c) Orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas;
- d) Cuidar de filhos ou menores moradores; ou
- e) Limpar o quintal ou terreno que circunda a residência.

Nessa pesquisa, a partir dos resultados obtidos, pode-se afirmar que os afazeres domésticos constituem um grupo de atividades predominantemente femininas. No país, 109,2 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade declararam exercer atividades relacionadas com os afazeres domésticos; sendo que, deste conjunto, 71,5 milhões são mulheres. Em termos absolutos, é a população adulta de 25 a 49 anos de idade que mais realiza afazeres domésticos. Não obstante, considerando a população em cada grupo etário, observa-se que é a população de 50 a 59 anos de idade que despende maior parte do seu tempo em afazeres domésticos (24,3 horas semanais). As desigualdades de gênero na realização dessas atividades são ainda mais visíveis quando se considera a população total, de acordo com o sexo e os grupos de idade. Verificou-se que

somente 51,1% dos homens realizam afazeres domésticos enquanto que entre as mulheres esse percentual é de 90,6%. É no Nordeste que se observa a menor participação dos homens no afazeres domésticos (46,7%) enquanto que no Sul se evidencia a maior taxa (62%). Uma possível explicação para esta participação um pouco mais baixa dos homens nordestinos nos afazeres domésticos pode estar ligada aos aspectos culturais locais, que valorizam o machismo já que existe uma forte correlação positiva entre a realização do trabalho doméstico e o sexo feminino.

Dentre algumas conclusões desenvolvidas a partir da análise dos dados dessa pesquisa do IBGE, algumas se referem ao propósito desta dissertação. A primeira é de que na sociedade brasileira, as tarefas domésticas ainda constituem uma atribuição das mulheres, embora se tenha observado um pequeno aumento da participação masculina, principalmente entre os mais velhos; a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho não as isentou nem reduziu a jornada delas com os afazeres domésticos; a intensidade do trabalho doméstico é ainda mais elevada em mulheres em idade produtiva e com filhos pequenos; o somatório do trabalho semanal da mulher com a casa, com os filhos e no mercado supera em até quase cinco horas a carga horária dos homens; não se observou um compartilhamento das atividades domésticas das mulheres com os cônjuges; observaram-se fatores que reforçam essa desigualdade, tais como a baixa participação dos meninos nos trabalhos domésticos, o que corrobora a construção da ideia de que as tarefas do lar são eminentemente femininas.

O cenário internacional apresenta pesquisas que trazem resultados similares. Na universidade da Califórnia, foi realizada por Makiko Fuwa (1994) uma pesquisa sobre a correlação entre a divisão das tarefas domésticas e a desigualdade de gênero em nível macro, em vinte e dois países industrializados. O estudo (1994:759) demonstrou que os fatores individuais (salário, ideologia de gênero, disponibilidade de tempo) têm efeitos contundentes sobre a divisão de tarefas domésticas para mulheres que vivem em países mais igualitários; mulheres que vivem em países com uma desigualdade de gênero mais severa os fatores individuais têm pouca influência sobre o compartilhamento dos afazeres domésticos. Além disso, o estudo mostrou que fatores de nível macro (desenvolvimento econômico, participação da força de trabalho feminina, padrões

de gênero, políticas públicas) também podem influenciar a questão da divisão dos afazeres domésticos. Os resultados sugerem que mudanças nos fatores individuais podem não se mostrar suficientes para que se atinja uma divisão equânime das tarefas domésticas, exceto se houver uma redução em nível macro da desigualdade de gênero. Dos vinte e dois países estudados, o Canadá foi o país onde a divisão das tarefas domésticas foi considerada a mais igualitária, enquanto o Japão apresentou a divisão mais tradicional. Estes resultados demonstram que países com uma ideologia de gênero mais igualitária apresentam divisões de tarefas domésticas proporcionalmente mais equilibradas. Embora ocorram diferenças significativas entre os países, mesmo nos mais igualitários, o dispêndio de tempo com o trabalho doméstico ainda é maior para as mulheres.

Aguirre et al. (2005), ao relacionarem o tempo dedicado ao trabalho mercantil e o tempo destinado ao trabalho familiar doméstico, em Barcelona, constataram que as mulheres em todos os grupos de idade dedicam mais tempo ao trabalho doméstico que os homens, mas é na faixa dos trinta anos, que as diferenças se acentuam. É nesta faixa etária que homens e mulheres se encontram mais envolvidos com suas atividades profissionais; nesse período muitas mulheres já se encontram casadas e com filhos pequenos. Os homens dedicam-se quase que exclusivamente ao mercado de trabalho nessa fase, com pouquíssima participação nos cuidados com a casa.

Há décadas a divisão desigual das tarefas intralzar tem pesado mais sobre os ombros femininos. Pesquisas realizadas entre 1989 e 1999 (Coltrane, 2001:428) têm apontado que a dupla jornada de trabalho feminina, efeito desta divisão desigual, tem incrementado a insatisfação marital e a depressão nas mulheres, além de se constituir num empecilho para seu desenvolvimento profissional.

As pesquisas (Araújo e Scalon, 2005) apontam para um fenômeno que se confirma dentro e fora do Brasil: as mulheres ainda são consideradas as maiores responsáveis pela administração do lar e despendem mais horas com essas atividades do que os homens. Guardadas as variações e particularidades de uma pesquisa e outra, e o fato de que os homens aumentaram sua participação na vida privada, esta mudança ainda é considerada pequena para alterar as desigualdades de gênero existentes. Em suma, a dupla jornada é o símbolo, como afirma

François de Singly (2007: 151), da manutenção da atribuição das mulheres à esfera doméstica – ainda presente na contemporaneidade.

No presente trabalho é investigado como ocorre a divisão de tarefas domésticas e das responsabilidades familiares entre membros de casais de aeronautas¹ e é examinado se em tal população se apresenta um acirramento das desigualdades de gênero nessa área da vida privada. Até o presente momento parece que esta parcela da população brasileira não foi contemplada com este tipo de pesquisa. Neste sentido, procura-se detectar elementos novos ou corroborar dados já pré-existentes em pesquisas similares.

Os casais desta pesquisa trabalham no mesmo contexto profissional e têm carga horária de trabalho similar. A vida profissional dessas pessoas tem como elemento central viagens constantes com pernoites e afastamento de casa por até seis dias consecutivos, que fragmentam seu tempo e seu cotidiano, tornando-se um complicador para os arranjos familiares. De acordo com Presser (2000), casais onde cada membro trabalha em horários fora do padrão são considerados um grupo raro. A população desta pesquisa está, portanto dentro desta categoria.

A realização deste estudo é relevante, pois traz à tona a imensa complexidade da vida doméstica, essencial para a manutenção da existência humana. Esta temática está diretamente atrelada à dupla jornada de trabalho feminina, à família, ao casamento e ao cuidado com os filhos. Outro aspecto que se agrega a isto é o fato de este objeto de estudo estar circunscrito ao cotidiano de um subgrupo ainda não pesquisado, e que apresenta uma configuração peculiar: cônjuges que trabalham na mesma área profissional, expostos aos mesmos fatores tais como fadiga de voo, afastamento constante do lar e horários em turnos alternantes que incluem sábados, domingos e feriados. Rediscutir a questão da desigualdade de gênero em casais homogêneos em sua configuração profissional, que são considerados um grupo raro, torna-se uma outra referência no caldeirão de produções científicas sobre o tema.

¹ Denominação genérica dos profissionais da aviação comercial, comissários (as) de voo e pilotos (as), dentre outros.

Esta dissertação é apresentada em 6 capítulos. Após um breve panorama sobre o tema na introdução parte-se para o capítulo 2 que dedica-se a refletir sobre a importância das tarefas domésticas na vida dos seres humanos e sua devida organização no cotidiano dos casais contemporâneos. Simultaneamente procura-se discriminar o que é da ordem do doméstico e o que é da ordem do afetivo e relacional.

Busca-se compreender o que significa a divisão de tarefas domésticas através da contraposição de duas perspectivas: de recursos e igualitária. A seguir, procura-se lançar um breve olhar pelo retrovisor da história, para situar em que período a separação entre as esferas privada e pública ganhou contornos mais definidos, para então discutir como essa dissociação dos espaços e das tarefas repercutiu na vida de homens e mulheres, herdeiros destas mudanças socioeconômicas e culturais. Destaca-se também o debate teórico em torno do conceito de trabalho doméstico. Ao longo deste capítulo é apresentada uma análise do papel da dona-de-casa da década de 1950 em contraposição ao modelo da mulher contemporânea e seus múltiplos papéis. Busca-se compreender a visceralidade ainda presente do papel de dona-de-casa na identidade feminina. Em contraposição a este papel ainda fixado pela divisão sexual está o de dono-de-casa, termo usado com economia por ser um lugar pouco ocupado pelos homens e, portanto carregado de uma certa estranheza social. Certos fenômenos sociais relacionados com este papel são trazidos para ilustrar e discutir os elementos que mantêm os papéis de gênero atrelados a estereótipos sexuais.

No capítulo 3 busca-se explicitar através dos estudos existentes o que se encontra embutido nas relações de gênero, no intuito de favorecer uma análise das identidades socialmente construídas, onde o feminino se reporta necessariamente ao masculino. Procura-se apresentar os tipos de ideologias que regem os comportamentos de gênero e correlacioná-los com o trabalho doméstico. Embora se procure dar um destaque maior à condição feminina não há, por outro lado, nenhum interesse em se focalizar excessivamente as mulheres, sobretudo para evitar dicotomias polarizadoras quando da avaliação dos homens e sua participação no universo doméstico. Procura-se contemplar a relação de mulheres e homens entre si e suas negociações no que tange a organização do mundo doméstico e, com isto, analisar certas conceituações, não totalmente dissolvidas, a

respeito de atribuições femininas que ainda prendem (em algum nível) as mulheres ao lar e as atribuições masculinas que afastam os homens do universo doméstico, heranças de um passado recente. É feita também uma averiguação para detectar o quanto e como estas prescrições sociais estão sendo acatadas, ou não. Finaliza-se este capítulo trazendo para reflexão, a questão das desigualdades no uso do tempo; apresentando uma breve descrição do casamento contemporâneo como sendo o epicentro onde se desenrolam as questões de desigualdade de gênero e o conceito de igualdade relacional.

No capítulo 4 procura-se primeiramente situar os casais desta pesquisa segundo a classificação dos arranjos matrimoniais, de acordo com a inserção da mulher no mercado de trabalho. Segundo Diniz (1999:33), a classificação casal de duplo trabalho, de dupla carreira e misto, dentre outros, é utilizada como parâmetro para produzir uma diferenciação entre casais. A partir de uma aproximação com esta classificação procura-se compreender o que caracteriza a atividade profissional da população investigada neste trabalho e simultaneamente estudar os efeitos que trabalhos com horários fora do padrão exercem sobre o casamento, família e o cuidado com os filhos, sobretudo no compartilhamento, pelos casais, das tarefas relacionadas a cada uma dessas áreas. As articulações feitas entre a vida privada e a vida pública são apontadas de forma a que se possa analisar o quanto há de interdependência entre as duas esferas.

O capítulo 5 compõe-se da apresentação do estudo de campo e da análise das entrevistas realizadas ao longo da produção deste trabalho. As considerações finais oferecem a seguir um encadeamento elaborativo entre o embasamento teórico e os dados obtidos pela pesquisa com os casais.

O interesse pelo tema da desigualdade de gênero provém de muitas fontes que foram se sobrepondo ao longo dos anos. A primeira de todas foi a própria família de origem da autora e a constatação dos lugares hierarquicamente ocupados por seus membros. As ideologias que regiam as relações familiares foram o combustível que manteve acesa uma forte inquietação e um anseio por mudanças. No decorrer do tempo as leituras a respeito da condição feminina e a observação do percurso realizado pelas mulheres ao longo dos séculos despertaram na pesquisadora uma vontade genuína de contribuir academicamente e fazer alguma diferença, por pequena que fosse, neste cenário social. Somou-se a

isso a experiência na clínica com pacientes mulheres, que veio intensificar a necessidade de compreender melhor as tramas que enredam as questões de gênero. A escolha em situar o tema na área da vida privada se deu pelo fato de ser exatamente nesta esfera que as mudanças vêm se dando mais lentamente.

O fenômeno da desigualdade entre os sexos é uma teia complexa que se espalha e se perpetua através de gerações, em maior ou menor grau, nas diversas culturas e sociedades, internacionalmente. Sendo assim de difícil erradicação, em curto prazo, por envolver crenças e ideologias arraigadas que se entrelaçam e que são respaldadas por pensamentos conservadores, além da falta de políticas públicas adequadas que favoreçam homens e mulheres contemporâneos a exercer os papéis que desejam, sem que seja necessário se multiplicarem excessivamente em tantos, nem se sentirem inadequados em suas escolhas autênticas.

2.

O mundo doméstico

Uma empregada doméstica que de dia cozinhava, limpava e passava para uma família e à noite fazia o mesmo para marido e filhos comentou com a patroa: - Foi tão esquisito, imagine, outro dia passou uma garça por cima do meu quintal, e me deu uma vontade de ser igual a ela, de sair voando, e não voltar nunca mais.

Espantava-se, pois gostava do marido e dos filhos, não achava injusta nem ruim a sua sorte.

Porém o cotidiano – que parecia ser seu único reino – não podia contê-la: seu olhar migrava em outras direções.

Lya Luft

2.1 - A importância das tarefas domésticas

A existência humana depende das atividades rotineiras relacionadas à alimentação, ao vestuário, ao abrigo e ao cuidado de crianças e adultos. Em termos abstratos, este trabalho familiar – ou trabalho social reprodutivo – é tão importante para a manutenção da sociedade quanto o trabalho remunerado e produtivo que ocorre no mercado formal de economia.

As atividades domésticas pertencem à esfera da vida privada. É importante discriminar aqui tarefas domésticas e responsabilidades familiares, a primeira estando atrelada ao cuidado do ambiente e seus objetos e a segunda a de seus habitantes. A primeira pode ser delegada a outros e neste caso, ser remunerada, a segunda não, pois não segue a lógica do mercado nem tem o mesmo sentido, é da ordem do afetivo e relacional.

A vida privada tem seu valor social estreitamente ligado ao fato de ser fundadora e promotora da civilização. É no âmbito da família que as relações interpessoais se constroem primordialmente. É no dia a dia, no espaço do lar que o tecido amoroso ganha consistência e os valores pessoais vão sendo forjados. De acordo com Oliveira (2003:39) transformar uma pequena criatura, um bebê recém nascido, em um ser humano, é um ato civilizatório por excelência. Esse único exemplo já é capaz de nos fornecer a dimensão da complexidade da vida

doméstica, pois são inegáveis os desafios que a transformação de um bebê em um adulto coloca para seus pais. O exercício da parentalidade está ligado à capacidade de amar e educar e não apenas colocar no mundo mais seres humanos. Embora não se pretenda discutir neste trabalho a questão da articulação entre natureza e cultura, sublinha-se apenas o quanto ela se impõe aqui peremptória e soberana.

É a casa, o porto seguro que acolhe e permite o desenvolvimento de cada indivíduo, seja pela apreensão dos valores sociais, religiosos e morais transmitidos pelo núcleo familiar, seja pelo exercício dos relacionamentos entre seus membros, seja pelos cuidados essenciais para sua sobrevivência.

A rotina das atividades domésticas persiste há centenas de anos no mundo inteiro. Seu formato, sua valorização ou desvalorização pode mudar conforme a época e seus costumes. A revolução industrial pode ter incrementado tecnologicamente os lares, mas não tornou indispensável a limpeza, a organização, os diversos consertos que uma casa demanda. Será que há um sentido mais profundo nas tarefas caseiras? O que se esconde na circularidade, de natureza interminável, do lavar, passar, varrer (ou aspirar), estender lençóis, cozinhar? No ajudar os filhos a fazer seus trabalhos escolares, alimentá-los e contar-lhes estórias? Ou ainda nos acordos implícitos ou explícitos dos casais sobre a divisão de tarefas domésticas?

Talvez seja justamente o fato de a vida doméstica, como afirma Oliveira (2003:40), não ser um bloco homogêneo de gestos cotidianos que se repetem, mas uma teia de situações de natureza diferente, às vezes antagônicas, que se tecem ao longo dos dias, que carrega consigo certo mistério. A manutenção da vida doméstica tem um movimento constante: tudo que é consumido precisa ser repostado; o que é sujo precisa ser limpo; o que é danificado ou pára de funcionar precisa ser consertado; o que está fora do lugar precisa ser organizado. Além disso, as pessoas precisam repousar, conversar, tomar banho, alimentar-se, apoiar-se mutuamente e é no espaço privado de seus lares que isto tem lugar. Em suma, é a manutenção psíquica, emocional, educacional e social da própria família que está em jogo.

Essa teia de situações diferentes tem sido prioritariamente orquestrada pelas mulheres. As tarefas domésticas e as responsabilidades familiares são trabalhosas e consumidoras de tempo. Dentre as atividades caseiras, tais como a preparação

de alimentos ou cozinhar, a limpeza da casa, a compra de mantimentos e artigos para a casa, a lavagem de pratos e roupas, incluindo o processo de passar e consertar, são as que segundo estudos conduzidos nos Estados Unidos como aponta Coltrane (2001:430) são as maiores consumidoras de tempo, além de não serem opcionais nem poderem ser postergadas. E são essas atividades que são consideradas por vários autores como tradicionalmente femininas e que, portanto adquirem o rótulo de trabalho de mulher.

O trabalho doméstico engloba um grupo de práticas concretas e simbólicas que constituem e reproduzem a vida diária. Ainda segundo Coltrane (2001: 445), o fato de ser considerado ainda como uma responsabilidade prioritariamente feminina contribui para que se perpetuem desigualdades de classe, gênero e etnia. O mundo doméstico é o palco para onde se volta o foco deste trabalho e a ideia principal que permeia todo o caminho deste estudo é o seu desvelamento, para que dentre outras coisas se traga à tona o seu peso no gasto diário do tempo das mulheres, ainda que em determinado segmento social / laboral, como será visto adiante.

2.1.1 - Divisão das tarefas domésticas

*(...) Minha filha, quando você casar, o seu marido vai almoçar e jantar
livro...*

Você só pensa em livro, eu hem, o que vai ser de você? Isso tem futuro?

*Isso tem presente. Garante a aventura presente,
vamos lá, converse com sua mãe, diga-lhe que esse proseio já findou,
os tempos são outros tais;*

já tem muito menino-homem que divide as tarefas domésticas...

Stela Rezende

Segundo Brines (1993:307), a divisão de tarefas domésticas é o resultado da negociação entre homens e mulheres que utilizam qualquer recurso estimado que tenham para reduzir a sua participação em nome de seu próprio interesse. De acordo com esta perspectiva os indivíduos tiram vantagem de seus recursos particulares, sejam estes pessoais, interpessoais ou financeiros, no intuito de evitar as tarefas domésticas.

É possível para o casal contemporâneo fazer negociações, entrar em acordos, equilibrando direitos e deveres? Se isto é possível, por que em relação às tarefas do lar as mudanças que se evidenciam ainda são consideradas insuficientes? Se as mulheres estão sobrecarregadas com mais responsabilidades do que lhes cabem, certamente é porque um dos pratos da balança está desequilibrado e isto pode ser fruto de negociações falhas. Ou ainda pode ser que não ocorram ajustes explícitos e sim acomodações “naturais”, norteadas pelos papéis de gênero tradicionais sobre quem faz o quê e quando. Se as responsabilidades familiares e os afazeres domésticos ainda são encarados como obrigações da mulher por elas próprias, pelo parceiro, demais membros da família e pela sociedade de uma forma geral e isto está sendo vivenciado como um peso por elas, não se faria imperiosa a necessidade de rearranjos? Ou será que as ideologias que regem estas combinações eliminam a percepção de desequilíbrios nos ajustes e a conseqüente sensação de injustiça?

Falar em divisão, aqui, pressupõe a ideia de compartilhamento. No âmbito privado das relações entre homens e mulheres, pode-se dizer que os atores envolvidos na administração do lar são chamados a cooperar cada um com a sua parte no desempenho das tarefas domésticas. Essa premissa está de certa forma correlacionada com a construção de relações democráticas, fruto do advento do individualismo contemporâneo. A partir dos anos de 1960 no Ocidente nasce a segunda modernidade e que, segundo Singly (2007:174), foi o momento em que os indivíduos menos individualizados (as mulheres e as crianças) obtiveram um crescimento dos seus direitos. O ressurgimento do movimento das mulheres, baseado nas ideias de Simone de Beauvoir e reexaminadas por Betty Friedan, tornou-se a base de um novo pensamento feminista nos Estados Unidos. Graças ao movimento feminista, uma das insatisfações que se alastrou internacionalmente entre as mulheres foi justamente com o cotidiano. Informadas e mais escolarizadas, as mulheres passaram a buscar outras formas de satisfação pessoal e, desta forma, sociedades mais igualitárias começaram a ser redesenhadas a partir das lutas concretas promovidas pelo feminismo contemporâneo.

A democratização da vida pessoal é um processo menos visível, como aponta Anthony Giddens (1993: 208), porém com implicações muito profundas. O preceito elementar de democracia política - não há direitos sem deveres -

aplica-se também ao reino do relacionamento puro, mais precisamente às conjugalidades contemporâneas ditas igualitárias. O autor traz este conceito de relacionamento para se referir a um vínculo emocional próximo e continuado que se estabelece com uma pessoa e que não é dependente da instituição do casamento e que faz parte da reestruturação genérica da intimidade. Um relacionamento deste formato pressupõe que cada uma das partes manterá a relação enquanto esta lhes for satisfatória. E esta satisfação pode passar pela noção de que a intimidade construída no relacionamento poderá sustentar um equilíbrio entre ações, prerrogativas e responsabilidades que não onere nenhuma das partes.

Diferente da concepção de Giddens, a perspectiva de Brines (1993), supracitada, aponta justamente para o aspecto desnivelador de poder obtido a partir dos recursos pessoais de cada membro de um casal para lidar com a questão do compartilhamento das tarefas domésticas. Não há nessa perspectiva uma preocupação com o equilíbrio dos deveres e direitos entre os parceiros. Essa visão não colabora para uma negociação equitativa entre as partes e, sim, para a manutenção de um *status quo*: trabalha mais (em casa), quem pode menos e quem pode mais é aquele (a) que sabe estrategicamente utilizar seus recursos individuais em prol de um desengajamento doméstico. Certamente essa premissa não está alinhada com uma proposta igualitária de relacionamento, cujo propósito é a busca de equilíbrio das negociações entre os parceiros e não um acerto individualista onde a satisfação do outro fica relegada a um segundo plano.

Saindo um pouco da teoria para o que apontam as pesquisas, o que se tem observado é que as propostas igualitárias de relacionamento vêm esbarrando no retrato de uma realidade menos generosa para com as mulheres. Elisabeth Badinter (1986: 276) relata estudos a respeito das ocupações diárias dos casais na França, Estados Unidos e União Soviética nos anos de 1970, nos quais se apontava que o trabalho doméstico era o menos equitativamente repartido segundo os sexos. A esta constatação, Badinter acrescenta que:

o cansaço das mulheres que trabalham fora de casa engendra ressentimento para com o cônjuge. A era do diálogo logo terminou, substituída por uma espécie de solidão contra a qual se pensava estar precavido, coabitando ou se casando, solidão feita de hostilidade contra o Outro, percebido como explorador.

Relações mais democráticas sofrem uma espécie de abalo quando é retirado o seu cerne que é justamente a possibilidade de um diálogo produtivo. Os incômodos que não são explicitados ficam no lugar do não-dito e tais como ervas daninhas podem corroer as relações (já tão conturbadas) entre os gêneros e com isto incrementar o número de divórcios ou de casamentos infelizes.

Mais de vinte anos se passaram após as afirmações de Badinter e, no entanto, as assimetrias persistem. Parece que a divisão igualitária está um tanto distante do ideal sonhado e o cenário social encontra-se configurado (majoritariamente) por gerações de mulheres que não estão mais envolvidas em batalhas ideológicas e por homens que embora estejam mais próximos do mundo doméstico ainda se vêem balizados pela autorização feminina para transitar nesse território. Mulheres que adotam posturas mais igualitárias solicitam de maneira mais assertiva a cooperação de seus maridos. O fato das competências no domínio familiar estarem atreladas aos papéis de gênero tem colaborado para que a sobrecarga de trabalho doméstico recaia sobre as mulheres. A convocação para a realização das tarefas ainda está sendo orquestrada pelas mulheres e os homens que se dispõem a colaborar ocupam um lugar de coadjuvante nesta parceria para a gestão do cotidiano. Talvez a proposta igualitária dos casais contemporâneos teoricamente se assemelhe à proposta do relacionamento puro de Giddens, porém a práxis parece se aproximar mais da perspectiva de Brines.

2.2 - A revolução industrial e a divisão sexual do trabalho

Antes da industrialização, no período entre os séculos XVIII e XIX, os Estados Unidos a exemplo de outros países ocidentais eram uma sociedade predominantemente rural. Segundo Wharton (2006:18), no cenário daquela época, trabalho e família, encontravam-se entrelaçados com homens, mulheres e crianças trabalhando em conjunto na agricultura e em casa.

De forma similar, na França, conforme descreve Ariès (1990:40), no final do século XIX, início do século XX havia uma indiferenciação dos espaços e das tarefas. As tarefas caseiras e profissionais eram realizadas em simultâneo. No universo dos operários e camponeses franceses, o homem e a mulher trabalhavam às vistas um do outro e ambos de maneira igualmente exaustiva: mulheres faziam uma parte do trabalho produtivo e os homens também faziam os serviços para a casa. Estas relações modificaram-se com o advento da industrialização.

A industrialização veio modelar, enquanto processo, a estrutura e a organização do trabalho, exercendo uma profunda influência sobre família e gênero. Dentre seus legados mais importantes, que particularmente interessa focalizar aqui, Wharton (2006:18) destaca a emergência da domesticidade e do mercado de trabalho. No início do século XX ocorre a junção de duas forças que convergem para transformar as concepções do trabalho, as relações da família e trabalho e os estudos sobre estas relações até quase o final deste período. A primeira força foi a masculinização da força de trabalho remunerada e a construção correspondente da casa como o lugar das mulheres e das crianças. A segunda força foi o crescimento do “moderno” mercado de trabalho.

A industrialização ameniza o trabalho doméstico de homens e crianças e aumenta o da mulher. Cowan (1983) cita vários fatores que contribuíram para esta mudança: os homens deixam de ajudar em casa; surgem novos conceitos a respeito da infância; ocorre uma expansão das responsabilidades maternas e mudanças nas tecnologias domésticas que poupam trabalho, porém, aumentam o tempo necessário para a realização das tarefas. A casa passa a representar o domínio das mulheres e o mundo público passa a ser o mundo dos homens. A era industrial com sua economia capitalista divide as sociedades ocidentais em duas esferas separadas e sustentadas por uma ideologia privada que passa a corresponder às mulheres, que é a unidade doméstica e não remunerada, e a outra pública, a unidade de produção, que passa a corresponder aos homens. Possivelmente nesse período a imagem da dona-de-casa passa a compor mais fortemente a identidade feminina, assim como a do trabalhador e provedor, a identidade masculina.

Esses universos particulares do homem e da mulher tiveram evolução desigual. Enquanto na esfera pública se produziam grandes transformações históricas, a esfera doméstica evoluía lentamente. O trabalho remunerado foi ganhando lugar de destaque social e passou a ser regido por normas que o balizavam. O trabalho doméstico foi ficando à margem, isolado da tessitura social, cujo caráter familiar associado à vida privada relegou a certa invisibilidade e escassa produtividade social.

Para Ariès (1992:42) é a especialização dos espaços que rompe a igualdade conjugal e institui a mulher como empregada do marido. A relação homem-

mulher se hierarquiza novamente, desta vez na divisão sexual das tarefas, trazendo a reboque a questão da desigualdade e da sujeição. A mulher que fica em casa passa a trabalhar *para* o marido. As tarefas domésticas que antes não eram desvalorizadas passam a sê-lo com o aumento do status do trabalho remunerado e ficam exclusivamente a cargo das mulheres. O autor acrescenta que, enquanto a economia se tornava mais monetarizada, o dinheiro poupado nas despesas pelas mulheres passava a contar menos do que o dinheiro obtido pelos homens. Aqui parece estar ancorada a ideia que persiste no imaginário social ainda hoje, de que o papel da mulher na economia doméstica é tido como secundário e complementar, ou seja, o de co-provedora.

A segregação entre as esferas de produção e reprodução que emergiu com o advento da sociedade industrial foi se incorporando ao cotidiano das famílias e conforme Bruschini e colaboradores (2008: 63) afirmam:

a ideologia se encarregou do resto, transformando essa rígida divisão sexual do trabalho em uma divisão “natural,” própria à biologia de cada sexo. A mistificação do papel de esposa e de mãe se concretizou mais facilmente, na medida em que casa e família passaram a significar a mesma coisa, apesar de na verdade não o serem: enquanto a casa é uma unidade material de produção e de consumo, a família é um grupo de pessoas ligadas por laços afetivos e psicológicos.

Estes legados da industrialização ainda estão presentes na contemporaneidade e, embora o padrão não seja mais tão rígido, ainda persiste na unidade familiar através de uma divisão de tarefas domésticas não tão igualitária quanto é professada. A confusão entre os termos casa e família se faz presente, da mesma forma que a mistificação do papel de esposa e mãe. As mulheres transitam nas duas esferas, privada e pública, assim como os homens, embora em níveis distintos de intensidade, envolvimento e dispêndio de tempo. O domínio da casa e o domínio público ainda são correlacionados ao feminino e ao masculino, respectivamente, como domínios de competência dicotomizados desta forma pela ótica sexual. Em suma, a divisão sexual do trabalho ainda persiste, mas é questionada desde que o trabalho doméstico entrou para o debate teórico, como será visto adiante.

2.2.1 - O trabalho doméstico desnudado

Muitos estudos vêm se debruçando sobre o trabalho doméstico feminino desde 1970. Bruschini e colaboradores (2008:66) afirmam que:

A primeira geração de estudos se concentrou exclusivamente na esteira da produção, sem levar em conta o fato de que o lugar que a mulher ocupa na sociedade também está determinado por seu papel na reprodução social. Mais tarde, a análise da condição da mulher a partir de seu papel na reprodução da força de trabalho teria peso considerável na bibliografia, dando origem às primeiras discussões sobre o tema do trabalho doméstico. Mas as pesquisas sobre o trabalho feminino tomaram realmente um novo rumo quando passaram a abordar a articulação entre o espaço produtivo e o reprodutivo (ou da família). Pois, para as mulheres, a vivência do trabalho sempre implicou a combinação dessas duas esferas, seja pelo entrosamento, seja pela superposição.

Para explicar a problemática feminina de opressão buscaram-se analogias que aproximassem o mundo das mulheres do mundo dos trabalhadores. Sob enfoque marxista que durante certo período era predominante nas ciências sociais, buscou-se a valorização do trabalho doméstico através de uma respeitabilidade teórica e uma comparação com o trabalho remunerado e sua ótica do mercado. Muitas discussões sobrevieram no intuito de denunciar a invisibilidade que pesava sobre o trabalho feminino no espaço privado e, com isso, buscar o reconhecimento do seu valor junto à sociedade. Uma enorme massa de trabalho era efetuada gratuitamente pelas mulheres, realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno. Falou-se em reprodução da força de trabalho para qualificar tudo o que se referisse à criação dos filhos. Conforme Oliveira (1991:99) afirma, “fazia-se apelo ao econômico para legitimar o afetivo.” Ainda sob essa ótica Oliveira (1991:98) conta que:

Duas economistas francesas empregaram-se uma na casa da outra como diaristas e realizaram, em troca de um salário, o que faziam de graça em suas próprias casas. Com isso demonstraram o valor de mercado do trabalho doméstico, realidade largamente conhecida nos países do Terceiro Mundo, onde cuidar da casa é responsabilidade da “empregada doméstica”.

Foi com a lente da economia que se tentou atribuir valor ao trabalho doméstico durante um certo período, mas como nem tudo tem valor de troca de mercado, depois de muitas reformulações foi preciso discriminar responsabilidades familiares do trabalho doméstico e reconhecer que o valor social destas atividades está justamente na sua especificidade, que reside numa lógica da gratuidade. Cabe aqui fazer uma distinção também sobre as duas

práticas do trabalho doméstico: o trabalho doméstico não remunerado, realizado no interior da própria casa e do contexto familiar com as divisões e tarefas que estão presentes; e o trabalho doméstico enquanto emprego, isto é, como trabalho remunerado, como venda de força de trabalho para outras pessoas, portanto, como relação mercantil. A discussão desse período de efervescência do movimento das mulheres abriu espaço para que outras reflexões pudessem ser formuladas e assim as análises passaram a abordar o trabalho doméstico como atividade de trabalho tanto quanto o trabalho profissional. De acordo com Hirata e Kergoat (2007: 596) isso permitiu considerar simultaneamente as atividades desenvolvidas na esfera doméstica e na esfera profissional, o que abriu caminho para se pensar em termos de “divisão sexual do trabalho.” As autoras afirmam ainda que:

O trabalho doméstico, que já foi objeto de numerosos trabalhos, quase não é mais estudado; fala-se em termos como “dupla jornada”, “acúmulo” ou “conciliação de tarefas”, como se fosse apenas um apêndice do trabalho assalariado.

O debate sobre a dupla jornada surge entre mulheres, nos espaços do movimento feminista, sobre os problemas que enfrentam para responder às exigências e necessidades das duas esferas. A socialização das dificuldades enfrentadas na vida cotidiana foi transitando dos dilemas pessoais, das impossibilidades, da falta de cada uma para uma dimensão maior: a construção de um problema político e sociológico.

2.3 - Papéis de gênero no âmbito doméstico

2.3.1 - Dona-de-casa-ainda-feliz-com-o-seu-papel?

De acordo com Oliveira e Silva (1989:161) a década de 1950 se caracterizava pela *dona-de-casa-ainda-feliz-com-o-seu-papel*. Nesse período, afirma a autora, a dona-de-casa era descrita como sendo uma supermulher que dava conta de forma superlativa de todos os afazeres da casa e nisso encontrava a sua glória. Como ficaram estas representações com o advento das mudanças sociais, políticas e econômicas e as discussões e contestações sobre a divisão tradicional dos papéis de gênero, sobre o trabalho doméstico e sobre as atribuições ditas “naturais” das mulheres?

Pode-se dizer que há uma certa glorificação hoje da mulher que supostamente dá conta de tudo. Seu território de ação ampliou-se e, diferente

daquela da década de 1950, a mulher contemporânea passou a abarcar os dois universos: o privado e o público. O modelo da supermulher ainda parece invicto embora a roupagem tenha mudado. Se ela já era descrita assim enquanto responsável por um universo somente, o que dizer da mulher que hoje transita também pelo mundo do trabalho?

As mulheres que se desdobram em tantas, se mostram ativas e com mil e uma ocupações e, no entanto, se revelam pouco questionadoras do seu status atual de mulher assoberbada. Isto, segundo Jablonski (1998:165).

(...) está atrelado ao mar de culpas que envolve a mulher que se decidiu “pela rua.” Aqui há reconhecimento, há liberdade, há contato com o outro, mas igualmente a velada acusação de negligência nos cuidados para com os filhos, e a culpa por vastas parcelas de responsabilidade na crise do casamento. (...) a mulher, ao sair para o mundo, deixou a “porta aberta”, com o conseqüente esvaziamento do lar. Culpa por culpa, se essa segunda hipótese ainda é discutível ou questionável, e nem chegou à consciência individual das mulheres, a primeira, que se refere a descuidos no papel que historicamente lhes foi consagrado, se mostra bem mais impactante emocionalmente. O resultado é uma perene sensação de não estar cumprindo um dever a contento, com o remorso, a insatisfação e a dúvida sempre à espreita.

Pode-se dizer então, que o modelo da supermulher (ou multimulher) contemporânea impõe um ônus altíssimo. Paradoxalmente, é graças à idealização deste modelo que as mulheres acabam por fazer, mesmo que involuntariamente, uma conexão com sua humanidade. É justamente a dimensão humana que aponta para as limitações: o estresse, a exaustão, a sobrecarga e a depressão decorrentes de uma tentativa desenfreada de conciliação entre as demandas da esfera profissional e familiar. O exercício pleno e satisfatório de uma multiplicidade de papéis torna-se inalcançável, no cenário atual. E o que resta é a dura constatação de que o limite não é o céu. Essa idéia é complementada por Friedan (1985:84) ao afirmar que:

uma dupla carga de culpa e isolamento que é real assola as mulheres: a culpa pela maternidade menos-que-perfeita e pelo desempenho profissional menos-que-perfeito porque não é possível “ter tudo” quando os empregos ainda estão estruturados para os homens cujas esposas cuidam dos detalhes da vida, e os lares ainda estão estruturados para as mulheres cuja única responsabilidade é cuidar de suas famílias.

De acordo com a autora, o nó da questão encontra-se atrelado a um aspecto estrutural: há um desajuste na engrenagem que articula vida familiar, profissional, e papéis de gênero somados à mistura de padrões novos e antigos de

comportamento que ainda não estão dando conta satisfatoriamente de um novo *modus vivendi*. Pode-se visualizar a situação como dois polos: um representando o passado recente dos anos dourados, cujo território de ação feminina era bem restrito; e o outro, pós-moderno, no qual não há fronteiras visíveis e onde todas as opções (aparentemente) estão à disposição das mulheres. O imperativo contemporâneo parece conclamar as mulheres para que conciliem trabalho e família, contanto que não esqueçam que o seu raio de ação principal (e essencial) é a casa. Embora o papel de dona-de-casa seja apenas *mais* um papel que a mulher exerce, ele ainda é fortemente correlacionado com supostas qualidades inerentemente femininas. Conforme Rocha-Coutinho (2003:96) afirma:

Diferentes discursos sociais continuam a reforçar o antigo papel da mulher na família, como esposa, dona-de-casa e principalmente como mãe. (...) a socialização inicial de mulheres e homens ainda encoraja o desenvolvimento de características essenciais para seus futuros papéis na família como é o caso do desenvolvimento, nas mulheres, de um sentido de interdependência com relação às pessoas, que torna a atividade de cuidar das necessidades dos outros quase que vital para o bem-estar feminino.

Partindo dessa constatação, fica mais claro entender tamanha adesão ao papel de dona-de-casa e o quanto este se encontra entranhado na configuração identitária feminina. Mais do que um papel a desempenhar, com diferentes graus de consciência, muitas mulheres consideram que ser dona-de-casa *está no sangue*. Não é de surpreender que a realidade ainda se apresente assim. A socialização inicial que ocorre nos primórdios do desenvolvimento da personalidade da mulher imprime no seu psiquismo prescrições sociais que a mantém como que numa saia justa, ou seja, com seus movimentos restringidos neste papel. Esta restrição de movimentos não é literal, evidentemente, mas pode ser compreendida ao se pensar no fato de que as mulheres ainda se mantêm reféns da casa. É como se os laços que as prendem ao mundo doméstico fossem elásticos o suficiente para deixá-las ir mais longe, mas não muito, não a ponto de rompê-los. O alargamento do seu território de atuação é uma conquista valorizada socialmente e sobretudo a capacidade de conciliar trabalho e família. No entanto, as mulheres que carregam consigo um senso de dever doméstico excessivo, fruto da história de suas vidas particulares e referendadas pelo entorno cultural e social que avaliza a ideia de que mulher, família e casa são praticamente sinônimas, talvez estejam tomando um rumo equivocado. Ao permanecerem tão aderidas ao papel de dona-de-casa, estas mulheres acabam por sobrecarregar-se e reduzir seus horizontes a um

suposto poder doméstico herdado de gerações passadas e que já demonstrou ter um alcance bastante limitado. Além disto, este poder é um tanto ilusório, visto que não é conquistado e, sim, concedido pelos homens. Que homem está interessado em lutar pela conquista do território doméstico? Conforme Rocha-Coutinho (1994:103) afirma sobre as “rainhas do lar” da década de 1950:

(...) as mulheres deveriam ter poder de decisão e controle apenas naquelas áreas em que os homens haviam renunciado a ele – ligadas geralmente ao espaço da casa e da família e, ainda assim, o controle último deveria sempre caber ao homem. Desta forma, a mulher poderia, por exemplo, se encarregar do cardápio da família, da educação das crianças, e da decoração da casa, mas este cardápio deveria ser organizado em função dos gostos e preferências de seu marido; a escola dos filhos era, em última análise, escolhida por ele, que era também quem dava a palavra final a respeito de se e quando os móveis poderiam ser trocados.

Hoje as mulheres sobrecarregam-se ao não compartilhar (ou por tomar grande parte para si, ou seja, de forma desigual) as tarefas domésticas com seus maridos e/ou com as demais pessoas capacitadas que coabitam o mesmo espaço físico, ao mesmo tempo em que trabalham fora e cuidam dos filhos. É possível dispor de tamanha elasticidade para dar conta de tantos papéis sem ônus para a saúde?

De acordo com Cia e Barham (2008:212) a teoria de *enhancement* ou facilitação analisa como cada envolvimento (profissional) complementa e melhora o outro (familiar) e propõe impactos benéficos dos papéis múltiplos para a saúde do indivíduo e o bem-estar de seus familiares. Segundo esta abordagem, foi possível perceber melhorias na saúde mental de mulheres com envoltimentos profissionais, em relação à mulheres donas-de-casa, melhorando seu desempenho em papéis familiares em função de sua maior auto-estima.

Uma pesquisa conduzida na Inglaterra (McMunn, 2006) traz pareceres consonantes ao indicar que mães que trabalham e têm relacionamentos estáveis costumam ser mais saudáveis do que donas-de-casa, que tendem a ser obesas. Estudiosos analisaram informações sobre mulheres com idade entre 15 e 54 anos e publicaram suas conclusões na revista científica *Journal of Epidemiology and Community Health*. A porcentagem de obesas entre as que tinham "jornada dupla" era de 23%, enquanto que entre as donas-de-casa, 38% eram obesas. Segundo os pesquisadores, os resultados mostram que o estresse gerado pelo acúmulo de funções é superado pelos benefícios de longo prazo. Eles utilizaram dados de

mulheres que participavam do Estudo Nacional de Saúde e Desenvolvimento do Conselho de Pesquisa Médica, que acompanha a saúde de homens e mulheres desde 1946. Foram levados em conta fatores como histórico de empregos, estado civil e se tinham filhos ou não. A análise desses dados mostrou que aos 54 anos as mulheres que tinham tido relacionamentos estáveis, tinham sido mães e trabalhado apresentavam riscos significativamente menores de adoecer em relação às mulheres que não haviam cumprido os três papéis. Mulheres que haviam sido donas-de-casa durante a maior parte da suas vidas e não tiveram um emprego relataram ter a pior saúde, seguidas por mães solteiras e mulheres que não haviam tido filhos. A pesquisadora responsável pelo estudo, Anne McMunn, do Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública, diz que as mulheres que ficam em casa tendem a ganhar mais peso porque costumam comer mais e se exercitar menos. Talvez a questão não seja a multiplicidade em si de papéis que pode se tornar geradora de estresse ou por outro lado, favorecedora de bem-estar, mas sim *como* é gerenciado este transitar por várias esferas; *quais* são as motivações de cada mulher; graus de envolvimento e finalmente com que qualidade e satisfação os papéis são exercidos.

Deixar de ser dona-de-casa não parece ser opcional: desengajar-se total ou parcialmente do mundo doméstico poderá parecer transgressor demais para algumas mulheres; vital para outras; e possivelmente impensável para as mais conservadoras. Além da questão da estrutura psicológica individual; dos posicionamentos ideológicos e da escolarização; os atravessamentos de ordem sócioeconômica poderão também ser impeditivos concretos e intransponíveis para um desengajamento, mesmo que parcial, do mundo doméstico.

De acordo com Diniz e Perlin (2005:23):

as mulheres estão questionando mais os homens. Elas tendem a não aceitar comportamentos de desleixo; ressentem-se com demonstrações de negligência na administração da vida doméstica – incluindo cuidado com os filhos, compras, etc.

Por outro lado, os homens segundo Féres-Carneiro (2001:76):

os homens estão mais acomodados na relação conjugal e não demonstram necessidade de realizar mudanças, enquanto as mulheres estão mais inquietas, se mostram mais desinstaladas, ressaltando o desejo de buscar transformações que possam melhorar, cada vez mais a vivência da conjugalidade.

Mulheres mais questionadoras; outras mais paralisadas e culpadas; homens sendo convocados a uma participação mais efetiva no mundo doméstico e familiar; conjugalidade posta em xeque. Os comportamentos diferem e o grau de satisfação obtido no casamento também, como será discutido mais à frente.

O momento atual é marcado pela pluralidade: configurações familiares diversas, multiplicidade de atribuições, conjugalidades, parentalidades, feminismos. É a era da diversidade de funções, das possibilidades de vir a ser, pelo menos em tese. As mulheres em particular, vêm experimentando diversos papéis, para além dos que giram na órbita do casamento, tais como esposa, dona-de-casa e mãe, há também os de cidadã, trabalhadora e profissional de carreira. No entanto, como sincronizá-los, sendo múltiplas o tempo todo? Sim, é positivo pensar que não se precisa mais fazer escolhas *apropriadas* de atribuições indicadas de forma precisa pela sociedade, visto que o conceito do que é ou não apropriado é relativo, e teoricamente as mulheres cidadãs podem gozar de mais autonomia em suas vidas. Como lidar então, com a frouxidão das amarras? As soluções ainda têm sido em geral individualizadas e pessoais para este dilema imposto pelo modo de ser mais polivalente. Diante destas constatações, pode-se parodiar este subtítulo que faz referência às mulheres dos anos dourados de 1950 e apostar numa expressão talvez mais condizente com as mulheres de hoje: *supermulheres-assoberbadas-com-uma-multiplicidade-de-papéis*.

2.3.2 – Donos-de-casa, por que não?

Donos-de-casa parecem ser uma tendência na Inglaterra segundo o jornal britânico *Daily Mail* citado na BBC do Brasil, de 18 de maio de 2007. Os dados a seguir foram publicados pelo *Office for National Statistics* (departamento nacional de estatísticas britânico) em pesquisa de empregos que inclui 13 razões para inatividade econômica. O número de homens que deixam seus empregos para cuidar dos filhos em casa, na Grã-Bretanha, aumentou em 3 mil para um total de 200 mil no primeiro trimestre de 2007, comparado com o mesmo período do ano anterior.

Segundo a publicação o número de homens que são pais em período integral, subiu 83% desde que os dados oficiais começaram a ser registrados em 1983. No mesmo período, ainda segundo o jornal, a quantidade de “mães de

período integral" caiu quase 25%. Nos casos em que a mulher ganha um salário maior, milhares de casais estão decidindo que o homem deve ficar em casa após o nascimento do primeiro filho.

Este fenômeno teve como consequência uma iniciativa do governo britânico de mudar as regras de licença maternidade e paternidade: o período de licença maternidade remunerada aumentou de 26 para 39 semanas; já os pais passaram a ter direito a duas semanas de licença remunerada a partir da data de nascimento ou até oito semanas após o parto. O governo estuda a possibilidade de aumentar a licença paternidade remunerada para seis meses, mas as mães precisam ter retornado ao trabalho.

Um outro fenômeno interessante é o da associação formada (desde 2001) só por homens e que lançou uma campanha pela igualdade de sexos na Espanha. O objetivo é conseguir direitos e deveres iguais para homens e mulheres em todos os âmbitos, inclusive dentro de casa. O movimento chamado "paridade também no lar" pede aos maridos que se comprometam a dividir as tarefas domésticas. A proposta é da Associação de Homens pela Igualdade de Gênero (AHIGE), que tem o apoio do governo e busca conscientizar maridos e companheiros sobre a importância de equilibrar as responsabilidades intralares. A AHIGE oferece cursos gratuitos de tarefas do lar e se propõe em três dias a ensinar os homens a lavar, passar, cozinhar, costurar, limpar e arrumar uma casa, trazendo à tona com isto a ideia da co-responsabilidade pelo mundo doméstico, embutida na proposta.

Embora esses fenômenos isolados não se constituam numa massa crítica representativa de uma maioria é importante registrar e divulgar as possibilidades de mudanças e flexibilização nos papéis de gênero, especialmente nesses casos que retratam o surgimento de novas posturas entre os homens. Diniz (2009:145) afirma que a desmistificação do peso e do desagrado em torno do exercício de tarefas domésticas e de cuidado com os filhos precisa ganhar espaço entre os homens. Para caminhar na direção de um ideal de modelo dual igualitário de relacionamento não é necessário inverter os papéis de gênero: urge, porém que esses papéis não se mantenham fixos por uma lógica rígida. Uma aproximação (que não seja tímida) dos homens em relação ao mundo doméstico pode ser um facilitador empático: exercer um papel novo até então poderá favorecer uma compreensão maior do lugar ocupado pelo outro, e nesse sentido uma qualidade

maior na conjugalidade poderá ser experimentada. A autora (2009:144) afirma que por envolver também uma desnaturalização do lugar do masculino e do feminino na cultura esta tarefa não é tão fácil de ser concretizada.

Homens que ousam abraçar causas de gênero como os da associação supracitada têm o potencial de provocar reflexões e quiçá rupturas. Exercer um papel historicamente construído como feminino e desempenhar com desenvoltura atividades do mundo doméstico é permitir-se ampliar o repertório identitário, atravessar fronteiras, conquistar uma genuína diversidade de ser; abrir mão de preconceitos de gênero, libertar-se de estereótipos sexuais e avançar a passos largos na direção de uma práxis da igualdade.

A iniciativa da ONG espanhola é respaldada pelo Ministério da Igualdade daquele país, o que ganha uma dimensão de maior estatura. Araújo (2009:19) afirma que sem a participação efetiva do Estado no desenvolvimento de políticas públicas de gênero que garantam práticas de conciliação trabalho remunerado, as famílias procuram soluções de âmbito privado. Equacionar os problemas de desigualdades de gênero é um trabalho complexo que está ligado à articulação de duas esferas: a privada e a pública.

Em pesquisa nacional do Datafolha de 2007 sobre a família brasileira, apenas um exemplo de dono-de-casa foi apresentado: um publicitário cuja esposa bancária é a provedora financeira do casal, enquanto ele assume a paternidade em tempo integral, suspendendo a carreira até o primeiro ano de vida do filho. Embora o entrevistado tenha adotado uma postura mais incomum entre os homens brasileiros, seu discurso ratifica um pensamento bem conservador que revigora os velhos estereótipos sexuais:

É mais fácil cortar o pai nos cuidados com os filhos. Queira ou não, às vezes é mais importante a mãe estar presente, há uma ligação de barriga. Além disso, a mulher faz várias coisas ao mesmo tempo, é multitarefa. Eu me desdobrei, é sofrido. Queimo o arroz, tirando ele [o filho] do banho...Faz falta isso!

O entrevistado utiliza-se do aspecto biológico para reforçar a ideia de que o papel da mulher está inscrito na natureza, seja pela ligação mais visceral com o filho, quanto por uma característica supostamente inata. Ela “é multitarefa” enquanto ele (só ele?) sofre ao se desdobrar e é um aprendiz desajeitado com as lidas domésticas. Este exemplo demonstra que, mesmo posturas aparentemente

vanguardistas encontram-se mescladas com um ideário tradicional que se apoia em fundamentos biológicos para justificar que mesmo um homem que se propõe a trocar de lugar com a mulher, na verdade não está “no lugar certo.” O título da reportagem *Exceção que confirma a regra* endossa o discurso social que enaltece a maternidade em detrimento de uma maternagem (ou paternagem) compartilhada. Neste caso a práxis é moderna, há uma flexibilização dos papéis de gênero, mas o discurso encontra-se defasado.

Badinter (2005:157) critica o uso da diferença biológica como critério supremo da classificação dos seres humanos. A autora afirma que o recurso à biologia concerne unicamente à mulher. O homem nunca é definido por sua capacidade paterna, nem pela importância de seus músculos. E desta forma o que se observa nos discursos sociais é a maternidade sendo apontada como destino e a paternidade como escolha. A mulher torna-se refém da natureza enquanto, como diz a autora, é “lastreada em seu corpo e o homem se liberta disso.” Para que se possa conjugar os verbos ser e fazer igualmente para mulheres e homens, sem condená-los a manter-se regidos pela especialização dos papéis, justificados pelo reducionismo biológico, há que se denunciar a manutenção de estereótipos aprisionantes. Esse combate ideológico que vem sendo feito há mais de trinta anos parece ter que ser reativado vez ou outra, sob risco de tornar mais lenta ou mesmo impedir a marcha para a igualdade. Talvez se precise fazer uma revisão das posturas que se pretende adotar para daí sustentá-las vigorosamente, sem discursos dúbios e capas que encobrem velhas teorias. Discursos como o do entrevistado da pesquisa do Datafolha denotam isso: se é a mulher, a genuína dona-de-casa e mãe (insubstituível), por que os homens precisariam envolver-se com afincos no estabelecimento de uma co-responsabilidade doméstica? Quando se confundem os termos maternagem e paternagem com maternidade e paternidade favorece-se o desinteresse pelo intercâmbio dos papéis, pois se acaba veiculando a ideia de que os cuidados com os filhos são da alçada feminina, esquecendo-se com isto de que somente a maternidade (gestar e amamentar) não é partilhável.

2.4 - Gestão do cotidiano

Silveira (1998:71) revela em sua pesquisa com casais que é no dia-a-dia que residem os maiores impedimentos para um viver criativo:

No cotidiano são confrontados todos os valores pessoais; a ideia de que existe satisfação total é posta em xeque e há tensão gerada pela coexistência de valores por vezes contraditórios. Diante das dificuldades na gestão do cotidiano, alguns poucos casais conseguem partir para o novo e assim encontrar soluções mais satisfatórias para seus impasses. Outros se acomodam, distanciam-se ou fazem inquirições constantes.

O transitar pelo espaço do cotidiano com criatividade tem se mostrado uma tarefa árdua, para homens e mulheres. Há uma tentativa de coordenar o mundo doméstico com suas tarefas de natureza circular, rotineira e interminável e cujas demandas não podem ser postergadas por muito tempo, em contrapartida com a vida pessoal, conjugal, profissional e com o exercício da parentalidade. Este desafio que os casais enfrentam diariamente se torna ainda mais complexo ao se adicionar o fato de que os papéis de gênero estão em plena transição, ou seja, menos claramente delimitados. As barreiras que separavam os territórios de ação dos homens, de um lado, e das mulheres, do outro, foram dinamitados pelo movimento feminista. Desde então, ambos vêm aprendendo a circular nestes domínios de competência do doméstico (os homens menos) e do público (as mulheres mais), enfrentando obstáculos de várias ordens: sobrecarga de trabalho, estresse, busca pelo sucesso e tempo pulverizado pelo cotidiano assoberbado de atividades dentro e fora de casa (especialmente as mulheres). Tais mudanças, como afirma Araújo (2009:10):

(...) não acontecem de forma tranqüila e sem resistências, pois o reordenamento igualitário de papéis, posições e relações, envolve um enfrentamento diário de conflitos e contradições visíveis na reprodução e cristalização de práticas desiguais, no cotidiano familiar.

A criatividade é a base para que os casais possam construir novos modelos de conduta. Articular o que é da ordem do relacional e subjetivo (conjugalidade, parentalidade, relações familiares e as devidas responsabilidades) com o que é objetivo e delegável (tarefas domésticas) envolve uma logística delicada. São muitas as dimensões de cada área a serem contempladas: traços de personalidade de cada cônjuge, capacidade de comunicação, resoluções de conflito, gerenciamento das finanças, atividades de lazer, sexualidade, parentalidade, relacionamentos com a família extensa, práticas religiosas e projetos do casal. Agregam-se a estas os aspectos relacionados à vida profissional de cada cônjuge e as demandas de investimento que cada atividade laboral exige. Todo esse contexto é norteado pelas influências ideológicas que cada membro do casal carrega consigo de suas famílias de origem: crenças, valores, além das prescrições

culturais e sociais sobre os papéis de gênero e suas concepções sobre família. Adiciona-se ainda a estes elementos o cenário sócio-cultural e econômico de cada casal e a exposição que sofrem de valores e normas contemporâneas que os fazem confrontar seus modos de conduta.

Equacionar os problemas advindos da gestão da vida privada que se articulam com a vida pública não cabe somente ao casal e muito menos às mulheres. É preciso, sim, lançar mão de uma certa audácia do pensamento para redesenhar não somente as relações no âmbito privado como também explicitar esse mal-estar no âmbito social. O que está em questão, na ótica de Oliveira (2003:53), é o modo como a sociedade está organizada, como está funcionando o mercado de trabalho, seus espaços e temporalidades, que insistem na ocultação do privado, como se ele não existisse. Na verdade, é graças ao mundo privado e doméstico que trabalhar fora de casa se torna possível. Partindo-se do pressuposto de que, primeiramente é no contexto do mundo privado que os alicerces estruturantes da formação de um ser humano se constroem e é no conforto do lar que mulheres e homens obtêm o repouso necessário para exercer suas atividades laborais. E segundo, é na esfera do mundo público que se exerce o trabalho remunerado, valorizado nas diversas culturas como fonte de possível realização pessoal, assim como responsável pela sobrevivência econômica. Pode-se concluir, então, que as esferas privada e pública são interdependentes e se retroalimentam.

Embora o cotidiano possa ser pensado como algo prosaico na vida das pessoas, sua gestão, no entanto, é complexa e requer ideias inovadoras, caso contrário, corre-se o risco de dificultar o progresso no sentido de criar condições mais satisfatórias para a questão da conciliação família e trabalho. Michalko (2004:49) afirma que, quando só se pensa como sempre se pensou, só se vai manter o que sempre se manteve – as mesmas velhas ideias. Esta é talvez a essência do pensamento conservador que, infiltrado nas mentalidades individuais e sociais, contribui para dificultar ou retardar mudanças. Os casais contemporâneos só conseguirão reformular os ritmos do seu cotidiano mais satisfatoriamente, caso consigam mobilizar-se para incorporar novos modos de relacionamento. Isso implica repensar as relações de gênero e desenvolver a autoria de sua conjugalidade, enquanto fruto de um pensar e agir criativos, eliminando domínios de competência regidos pela divisão sexual. São atitudes

que precisam partir do privado e ser devidamente respaldadas pelo social e público.

Segundo Medrado e Lyra (2002: 24):

É necessário pensarmos que apenas políticas afirmativas específicas à maior participação dos homens nas atividades domésticas não resolvem, pois os pais continuam a trabalhar mais horas que as mães em empregos remunerados. Ou seja, enquanto a sociedade for regida pelo princípio da divisão do trabalho por gênero, teremos barreiras para que homens e mulheres assumam mais ou menos atividades públicas e privadas em consonância com suas orientações individuais. Assim as mulheres continuam a assumir desproporcionalmente, grande parte das responsabilidades familiares, especialmente aquelas referentes aos filhos, e os pais continuam responsáveis primários pela manutenção material do lar.

O mundo doméstico não é mais o mundo das mulheres, assim como o mundo público não é mais o mundo dos homens. Neste capítulo privilegiou-se falar sobre o mundo doméstico, mas como se pode observar o reporte à esfera pública é inevitável, o que demonstra a impossibilidade de tratar de um sem fazer referência ao outro.

3.

Des-igualdades de gênero

*Nosso corpo nos pertence!
O privado também é político!
Diferentes, mas não Desiguais
Quem ama não mata*

*Constituinte pra valer tem que ter palavra de mulher
(Slogans feministas)*

“ No novo amor a palavra respeito precisa substituir a palavra concessão.”

Flavio Gikovate

Ao usar o hífen no vocábulo desigualdade procura-se criar um afastamento gráfico e destacar assim o prefixo *des*, que no dicionário Houaiss (2001) exprime sobretudo: oposição, negação ou falta. Com esse recurso, trata-se de criar um respiro, um espaço, um silêncio, um intervalo, um descolamento, para que seja possível discutir neste trabalho, as *des-igualdades*, sem esquecer-se de destacar caminhos possíveis para alterar a realidade das relações de gênero ou evitar cair em discursos que *oponham* os sexos ou *neguem* suas diferenças ou, ainda, silenciem diante da *falta* de igualdade.

3.1 - Feminismo contemporâneo: reviravolta na definição dos gêneros

A segunda onda do movimento feminista foi, na verdade, um ressurgimento do movimento das mulheres, fenômeno cultural e político de grande amplitude e velocidade de difusão que teve a sua primeira fase baseada na luta pelo direito ao voto, no período do final do século XIX e início do XX. O feminismo contemporâneo, nos anos de 1960, acontece simultaneamente a outros eventos marcantes do mundo ocidental tais como a luta dos negros americanos contra a segregação racial; os protestos contra a guerra do Vietnã; o movimento hippie; o surgimento da pílula anticoncepcional, dentre outros. De acordo com Schumacher e

Brazil (2000:229), em sua segunda fase, desta vez apoiado principalmente pelas ideias da filósofa francesa Simone de Beauvoir sobre a condição feminina de submissão ao homem, o movimento se espalha pelos Estados Unidos. A obra de Beauvoir, *O segundo sexo*, é reexaminada por Betty Friedan, ícone do feminismo americano que agrega novas formulações para a reorganização do movimento de mulheres. Uma crítica radical é construída pelas ideias que são divulgadas e difundidas no mundo inteiro, teoricamente e na prática, em relação ao modelo tradicional do que é ser mulher.

No Brasil, os acontecimentos em curso no plano internacional causaram enorme repercussão. Foi num contexto de crise da democracia e construção de novos modelos sociais que emergiu o feminismo organizado dos anos 1970. A nova onda feminista se viu diante de várias frentes de luta: contra a ditadura militar, a supremacia masculina, a violência sexual e pelo direito ao prazer.

O feminismo contemporâneo foi o motor das transformações mais efetivas na vida das mulheres, tais como: a entrada maciça no mercado de trabalho; a conseqüente independência econômica; a faculdade de sair de um casamento insatisfatório; a liberdade sexual; a maternidade como opção e não mais como um destino; a perspectiva de relacionamentos mais igualitários; a conquista da cidadania. O declínio do papel do homem como provedor e da autoridade paterna; a alteração de status social da mulher; o fim do patriarcado e a conseqüente mudança da família hierárquica para a família igualitária foram outras alterações que vieram a reboque do movimento feminista. Com esta avalanche de mudanças, as relações entre os sexos sofreram um abalo que se faz sentir até os dias atuais: as mulheres mudaram e, por conseguinte, os homens também, mas não necessariamente no mesmo ritmo. Badinter (2005:145) afirma que embora as mulheres considerem lentos demais os avanços, e eles rápida demais a partilha de seus despojos, ambos, na sua maioria têm vontade de viver e conviver melhor. A autora afirma também que a razão primordial do feminismo, consideradas todas as tendências, é instaurar a igualdade entre os sexos e não, melhorar as relações entre homens e mulheres. Um é o objetivo, o outro é uma conseqüência possível.

O termo gênero ganhou destaque no meio acadêmico, num primeiro momento, como instrumental para estudar a condição feminina. Este conceito sofreu alterações cujo alcance foi ampliado e que se estendeu para a análise da

questão das desigualdades na relação de gêneros. É graças aos estudos de gênero que a reviravolta das definições dos papéis sexuais pode ser mais bem compreendida, assim como os elementos constitutivos e mantenedores de tais desigualdades.

3.2 - Definições e usos do termo “gênero”

O uso do termo gênero ganhou ênfase como categoria de análise sociológica do trabalho e da família nos anos de 1970 e, desde então, várias concepções foram sendo criadas, reformuladas e ampliadas, passando a coexistir no universo das ciências sociais. De acordo com a perspectiva essencialista, o termo gênero tem sido utilizado para denotar características psicológicas e sociais – masculino/feminino – seguindo uma lógica binária do modelo biológico macho/fêmea. Já a perspectiva culturalista apresenta gênero como uma representação simbólica das diferenças sexuais que provêm da socialização e da cultura e são internalizadas por mulheres e homens.

Segundo Gerstel e Sarkisian (2006: 238), os estudos que se voltam para o mercado de trabalho utilizam e elaboram estas definições de gênero. Há também o enfoque estrutural que considera a categoria gênero como sendo a chave do princípio da estratificação do trabalho doméstico e do trabalho remunerado: modela as instituições que subordinam as mulheres aos homens, tais como a economia, a família e o Estado. Este enfoque é bastante utilizado pelas análises de mudança no mercado de trabalho e pelas políticas públicas.

Outro conceito de gênero que passou a ser utilizado pelos estudiosos foi o de gênero relacional. Dentro desse enfoque, pode-se afirmar que mais do que *ser*, as pessoas desempenham papéis nas suas relações. Pensar em gênero relacional pressupõe dizer que, mulheres e homens desempenham papéis entre si, mas não se limitando aos gêneros, pois estas performances se estendem para outras situações em que não estão frente a frente. A introdução do caráter relacional segundo Araújo (2005:42):

(...) levou a uma revisão dos estudos centrados nas mulheres e apontou para a necessidade de estudos sobre as relações de gênero, uma vez que a história das mulheres não pode ser revista separada da história dos homens. O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, não são esferas separadas. Tomá-las como esferas separadas reforça o mito de que a experiência de um sexo tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo.

Refletir sobre as relações de gênero significa lançar um olhar mais abrangente que não se restringe somente às relações entre homens e mulheres, mas também *entre* homens e *entre* mulheres. Fazer uma releitura sobre o entorno cultural por onde transitam estes atores sociais, sem deixar de incluir outros elementos como a linguagem, os meios de comunicação, a política, a religião, a economia, dentre outros, é fundamental, pois pode ampliar o entendimento das forças que influenciam os comportamentos. A inclusão destes outros elementos influenciou a proliferação dos diversos enfoques sobre gênero.

3.2.1 - Teorias de gênero

Segundo Coltrane (2001:432), a abordagem mais popular que surgiu nas últimas décadas é a das teorias de construção de gênero, que sugere que homens e mulheres executam tarefas diferenciadas porque tais práticas, afirmam e reafirmam suas identidades de gênero, e assim reproduzem uma interação ordenada entre os sexos. Responsabilizar-se por determinadas tarefas domésticas e desempenhá-las é uma oportunidade para demonstrar, a si próprio e aos demais, o quanto se é um membro competente de uma categoria sexual, com capacidade e desejo para desempenhar apropriadamente comportamentos de gênero.

O autor (2001:434) afirma que a teoria socialista-feminista por sua vez enfatiza o dualismo dos sistemas capitalista e patriarcal, com uma análise sobre o trabalho doméstico que se estende às instituições e contempla, primordialmente, o quanto aspectos raciais, de classe social e gênero se constituem em hierarquias relativamente autônomas no sistema mundial. Nesta vertente, investigar somente as atitudes desempenhadas pelos papéis sexuais não revelará como a divisão sexual do trabalho serve aos interesses do homem e do capitalismo. Esta teoria captura o aspecto político presente nas relações de gênero e transcende o aspecto microssocial ao articulá-lo com o macrossocial, destacando as relações de poder presentes nestas instâncias.

O mundo é constituído de homens e mulheres e as questões de gênero atuam como uma grande teia que permeia as diversas camadas sociais, impondo problemas que requerem intervenção. Um desses problemas é a desigualdade de gênero, que se desdobra ao longo de diferentes épocas e contextos sócio-

econômicos. A autora portuguesa, Neves (2007:622)¹, sintetiza bem o que ocorre nas relações de gênero:

Na realidade, as relações sociais de gênero constroem e determinam papéis, funções, comportamentos e expectativas sociais sobre o amor e a intimidade, não facilmente transponíveis, nem abandonáveis. E fazem-no impondo espaços diferenciados para homens e para mulheres (colocando os homens no espaço institucional ou público e empurrando as mulheres para o espaço doméstico ou privado), valorizando assimetrias entre os sexos (usando o argumento dos desideratos biológicos e das dissemelhanças naturais), cimentando hierarquias onde o masculino é sinónimo de autoridade, de poder, de controlo e de eficácia e o feminino é sinónimo de vulnerabilidade, sensibilidade, subordinação e dependência, criando uma cultura de direitos e de deveres assente nas diferenças sexuais e fomentando a proliferação de discursos *gende-rizados* (profundamente menorizantes para as mulheres).

Aqui estas desigualdades são detectadas e analisadas, principalmente: na divisão do trabalho doméstico; por extensão, no compartilhamento parental, já que o foco está voltado para homens e mulheres que têm filhos; e no uso do tempo entre mulheres e homens, juntamente com seus efeitos na articulação com o mundo do trabalho. O fato de se tratar de uma pluralidade de situações onde se percebem assimetrias permite, então, que se fale em *desigualdades*. Esse problema parece central na vida privada dos casais e, enquanto estiver presente, precisa continuar sendo denunciado e trazido para discussão. Para assim poder produzir, mesmo que lentamente, mudanças a ofertar para as gerações seguintes. A seguir, serão apresentadas as ideologias que regem as relações entre homens e mulheres.

3.2.2 - Ideologias de gênero: tradicional, igualitária, transicional

Ser um bom homem ou uma boa mulher no meio familiar implica em corresponder ao que é prescrito culturalmente para cada papel. Ideologias tradicionais, igualitárias e transicionais fomentam alguns comportamentos de gênero correspondentes.

A centralidade do trabalho na identidade masculina corresponde à ideologia tradicional do papel do provedor. No século XIX, o termo *breadwinner* foi cunhado para designar aquele responsável por prover o “pão” e, desde então, esta ideia continua presente na cultura ocidental em graus variados, em diversos

¹ Texto no original em português de Portugal

países. Segundo esta ideologia, um bom homem será prioritariamente considerado responsável pelo sustento do lar e os seus proventos serão os principais da casa. O forte investimento na carreira está atrelado a essa atribuição, que faz com que os homens se dediquem mais inteiramente à busca de uma colocação no mercado de trabalho. Para Zvonkovic (2005:412), esse aspecto faz com que as contribuições econômicas das mulheres fiquem subordinadas às contribuições de seus maridos.

A centralidade da mulher na família é outra faceta da ideologia tradicional de gênero que sustenta os papéis de esposa, mãe e dona-de-casa. Dentro dessa visão, a mulher é tida como a responsável principal pelos cuidados da casa e de seus membros. Cada faceta da ideologia tradicional é complementar à outra, o que produz comportamentos de gênero onde um cônjuge, no caso a mulher, se subordina economicamente ao marido. Outros efeitos, advindos desta concepção mais tradicional de relacionamento de gênero, residem no status diferenciado e hierarquizado ocupado por cada cônjuge. Esta ideologia promove um desequilíbrio de poder entre os pares, onde a mulher torna-se o membro mais “desempoderado”.

A ideologia igualitária de gênero, por sua vez, rejeita a hierarquização, o autoritarismo e privilegia o diálogo entre os gêneros. Dentro dessa visão, os homens não precisam fazer concessões às mulheres, visto que nada a eles pertence: nem a mulher, nem o poder sobre ela ou sobre as decisões do casal, nem sobre o uso do tempo. Sem hierarquias, não há chefes da casa e sem autoritarismo, não há quem detenha poder absoluto sobre os demais membros da família.

Homens com uma visão mais igualitária do relacionamento a dois, certamente rejeitarão a ideia de que as mulheres estejam o seu serviço e tenham que sacrificar o tempo delas em favor do seu. Talvez algum resíduo cultural machista ainda se faça presente, posto que os homens são herdeiros dessa cultura. Como tal, podem internalizar tão bem a atitude que se espera deles em termos de papéis e comportamentos masculinos, que muitos se tornam incapazes de fugir deste lugar de provedor principal, mais envolvido com o mundo público e desprovido de responsabilidade quanto às lidas domésticas. Pode ser também, que não haja um interesse genuíno em deixarem de “ser incapazes” como mostra Kaufmann (1992:186), ao desvendar as táticas de que lançam mão os homens, ao aceitar participar das tarefas domésticas, mas conseguindo não fazer direito aquilo

que lhes é solicitado ao se justificar com esquecimentos, pedidos de desculpas e assumindo “o clássico” papel de aprendiz e conforme o autor nomeia de *le mauvais élève*². Esse suposto *mau aluno*, em geral, não toma iniciativa e se mantém num lugar secundário na dinâmica familiar, ou seja, não abraça maiores responsabilidades no universo doméstico que historicamente nunca lhe pertenceu.

Uma consciência maior da transição dos papéis de gênero, no entanto, poderá interferir no comportamento masculino produzindo conflitos internos importantes, assim como sentimentos de culpa, autocrítica e um reconhecimento de que negociações conjugais precisam ser feitas e são trabalhosas. Uma conjugalidade genuinamente igualitária desconstrói lugares rigidamente demarcados pela ótica sexual e pressupõe um trabalho democrático de equipe.

Por sua vez, as mulheres com mais poder e imbuídas de uma ideologia igualitária, exigem maior cooperação de seus maridos e se posicionam de forma a não se sentirem mais responsáveis pela casa do que seus parceiros. As mulheres que comungam desta ideologia são mais desengajadas do mundo doméstico. Elas constroem sua autonomia a partir disto e em conjunto com a independência econômica proporcionada pelo investimento na carreira. Anseiam, como afirma Singly (2007:153), que os territórios codificados classicamente como femininos se tornem conjugais e vivenciam a existência de fronteiras marcadas sexualmente como ameaça à sua satisfação profissional.

Quanto mais igualitária for uma relação conjugal, certamente menos necessária será a intervenção das mulheres no sentido de convocar seus maridos a ajudá-las nas tarefas caseiras. A iniciativa masculina ocorrerá espontaneamente, quanto mais afrouxados estiverem os papéis de gênero e mais desvinculadas as tarefas da divisão sexual do trabalho, ou seja, quanto mais imprecisa for esta definição dos domínios de competência. A ajuda assim, não marcará um lugar de auxiliar ou coadjuvante a ser ocupado pelos homens e, sim, poderá ser simplesmente considerada como uma cooperação recíproca entre os cônjuges.

Talvez no caso das mulheres se possa ainda encontrar uma espécie de *machismo residual invertido* (um machismo sutil às avessas) que corresponderia a

² Mau aluno

não abrir mão de um poder historicamente construído que lhes atribui o domínio da casa. Para mulheres com uma visão ideológica tradicional mais arraigada, compartilhar a organização da casa, talvez seja sentido como uma espécie de perda de poder e, em certo nível, um abalo na sua configuração identitária. Conforme Diniz (2005:25) afirma, isto talvez ocorra pela manutenção do mito social de “rainha do lar”, ou mesmo por receio ou culpa de perder o domínio de uma área da qual, durante muito tempo, foi a principal especialista.

Uma ideologia igualitária estará mais atrelada a uma visão democrática da intimidade e da condução de um relacionamento amoroso contemporâneo. Casais identificados com uma ideologia igualitária rejeitarão a hierarquia de gênero e o autoritarismo em seus relacionamentos. Com isso, talvez seja possível encontrar homens e mulheres mais humanizados e menos prisioneiros de prescrições culturais e ideológicas e, assim, menos culpados e mais despojados de sentimentos de inadequação.

No entanto, a ideologia de gênero segue num continuum e a dicotomia que a classifica em tradicional ou igualitária pode ser considerada um tanto arbitrária, conforme Lavee e Katz (2002:29) afirmam. Segundo estas autoras alguns indivíduos e suas famílias não são nem puramente tradicionais, nem puramente igualitários. Nos seus comportamentos de gênero pode ser observada uma mistura de concepções e atitudes com características de ambas as ideologias. Mudanças observadas em casais com postura mais igualitária, e que recuam a posturas mais tradicionais em relação à família e ao trabalho quando têm filhos (Brasileiro, 2002; Gerstel e Sarkisian, 2006) podem atestar com este comportamento a presença de uma ideologia transicional. Essa ideologia mais intermediária, talvez possa ajudar a compreender o *gap* observado entre o discurso social vigente de uma proposta igualitária e as práticas tradicionais nas relações de gênero contemporâneas.

3.2.3 - Ideologias de gênero e o trabalho doméstico

Gersten & Sarkisian (2006:245) procuram examinar a relação entre ideologias de gênero e trabalho doméstico. O que se tem observado é que quanto mais igualitária for a ideologia de gênero do marido, maior será o tempo que ele despenderá com as tarefas caseiras; e a mulher, por sua vez, cuja ideologia de

gênero for mais igualitária, dedicará menos do seu tempo para tais afazeres. Qual a ideologia que importa mais, a da esposa ou a do marido? Há controvérsias a esse respeito. Alguns autores sugerem que, mais do que as atitudes do cônjuge, são as atitudes da própria pessoa, que afetam mais diretamente o seu envolvimento com o trabalho doméstico; enquanto outros argumentam que, são os acordos entre os cônjuges que importam mais.

Segundo as autoras acima, o seu corpo de pesquisas a respeito das ideologias de gênero apresenta explicações variadas sobre o poder explicativo da perspectiva cultural. Por um lado, a pesquisa sobre ideologias de gênero parece sugerir que a cultura desempenha um papel determinante na alocação do trabalho doméstico, enquanto na maioria dos estudos a ideologia participa minimamente desta variação entre homens e mulheres. Há também a constatação de que, a pesquisa que examina os efeitos das ideologias no trabalho doméstico, não aborda *como* as características dos empregos dos cônjuges afetam as ideologias.

Por fim, seja qual for a causa para a distribuição desigual por gênero, o trabalho doméstico produz limitações para as mulheres atingirem sua independência econômica. As mulheres abraçam um maior número de atividades caseiras, gastam mais tempo com elas e com isto favorecem o envolvimento maior de seus esposos com a carreira deles, em detrimento da sua. O que leva os homens, por sua vez, a aceitar este lugar concedido pelas mulheres? A seguir são apresentadas justificativas para explicar o desengajamento masculino em relação ao afazeres domésticos.

3.2.4 - Homens “domesticados” versus homens “de verdade”

Parece que um dos motivos que levam os homens a relutar a se envolver mais ativamente com as tarefas caseiras está ligado à associação que fazem com “trabalho de mulher” (expressão depreciativa) e a conseqüente ameaça à masculinidade que a aproximação com o universo feminino, teoricamente, poderá trazer. Arrighi e Maume (2000:469) apresentam um rol de aspectos tradicionais, derivados desta associação, detectados em diversas pesquisas e que justificam a atitude de esquivar-se em relação ao trabalho doméstico: os homens não são socializados a cuidar da família da mesma forma que as mulheres e, sim, através de meios econômicos; as responsabilidades masculinas de trabalho assumem uma

estrutura de sustento familiar, o que lhes permite concentrar seus esforços na atividade remunerada; os homens que exercem o papel de provedores, podem se sentir no direito de sustentar a família; os homens da classe trabalhadora veem o trabalho como sua principal contribuição para a família; as concepções masculinas podem ser ameaçadas quando as mulheres tentam se tornar provedoras ou quando demandam a contribuição dos homens no trabalho doméstico; por não serem educados para serem cuidadores, os homens entendem que é o seu papel de provedor que chancela sua masculinidade; os homens que se reconhecem como bem sucedidos, resistem ao trabalho doméstico exatamente por isto; engajar-se no trabalho doméstico é demonstrar para o cônjuge e para os outros a sua inabilidade de seguir as prescrições culturais que definem a masculinidade; homens mais dependentes financeiramente de suas esposas contribuem menos com as atividades domésticas do que as mulheres na mesma situação; homens cujas esposas ganham salário igual ou superior a eles restauram sua identidade masculina ao evitar qualquer trabalho doméstico.

Arrighi & Maume (2000:478) verificam um *link* entre os desafios para a identidade do homem no mercado de trabalho e o seu comportamento em casa. Partem de uma perspectiva de gênero mais recente, que rejeita a ideia de trabalho e casa serem esferas separadas. De acordo com esta visão, o sistema de dominação masculina no trabalho reforça sua dominação em casa e vice-versa. A subordinação a que se submetem os homens no mundo do trabalho afeta fortemente seu (des) engajamento nas atividades domésticas. Isso se explica pelo fato de os homens se autodefinirem pelo seu controle e autonomia no ambiente de trabalho; dessa forma tudo que ameace sua identidade pode gerar neles uma maior resistência em abraçar a dupla jornada: ao contribuir com os trabalhos domésticos, sentem como se estivessem assumindo uma identidade *feminina* em casa.

O papel de provedor está visceralmente atrelado à identidade masculina, enquanto os papéis de cuidador ou de dono-de-casa não estão. Ser provedor confirma que a masculinidade foi construída com sucesso; já as competências domésticas que porventura os homens possam ter desenvolvido, não interessam ao mercado de trabalho e não são vistas como algo que possa incrementar sua virilidade. Como corresponder ao papel moderno do homem, mais implicado na vida familiar? Como atender ao número crescente de mulheres que exigem maior

participação de seus maridos? Será que as mulheres estão clamando por ajuda ou por iniciativa? Parece que muitos homens ajudam mediante solicitação o que, no entanto, perpetua o lugar de assistente e não de parceiro, tão responsável quanto a mulher pela organização do espaço doméstico compartilhado. Será que isso é um dilema para os homens? Que papel afinal o homem quer ocupar e que desafios se propõe a enfrentar?

Um antagonismo parece impor-se aos homens que se questionam minimamente em face do triângulo público-privado-doméstico: aqueles que se dispõem a participar de maneira igualitária das divisões de tarefas caseiras correm o risco, aparentemente, de serem rotulados como menos homens pelos seus supervisores, gerentes e pela sociedade que prescreve e define culturalmente a masculinidade. E isso corresponderia a um fracasso, no sentido de não se encaixarem num ideal de modelo masculino, fortemente arraigado em diversas culturas, e que pressupõe que o mundo doméstico não lhes diz respeito, em termos de responsabilidades e organização.

Dentro dessa perspectiva, o controle e a autonomia exigidos pelo trabalho remunerado, associados à evitação do trabalho doméstico tornam-se importantes para a manutenção da identidade masculina. Sendo assim, para os homens que investem inteiramente na profissão, um envolvimento profundo com o mundo doméstico talvez seja da ordem do impensável. Simbolicamente, se tornariam “domesticados”, menos homens e colocariam em risco a crença da existência de *um homem de verdade*, em torno do qual todo menino é socializado e que é como afirma Nolasco (1997: 24):

(...) uma identidade de fachada. A masculinidade tem sido um ideal problemático, pois se configura no modelo do homem de verdade para o qual existem muitos outros que não o são. O macho e a “bicha”, o bem-sucedido e o fracassado, o forte e o fraco, o público e o doméstico, são polaridades que demarcam um referencial de masculinidade.

Se a dimensão pública é o polo que demarca o extremo positivo e a dimensão doméstica, o seu polo oposto, quanto mais próximos deste estiverem os homens, mais enfraquecida se tornará a identidade masculina.

Outra explicação para o distanciamento que os homens tentam manter em relação ao mundo doméstico é fornecida por Calligaris (2009:20):

A maioria dos homens vive entre a padaria, o bar, o escritório e a casa. E eles se relacionam muito mal com essa vida cotidiana. Uma grandíssima parte de sua existência é sempre vivida como se não fosse o que eles deveriam estar fazendo. Falta-lhes a dimensão da aventura, do heroísmo, (...) além do papel de provedor, o aventureiro seria outra figura que representaria a totalidade do leque possível da masculinidade. Não há espaço para que ele toque nem de perto a constelação de imagens que culturalmente constituem o universo de figuras masculinas com as quais sonhou. Para o homem é muito difícil comprar o gás se ele está *viajando* naquele momento, querendo ser dom Pedro às margens do Ipiranga. É isso que está na cabeça dele na hora do supermercado.

Ora, a vida doméstica requer um saber prático desprovido de encantos e marcada por uma rotina cíclica interminável. Como incluí-la na vida masculina? Como torná-la minimamente atrativa posto que faz parte da existência humana e é constitutiva do ser humano – seja ele homem ou mulher?

Nem todos os homens são “aventureiros” ou levam uma existência fascinante embora muitos o desejem. Outros, nem sequer ousam desejar algo mais extraordinário, pois sua capacidade de sonhar se atrofiou ou a vida que levam é limitada demais para favorecer a concretização de certos sonhos. Há os que em algum nível conseguem equilibrar seus anseios diversos e mitigar a fome de peripécias e heroísmo. Seja como for, a ideia de que *nem só de pão vive o homem* parece embutida nessa resistência a um envolvimento maior com a vida cotidiana e, nesse sentido, se pode afirmar que tal anseio parece mais ser da ordem do humano do que de uma necessidade exclusivamente masculina. Um dos estopins do movimento das mulheres foi justamente ter-se detectado “um mal que não tem nome”, uma angústia experimentada pelas mulheres, fortemente ligada a um profundo incômodo perante uma vida cotidiana limitada, que não permitia que estas migrassem em outras direções.

Uma visão dos anseios menos vinculada a gênero pode auxiliar homens e mulheres a compartilharem suas tarefas cotidianas, de forma a que se preserve um espaço para a fruição dos momentos e com isto talvez se possa pavimentar o território da conjugalidade, favorecendo uma aproximação com o ideal da igualdade e da realização pessoal. Será possível que homens e mulheres, na marcha para uma igualdade relacional, possam vislumbrar uma vida onde rotina e aventura se mesclam em dosagens mais equilibradas, sem que para isto um dos integrantes do casal precise numa miríade de situações, abrir mão de si em prol do outro?

Para Arrighi e Maume (2000:469) enquanto cônjuges interpretarem o trabalho doméstico e o cuidar da família como sinônimos, a mulher continuará sendo considerada a principal responsável pela casa. O mesmo valendo para a noção, ainda prevalente em algum nível, de que os homens são os provedores por excelência: enquanto se pensar dessa forma, os homens continuarão evitando participar ativamente da vida doméstica. Para estes autores, estas são interpretações equivocadas, fomentadoras de desequilíbrios nos pratos da balança da conjugalidade pretensamente igualitária. Este desequilíbrio está enraizado em ideologias de gênero tradicionais que colidem com ideologias igualitárias mais recentemente incorporadas. Os autores acreditam que é o fator gênero que mais influi sobre a divisão do trabalho doméstico.

Conforme foi visto, há um entrecruzamento e uma sobreposição de elementos que regem o imaginário e o comportamento masculino no que tange o envolvimento com o mundo doméstico, endossados pelas normas sociais e pelos arranjos feitos com suas esposas. Na ânsia de acatar as prescrições sociais, o que parece ter um peso maior para os homens (especialmente os menos igualitários) é uma preocupação puramente egóica: a manutenção a todo custo de uma identidade de gênero, com vistas a não se sentirem diminuídos diante dos outros homens e com uma fronteira bem delimitada em relação ao suposto mundo das mulheres.

3.3 - O epicentro das desigualdades: o casamento contemporâneo

Os casais e o casamento contemporâneo diferem profundamente, visto que os relacionamentos amorosos estão menos atados às tradições de um passado recente como os da década de 1950. Parece que a família nuclear urbana, similar a dos anos dourados está em pleno ocaso. Com o primado do individualismo contemporâneo, as pessoas ficaram mais livres para formarem seus pares, sem ter que seguir os modelos de suas famílias de origem e assim as configurações familiares vêm ganhando um formato próprio. No entanto, parece que a cultura ainda não fez arranjos adequados para lidar com os efeitos de toda essa liberdade, especialmente no que tange a assunção das responsabilidades familiares ainda mais atribuídas às mulheres.

O cenário atual apresenta configurações familiares diversas. Dentro desse contexto, é possível observar um movimento promovido pelos casais, que se formam, se desfazem e se refazem, ou seja, surgem os casamentos, as separações

e os recasamentos. Uma frase emblemática que traduz bem esse momento familiar é proferida por Vera, uma das entrevistadas na pesquisa sobre a família brasileira, do Datafolha de São Paulo (2007: 58): “*Aqui somos os meus, os seus, os nossos e os dos outros.*” Ela se refere aos filhos do seu primeiro casamento, os do casamento anterior de seu marido, os filhos em comum com este e os filhos que decidiram adotar. Num só exemplo é possível ver refletidas as várias mudanças de uma época: a permanência da instituição do casamento, apesar da possibilidade da separação; o recasamento que traz a reboque, a inclusão dos filhos de casamentos anteriores, somados aos do casamento atual e ainda a família adotiva.

Carter & Mcgoldrick (2001:18) consideram equivocada a concepção de casamento, como sendo a união de dois indivíduos. Para estes estudiosos, o casamento representa a modificação de dois sistemas inteiros e uma sobreposição que desenvolve um terceiro, ou seja, o sistema individual de cada cônjuge representado pelo seu contexto familiar de origem e um terceiro que é criado pela junção dos dois. Em tempos de configurações familiares diversas, pode-se dizer que tais sistemas são afetados pelo divórcio, pelo recasamento, pela junção da prole de cada membro do casal quando há, pela criação de novos filhos e até pela inclusão de filhos advindos de outros sistemas. Parece que se está diante de formatos familiares complexos, que incluem ainda as famílias monoparentais e os casamentos homo afetivos.

Para os mesmos autores (2001:18), homens e mulheres têm concepções e expectativas diferenciadas sobre o casamento. Os ganhos obtidos na vida a dois também parecem variar entre os sexos. Entre as expectativas que antecedem a realização do casamento e a experiência propriamente dita de uma conjugalidade sob o mesmo teto, há um hiato que separa sonhos e medos, de frustrações e surpresas positivas.

No intuito de discutir e ilustrar as peculiaridades de uma realidade que se apresenta diferenciada para homens e mulheres, não somente em termos de expectativas, como também em relação a ganhos e perdas obtidas dentro do casamento, serão analisados em separado o casamento *dele* e o casamento *dela*.

3.3.1 - O casamento *dele*

O casamento parece se apresentar mais satisfatório para os homens. Eles entram ambivalentes na vida a dois e temem cair numa armadilha, que na verdade não se configura desta forma. O lar se apresenta como um porto seguro, um lugar para relaxar, pois não se sentem *tão* exigidos nem *tão* responsabilizados pela organização do mundo doméstico. Na verdade, atuam como coadjuvantes que ajudam quando necessário ou quando são requisitados. As mulheres casadas têm se sobrecarregado mais ao executar um maior número de tarefas domésticas do que os homens. Esta realidade é apontada por Coltrane (2001:441) no artigo em que revisa mais de duzentos trabalhos e livros a respeito de temáticas sobre a vida intralçar cobrindo a década de 1990. Para onde então é dirigido o tempo que os homens não consomem na vida doméstica?

De acordo com Bianchi, Robinson e Milkie (2006:135) é mais provável que os homens gastem menos tempo a sós com seus filhos, sugerindo que eles gastam mais tempo consigo próprios do que as mulheres. O tempo que não é gasto com o trabalho doméstico e com os cuidados com os filhos parece ser canalizado para um dos investimentos que os homens ainda fazem com certa liberdade: a carreira profissional. Nos arranjos matrimoniais mistos, onde um cônjuge pode estar mais envolvido com uma carreira e o outro (geralmente a mulher) com um trabalho, ocorre o seguinte fenômeno nas palavras de Diniz (1999:36):

Se é o homem quem possui a carreira, existe uma maior tendência de conformidade aos papéis à norma social já que ele ocupa posição de maior destaque econômico e social. Entretanto, se é a mulher que possui a carreira, o arranjo foge da norma socialmente preconizada e pode gerar mais conflito. A literatura mostra que casais onde a mulher possui maior nível educacional e, em decorrência desse fato, ocupa posição de maior status e ganho financeiro, tendem a um índice mais alto de separação.

A identidade de gênero masculina fica assim intocada com o fato da carreira, que se constitui num de seus alicerces, ser favorecida pelo incentivo e apoio que recebe das mulheres e que é respaldada pelo casamento. Um dos fardos que o homem da década de 1950 carregava era o de ser o provedor absoluto, o responsável único pelo sustento da mulher e da prole. Este modelo de casamento está em franco declínio, o que abriu espaço para outros arranjos que contemplam o fato das mulheres estarem inseridas no mundo do trabalho.

Não apenas os homens ganharam companheiras mais produtivas, como também o lugar de provedor principal ainda é atribuído ao sexo masculino. Pode-se dizer que o status e o poder, conferido pelo lugar de provedor principal foi preservado em algum nível, pois o salário feminino ainda é visto como complementar e as mulheres tendem a ser consideradas co-provedoras. Parece então, que os homens se reafirmam no casamento, instituição por excelência, onde os papéis de gênero ganham contornos mais definidos na interação diária entre os cônjuges e onde o profissional masculino é potencializado. Embora com menos poder e status do que em décadas passadas, os homens ainda gozam de mais recursos como o tempo; e de certos privilégios e direitos obtidos com a ascensão na carreira, como o poder financeiro; o status diferenciado nas relações de gênero vem como consequência, embora se possa pensar também que os homens já partem de um lugar diferente.

No senso comum, o casamento é concebido pelos homens como prisão; um engodo que traz embutido uma ameaça subliminar de domesticação. Os homens temem que sua liberdade seja cerceada no casamento, ideia bem representada no provérbio popular *homem casado pássaro na gaiola*. Provérbios como este apregoam que casar traz em seu bojo, um futuro aprisionamento para o ser do sexo masculino que, enquanto solteiro, desfruta de uma liberdade supostamente ilimitada. De acordo com Diniz e Perlin (2005: 21), a realidade vislumbrada (e estereotipada) pelo senso comum não se concretiza de fato, sendo o casamento vivenciado pelos homens, membros de casais de duplo trabalho, com graus mais elevados de satisfação conjugal do que as mulheres.

3.3.2 O casamento *dela*

O senso comum indica que as mulheres adoram a ideia de casar e não poupam esforços para que seu sonho se concretize. Embora tradicionalmente as mulheres demonstrem mais entusiasmo pelo matrimônio, ao contrário dos homens, são elas que acabam caindo na armadilha capenga da igualdade. Esta armadilha se constitui no distanciamento entre a proposta de um discurso igualitário e as práticas tradicionais no que tange, por exemplo, a divisão das tarefas domésticas e as responsabilidades familiares entre maridos e esposas.

O entusiasmo inicial cede ao peso da dupla jornada de trabalho. Para Oliveira (2003: 22) batizar de dupla jornada o trabalho doméstico executado pelas mulheres é um equívoco, pois não se trata de trabalho que espera remuneração, mas de atos que dão trabalho e consomem o tempo delas. Por outro lado, não são de natureza gratuita como afirma Singly (2007:150), pois quando são contratados fora do círculo doméstico são remunerados. De qualquer forma, essa expressão será mantida aqui por falta de outra, mais consagrada, e por se entender que há dois tipos de trabalho doméstico: aquele executado tradicionalmente pelas donas-de-casa (ou por qualquer outro membro da família) e/ou pelas (os) profissionais do ramo.

Retomando a questão inicial, o fato é que o casamento transformou-se no epicentro de um fenômeno apontado por Coltrane (2001:441): casamento (especialmente o primeiro) significa *mais* trabalho doméstico para as mulheres do que para seus esposos, e vem se delineando especialmente desvantajoso para as mulheres *com* filhos. É verdade, que na comparação com mulheres solteiras e com filhos, as que são mães e casadas se desgastam igualmente. No entanto, comparativamente aos (as) solteiros (as) e sem filhos e aos casados e com filhos, são as mulheres casadas e mães que se desgastam mais com o trabalho doméstico. Esse ônus abre espaço para a insatisfação conjugal, a depressão e o esgotamento físico. Diniz aponta (2005:23) que a mulher hoje divide com o homem muitas responsabilidades que em décadas passadas eram só dele e mantém as suas atribuições ditas femininas, mas a recíproca está longe de ser verdadeira. As mulheres agregaram mais funções ao seu papel e estilhaçaram seu tempo para dar conta de uma multiplicidade de tarefas.

3.4 - Desigualdades no uso do tempo

A questão da desigualdade entre os gêneros, que vem sendo desenvolvida ao longo deste trabalho, aborda um elemento fundamental e impalpável: o tempo. Independente do ângulo observado, seja algo no qual se investe ou em que se gasta, o resultado é o mesmo, no sentido de ser um recurso finito, irrecuperável e impermanente. Os arranjos feitos entre homens e mulheres para dar conta dos compartilhamentos no mundo doméstico, articulando-os com o trabalho remunerado, mostram como estes estão diferentemente implicados nas diversas formas de trabalho. Os efeitos do uso do tempo divergente estão estreitamente

relacionados com a dupla jornada feminina e ao menor investimento na carreira por parte das mulheres.

A percepção e o uso do tempo demonstram o grau de segregação sexual que existe numa sociedade. Parece que mulheres e homens têm uma percepção subjetiva distinta sobre a família, o trabalho remunerado e o trabalho doméstico no tocante ao dispêndio de tempo em cada uma destas esferas de suas vidas. De acordo com Bianchi, Robinson e Milkie (2006:141), os casais que têm filhos despendem porções de tempo diferentes para cada uma das áreas supracitadas e conseqüentemente experimentam sentimentos particulares mesmo quando a alocação distinta de tempo deles é constante. As expectativas culturais sobre o que as mães e os pais devem fazer parecem ter um grande impacto sobre os comportamentos destes: as mulheres se ajustam para atender as necessidades da família e os homens gastam menos tempo com os filhos. As mulheres casadas revelam mais necessidade de terem tempo para si; sentem que sua vida diária é corrida e que são sobrecarregadas de multitarefas; preocupam-se mais com “o tempo do casal”; sentem menos poder para fugir das responsabilidades familiares. Os homens parecem sentir mais direito em usufruir tempo livre, portanto se permitem dispor de mais tempo para si.

Parece que mulheres casadas com homens que viajam a trabalho estão sempre vigilantes no ambiente doméstico, não permitem uma trégua para si, mas a concedem a seus maridos. São elas que cedem seu tempo para que seus maridos relaxem após a chegada em casa, embora elas também tenham um trabalho remunerado. Na pesquisa de Zvonkovic et al (2005:417) com famílias de pescadores e caminhoneiros, essa ideia é bem representada na fala da esposa de um pescador que se ausenta de casa por seis semanas consecutivas, podendo ficar até 5 meses fora: “Quando ele volta pra casa ele quer relaxar, mas eu nunca relaxo. Eu fico ligada 24h.”³ Similar a outras mulheres retratadas na literatura norte-americana (Rubin e Wooten, 2007), que chegam a se afastar temporariamente do mundo do trabalho, e deixam em segundo plano suas carreiras, em prol de suas famílias. Isto está correlacionado ao fato de essas mulheres abraçarem as tarefas tradicionalmente femininas e também as

³ frase original “When he comes home, he wants to be off, but I’m never off. It’s a 24-hour thing.”

masculinas quando seus maridos se ausentam, e quando eles estão de volta, para que eles possam descansar de suas jornadas de trabalho, elas continuam bastante envolvidas com os afazeres domésticos.

Pode se deduzir que a sociedade ocidental ainda vê o lar como um *refúgio* para os homens, mas não para as mulheres que são consideradas as guardiãs desse porto seguro. Nesse padrão tradicional de relacionamento, se assimilou ideologicamente como próprio ao sexo feminino a responsabilidade “permanente” e “natural” pelo espaço da casa. Como consequência disso, a mulher despende mais tempo no lar, e sua percepção sobre o valor concedido ao tempo também é distinto, conforme afirma Comas D’argemir (1995):

É muito mais difícil para as mulheres segmentar o tempo, chegar em casa e sentar-se sem fazer nada ou ainda dedicar-se a distrações passivas. Não há tempos mortos porque diversas atividades se efetuam de forma simultânea, em tempo contínuo para as mulheres. (citado por Strey 1997:66)

A autora afirma também que a percepção masculina do tempo é segmentada:

o que implica uma certa facilidade para separar conceitualmente e praticamente o tempo de trabalho (identificado com o emprego) e o resto do tempo (identificado com o ócio). Significa que eles tendem a perceber e a utilizar o tempo de forma seqüencial e mais compartimentalizada que as mulheres. Como em geral os homens tendem a ancorar sua vida no trabalho remunerado, isso vem colaborar para este tipo de estruturação do tempo de vida.

O tempo do trabalho doméstico está relacionado às atividades de natureza cíclica que, à medida que terminam, em pouco tempo precisam ser recomeçadas. Não há um horário de trabalho regular, pré-estabelecido a ser seguido, como no mundo formal do trabalho remunerado, com suas normas e regras claramente bem delimitadas. No entanto, o trabalho doméstico e o trabalho remunerado se parecem em alguns aspectos: ambos são consumidores de tempo; são repletos de atividades a serem realizadas e relacionamentos interpessoais a serem gerenciados.

Assim, o transitar mais intenso de homens e mulheres numa área do que em outra, parece contribuir para as percepções diferenciadas sobre o tempo e sua administração. Para os homens, torna-se “natural” relacionar a casa com lugar de descanso, enquanto as mulheres mais engajadas com as atividades domésticas, não se descolam de suas “obrigações.” O mundo doméstico é absorvente e

consumidor de tempo, assim como também o são as demandas do mundo do trabalho; mas como ainda pesa mais para as mulheres o chamado da casa e para os homens o da rua, investir na carreira passa a se configurar como opcional para as mulheres e o envolvimento com as atividades domésticas, opcional para os homens. Com isto, a carreira das mulheres passa a ter um papel menor em suas vidas e, da mesma forma, o envolvimento dos homens com a vida familiar e doméstica. A domesticidade igualitária sofre os reflexos destas concepções ainda presentes, em especial o tempo que cada gênero desvia para cada área.

Oliveira (2003: 38) parodia o slogan feminista *nosso corpo nos pertence* e sugere *nosso tempo nos pertence* para uma demanda mais atual. Urge recuperar o poder sobre o tempo do cotidiano, o que, segundo a autora, é estratégico no reposicionamento das mulheres, em condições de igualdade com os homens, nas sociedades contemporâneas. É o tempo das mulheres que se partiu em mil pedaços na seqüência de papéis que elas passaram a desempenhar, visto que grande parte dos trabalhos domésticos, como já foi dito e redito aqui, ainda é realizada majoritariamente por elas. Ainda que homens e mulheres consigam estabelecer diálogos férteis que diminuam as desigualdades na divisão dos afazeres domésticos e responsabilidades familiares, o desgaste vivido na relação com a administração do tempo é um problema social mais do que privado. A realidade dos casais, em que ambos trabalham e têm filhos é mais dura em face das dificuldades enfrentadas na conjugação dos horários de todos os membros da família para a realização das tarefas pertinentes a cada um e a organização do tempo para desfrutarem juntos e/ou separados. Coontz (1997:20) salienta que não há como fugir de um certo estresse ao dividir três trabalhos de tempo integral (dois trabalhos remunerados e um trabalho doméstico) entre dois indivíduos, sem alterar as temporalidades e as políticas das empresas, das escolas, das estruturas do trabalho e das redes de apoio social para as famílias. Essa ideia encontra ressonância na proposta de reengenharia do tempo de Oliveira (2003:16):

A reengenharia do tempo é uma tentativa de repensar o cotidiano de homens e mulheres, com vistas a aumentar sua qualidade de vida e seu produto de felicidade bruto. É uma proposta que envolve medidas práticas, como a alteração dos horários da administração pública, dos serviços públicos e das escolas; a diminuição ou a re-modelagem dos tempos de trabalho, flexibilizados dentro das empresas; mudanças nos espaços de trabalho para permitir maior investimento em casa; transformação das mentalidades nas relações de gênero.

Esta proposta inventiva e progressista, que aponta novas possibilidades de convivência entre os atores que transitam nas esferas privada e pública, juntamente com uma reestruturação das instituições envolvidas, traz embutida a ideia de que a desigualdade do uso do tempo pode e deve ser transmutada. Embora neste trabalho não haja intenção de enveredar pelos meandros de um projeto de tal magnitude, registre-se aqui, apenas, o redimensionamento que a questão das desigualdades entre os gêneros poderá sofrer quando todos os atores sociais estiverem devidamente implicados em construir soluções conjuntas. Ao trazer à tona o dispêndio do tempo das mulheres e apontá-lo como um problema da sociedade e a solução deste como um benefício para todos, abre-se uma brecha importante para se continuar revisando não somente os papéis de gênero, como também o uso equitativo de um bem tão precioso quanto o tempo, especificamente o tempo de viver e não só o de trabalhar.

3.5 - Desigualdades no compartilhamento parental

Segundo Coltrane (2001:441), diversos estudos apontam para o fato de que a transição para a parentalidade é associada com a diminuição do compartilhamento das responsabilidades familiares, entre homens e mulheres. As mulheres se sentem mais obrigadas a executar tarefas domésticas quando têm filhos, do mesmo modo quando casam, ou seja, o casamento associado à maternidade, acaba por acentuar a especialização tradicional de papéis. Os homens, por sua vez, passam a dedicar mais horas ao trabalho remunerado do que aos trabalhos domésticos. Outros estudos revisados pelo autor apresentam outros ângulos do mesmo fenômeno: crianças em idade pré-escolar são associadas com mais horas de trabalho doméstico para homens e mulheres; a parentalidade mais tardia produz maior paridade nas responsabilidades familiares, assim como com os afazeres domésticos.

Constatações similares são apontadas por Coontz (1997:71), ao relatar estudos demonstrando que a transição para a parentalidade traz consigo uma baixa na satisfação marital, deflagrada pelo retorno dos pais a um padrão tradicional de relacionamento. Os homens intensificam seu papel de provedor, e as mulheres o de cuidadoras. Estas se ressentem por um certo abalo na equidade e eles se sentem estressados pela elevação das responsabilidades como provedor e confusos pelo desprezo de suas mulheres com relação a este papel que é retomado por eles. O

estresse e o aumento de pressão, causados pela chegada do primeiro filho, parece mobilizar os casais e provocar um recuo aos papéis de gênero mais tradicionais. No entanto, esse recurso não parece trazer bons frutos para os cônjuges e acaba por ficar circunscrito a soluções individuais. Coontz (1997:72) sugere que mudanças relativas aos valores culturais e pessoais sobre o casamento precisam ser revistas e requerem ajustes no sistema institucional, para que homens possam exercer a paternidade e as mulheres possam livrar-se do encargo que as responsabiliza excessivamente pelo cuidado dos filhos e, assim, respaldar o fato de que ambos podem trabalhar e ambos podem ser cuidadores. Com isso, a autora promove a ideia de que se dissolva uma certa rigidez dos papéis de gênero para ambos, homens e mulheres, e convoca a implicação de instâncias maiores para a problemática dos casais trabalhadores

A autora aposta na cooperação mútua entre os cônjuges; explicita a necessidade de reconhecimento das responsabilidades familiares que os homens têm; enfatiza a necessidade de políticas públicas flexíveis e acessíveis, que favoreçam uma qualidade maior na assistência às crianças.

Há um outro aspecto que colabora para um compartilhamento parental menos simétrico. Da mesma forma que algumas mulheres não cedem espaço para uma divisão equitativa das tarefas domésticas com seus maridos, para não perderem um poder historicamente construído, o mesmo parece acontecer no tocante à divisão da maternagem. Segundo Badinter (1992:183):

Para explicar sua atitude de recusa, muitas mulheres invocam a incompetência do marido, que lhes dá mais trabalho do que as alivia. Mas, no fundo, elas sentem sua preeminência materna como um poder que não querem dividir, mesmo que seja à custa de seu esgotamento físico e psíquico.

Embora os homens, impedidos por suas mulheres de exercer a paternagem, não sejam vítimas destas, acabam ficando no mesmo lugar dos que “auxiliam” nas tarefas caseiras, ou seja, passam a ocupar um lugar secundário, mais passivo e de menos envolvimento na relação com os filhos. Talvez estes homens experimentem, uma ambigüidade mais acentuada sobre o que é seu dever e seu direito na lida com os filhos, quando suas mulheres resistem compartilhar as responsabilidades parentais de forma mais igualitária. Há um jogo de forças que

se estabelece entre os cônjuges, e que acaba por resultar em compartilhamentos desiguais no exercício da parentalidade.

Por outro lado, conforme estudos citados por Cia & Barham (2008: 214), há mulheres que exigem e favorecem um maior envolvimento paterno. Os homens que têm um envolvimento maior com os filhos nos dias de hoje se tornam mais próximos do papel de um pai contemporâneo. Aproximar-se desse papel não parece comprometer sua masculinidade, pois a formação da identidade masculina, está passando a depender tanto do seu desempenho no trabalho, como do seu desempenho na família.

Embora inúmeros estudos apontem para o fato de que os homens investem mais tempo no trabalho remunerado do que no cuidado com os filhos e nas tarefas caseiras, parece que a diferença de horas dedicadas a essa área da vida, entre homens e mulheres com filhos é menor do que se supõe. De acordo com a pesquisa de Hill (2005:811), homens que são pais e trabalhadores relatam ter uma “dupla jornada de trabalho” de 46 h semanais. Isso representa 77% do total trabalho doméstico reportado pelas mulheres nas mesmas condições. Estes mesmos pais relatam despende 48 h semanais no trabalho remunerado, o que representa 20% a mais do que as mães. Eles acrescentam ainda, sentir-se pouco apoiados no trabalho para lidar com as demandas familiares, o que sugere que as empresas se preocupam mais em voltar seus programas de apoio para as mulheres, do que para os homens. Desta forma, algumas empresas parecem resistir respaldar o papel mais moderno de homens envolvidos com o mundo da casa, seus dilemas e demandas na articulação com o mundo do trabalho.

3.6 - Igualdade relacional

O ponto comum, entre as diversas perspectivas feministas existentes no campo humanista e da sociologia é ter, como foco central, a análise da condição feminina. Cabe destacar aqui que no campo de estudos de família há uma influência forte da teoria geral dos sistemas (ou teoria sistêmica), cujos focos segundo Zvonkovic et al (2006:145) encontram-se imbuídos na família. Esta perspectiva tem sido amplamente utilizada por profissionais especializados, tais como, terapeutas de família. O trabalho é detectado como sendo um fator estressor externo ao sistema, que desequilibra os padrões de interação, forçando seus membros a se ajustarem. A perspectiva sistêmica tem sido usada para manter a

homeostase dos papéis de gênero dentro das famílias, o que as feministas entendem como problemático. Para lidar com esta questão utilizam-se do conceito de igualdade relacional, descrito a seguir.

Segundo Rampage e Avis (1998: 201), o sistema patriarcal que privilegia os homens à custa das mulheres ainda continua afetando profundamente a ambos. Sob a ótica feminista, os relacionamentos baseados na igualdade ou no companheirismo são tidos como a forma mais saudável e equitativa de ligação. Segundo o conceito de igualdade relacional, o sistema familiar deve considerar como válidos, e facilitar, o preenchimento das necessidades e o crescimento de todos os membros da família, ao invés de significar que apenas um desses membros, notadamente a mãe e esposa, tenha de sacrificar seu próprio bem-estar pela segurança de todo o grupo. A partir desta perspectiva feminista, a ausência da igualdade relacional e o resultante desequilíbrio de poder que se instala tanto entre parceiros, como no plano dos papéis e responsabilidades a serem assumidos são vistos como as principais causas da disfunção familiar. Por essa ótica, encara-se como adequada a existência de um certo grau de hierarquia *entre* as gerações, mas não *entre* os gêneros. As autoras acrescentam que em virtude de os papéis serem uma expressão do poder exercido na família, nas famílias *saudáveis* os papéis se mostram flexíveis, intercambiáveis, negociáveis, não-coercitivos e não baseados no gênero.

Embora, ao longo deste capítulo, se tenha dirigido o foco exaustivamente para o tema das desigualdades de gênero, procura-se finalizá-lo falando de igualdade relacional. Mesmo que, o reino doméstico ainda seja maculado pelo desequilíbrio de poderes, prefere-se ressaltar aqui, a possibilidade de se vislumbrar mudanças favoráveis à construção de relações genuinamente mais igualitárias.

4.

Vida familiar e trabalhos com horários fora do padrão e viagem: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas

O viajante

*“ Eu sempre que parti, fiquei nas gares
olhando triste para mim.”*

Mário Quintana

Neste capítulo pretende-se fazer uma articulação entre gênero, trabalho e vida familiar. Para tal será abordada a questão da inserção feminina no mundo do trabalho e os arranjos matrimoniais que passaram a existir depois disso. É a junção de vários complicadores como jornadas com horários fora do padrão e viagens a trabalho, delineando o subgrupo que será o foco deste estudo: os casais de aeronautas. Considerando as diversas composições familiares existentes hoje, será enfatizada aqui a de casais de trabalhadores que têm como dilema principal conciliar os efeitos de suas atividades profissionais peculiares com a vida conjugal e o cuidado com os filhos.

4.1 - A mulher e o trabalho *fora de casa*

*“O que espero é que a França
não se importe
que a mulher do seu presidente
tenha um trabalho.”*

Carla Bruni

Uma avalanche de mudanças irrompeu nas últimas décadas e produziu seus efeitos sobre as relações de gênero, a partir da inserção em massa do contingente feminino no mundo do trabalho. Embora as mulheres estejam presentes nas mais diversas atividades laborais, no mundo inteiro, ainda há no imaginário social a crença arraigada de que seu “verdadeiro” lugar de atuação é em casa. É em virtude do trabalho que a mulher tem de se ausentar do lar, o que é entendido como uma atitude transgressora pelo pensamento conservador, pois a afasta do seu antigo e exclusivo papel de mãe e esposa.

Parece que trabalhar fora de casa não é ainda concebido como *natural* para as mulheres, em certos círculos sociais. De acordo com Mcgoldrick (2001:30), a ideia de que as mulheres têm um ciclo de vida à parte de seus papéis de esposa e mãe é uma idéia recente na cultura ocidental. Além disto, o desenvolvimento das mulheres era definido pelos homens de suas vidas. A epígrafe acima traz uma frase da atual primeira dama francesa que ilustra bem como os papéis de gênero mudaram radicalmente embora, ao mesmo tempo, não tenham mudado tanto assim.

Em pleno ano de 2009, a primeira dama da França profere um *quase* pedido de licença à nação, berço de nascimento de Simone de Beauvoir, ícone do feminismo contemporâneo, por cujo trabalho ela se diz influenciada, no sentido de manter sua vida própria. As mulheres clamaram na segunda onda do movimento feminista pelo direito a *ter* vida própria, além do protegido mundo doméstico. Hoje, parece que se faz necessário preservar (e manter) aquilo que se conquistou, sob risco, não de se fazer o caminho de volta, mas de deixá-lo em suspenso, com mulheres abrindo mão temporariamente de suas carreiras para cuidar dos filhos ou investindo menos na profissão por causa da dupla jornada conforme, demonstram diversos estudos (Rubin, & Wooten 2007, Coutinho, 2005). Segundo Sorj (2005:79) o fenômeno da entrada das mulheres no mercado de trabalho é irreversível, pois independentemente de conjunturas recessivas ou expansivas a participação feminina neste mercado vem crescendo.

O mundo contemporâneo ganhou feições novas a partir do momento no qual as mulheres atravessaram as fronteiras que, teoricamente, separavam a vida privada da vida pública. Oliveira (2003:20) fornece a dimensão deste evento com a seguinte afirmação:

Parece banal ver-se, hoje, homens e mulheres lado a lado no espaço público. Mas a rapidez com que tamanha mudança ocorreu não diminui em nada o alcance desse acontecimento. O que foi inimaginável durante milênios se realizou num lapso ínfimo de tempo, se o inserirmos no longo caminhar da espécie humana. A entrada das mulheres no mundo dos homens, da qual somos contemporâneos, é não apenas uma ruptura na civilização, mas também um fenômeno migratório de proporções gigantescas.

Hoje, diante desta *banalidade* que é constatar a presença feminina no mundo do trabalho, pode-se dizer que as arestas que ainda se mantêm e demandam ajustes, estão fortemente ligadas aos desafios que homens e mulheres enfrentam

na tentativa de conciliar demandas do trabalho com uma vida conjugal e familiar. Elas constituem as desigualdades que vêm sendo discutidas aqui, ainda presentes nas relações de gênero, em especial, no conforto dos lares. As desigualdades aceitas como justas como, por exemplo, a exclusão das mulheres do mercado de trabalho, passaram a ser socialmente deslegitimadas conforme afirma Sorj (2005:81). A autora aponta para o fato de que, enquanto a contribuição feminina para o sustento da família já se encontra amplamente legitimada, a contribuição masculina nas atividades domésticas não goza da mesma aceitação. É exatamente neste ponto que se encontra uma aresta que resiste a ser aparada, pois traz à tona uma ideia que ainda não avançou do plano da expectativa positiva para uma prática legítima: a de que, assim como a participação no mundo do trabalho é associada à visão mais igualitária dos papéis de gênero de ambos os sexos, a paridade no lar, também deveria sê-lo.

A questão da interação família e trabalho traz de volta o tema da desigualdade de gênero que foi discutida nos capítulos anteriores. É no contexto do casamento com sua pluralidade de formas conjugais e familiares que os adultos se vêem frente a frente com a complexa tarefa de coordenar e equilibrar seus também múltiplos papéis. Visando mapear o panorama dos casais contemporâneos, a seguir serão apresentadas as diversas modalidades de casamento com base no tipo de inserção da mulher no mercado de trabalho.

4.2 - Novos arranjos matrimoniais

A inserção feminina no mercado de trabalho, associada ao casamento, produziu configurações variadas de casais. A literatura de família criou uma classificação que abarca as diversas modalidades (certamente não todas) e que de certa forma respalda oficialmente o questionamento da divisão social do trabalho estabelecida entre homens e mulheres. De acordo com Diniz (1995:36), os estilos matrimoniais que surgem a partir das diversas formas de inserção no trabalho são influenciados pelo número de horas trabalhadas pela mulher, pela remuneração e o status obtido e pela importância atribuída ao trabalho por ambos os cônjuges. Os vários modelos possíveis de casamento foram classificados da seguinte forma: casal tradicional ou normativo; *two person career couples*; casais de duplo trabalho; casais de dupla carreira; *commuter couples* e casais mistos. A seguir é apresentada uma breve descrição de cada modelo.

Casal tradicional ou normativo: nesta modalidade o homem é o provedor financeiro único e a mulher não tem nenhum vínculo empregatício. *Two person career couples* é uma variação deste modelo tradicional, onde os dois membros do casal trabalham pela carreira de um, ou seja, do homem que, neste caso, tem uma situação de poder e projeção. Outra variação do modelo tradicional é uma situação intermediária na qual a mulher trabalha fora em tempo parcial; ou exerce função remunerada a partir do próprio lar; ou ainda exerce atividade remunerada ocasional como é o caso de contratos temporários.

Cônjuges que trabalham fora em tempo integral configuram outros arranjos que se subdividem em três categorias distintas: duplo trabalho (*dual worker*); dupla-carreira e os casais mistos. Duplo-trabalho é o termo que tem sido usado para se referir aos casais que trabalham fora em tempo integral, em atividades que geralmente não requerem alto grau de instrução e, após a jornada de trabalho, não exigem nenhum investimento por parte da pessoa que a exerce.

Na modalidade de *dupla carreira*, os casais exercem profissões conhecidas como *carreiras* que exigem um alto grau de instrução e treinamento, de comprometimento com o trabalho e constante reciclagem. Uma variação desta modalidade é o arranjo denominado de *commuter couples*, termo que quer dizer: casais que viajam ou que vão e voltam com frequência e que moram em cidades distintas. Este termo é usado para designar casais em que as demandas profissionais de cada cônjuge os obrigam a residirem em locais diferentes. Por fim, há a modalidade dos casais mistos, termo fornecido pela literatura para designar casais onde um membro pode estar envolvido com uma carreira e o outro, em geral a mulher, com um trabalho.

As ideologias tradicionais se mostram bem presentes no modelo normativo e em suas variações; já o modelo dos casais de dupla-carreira impinge um afastamento maior dos papéis de gênero tradicionalmente prescritos e exige uma flexibilidade maior dos parceiros para rever as transmissões familiares e sociais de gênero que receberam. As combinações diversas aqui apresentadas, não totalizam as possibilidades de arranjos matrimoniais, mas deixam claro que não há mais um modelo predominante e permanente.

Assim como o casamento sofre reveses com o divórcio e os casais podem alterar seu estado civil ao longo do ciclo de vida, a relação com a vida profissional

também é afetada por discontinuidades, tais como demissões, promoções e reorientações. Pode-se afirmar que o mapa é sempre infinitamente menor que o território que ele representa; da mesma forma, a classificação dos arranjos matrimoniais é apenas organizativa e sua estruturação, ao contrário de delimitar rigidamente, revela a plasticidade da instituição do casamento e da família. Os impactos que pressões advindas de outras áreas exercem sobre estas instituições, ao longo da história, acabam por demonstrar a solidez destas na vida de homens e mulheres. As famílias se reconstituem, mudam seu formato; os papéis de gênero são questionados, sofrem alterações; divórcio, casamento e trabalho coexistem sem que a presença de um elimine a de outro.

A realidade multifacetada das configurações familiares contemporâneas se torna ainda mais complexa no confronto com as modalidades de atividades profissionais com horários fora do padrão. Este suposto complicador será estudado adiante, visando compreender as interferências do turno de trabalho na dinâmica familiar.

4.3 - Trabalhos com horários fora do padrão e viagens: repercussões nas relações familiares e vida social

Entende-se por trabalhos com horários fora do padrão aqueles que são realizados entre o pôr e o nascer do sol, ou seja, entre 18h e 6h aproximadamente e que incluem (ou não) fins de semana e feriados; os turnos ainda podem ser fixos, rotativos ou alternantes. Os trabalhos de turnos fixos são aqueles nos quais o trabalhador executa suas tarefas num determinado período seja este matutino, vespertino ou noturno; os de turnos rotativos são aqueles que se revezam entre esses mesmos períodos numa frequência que poderá variar em diária, semanal, quinzenal ou mensal; e os alternantes são aqueles que não se fixam em nenhum dos períodos.

De acordo com Gomes (2009: 242):

Se, por um lado, o trabalho em turnos de revezamento existe desde os tempos mais remotos na vida social dos homens, tendo-se como exemplos, os guardas-noturnos, bombeiros, médicos e enfermeiros, com a industrialização tivemos um rol maior, incluindo os operários das fábricas, e

depois, pilotos¹ e controladores de vôo e os servidores de áreas essenciais para manutenção da lei (policiais) e serviços básicos (energia e comunicação). Na atualidade, esse número vem crescendo pelos funcionários do comércio 24 horas e pela entrada da internet como forma de comunicação globalizada, permitindo que vários tipos de serviço sejam oferecidos a qualquer horário do dia ou da noite.

O cenário contemporâneo encontra-se repleto de homens e mulheres trabalhando nas mais diversas atividades profissionais e ocupando posições tradicionalmente considerados pertinentes a um ou ao outro sexo. Da mesma forma, também é possível encontrar representantes de ambos os gêneros exercendo atividades em horários fora do padrão. Essas combinações de horários associadas ao casamento e às ideologias que permeiam a conjugalidade dos casais, certamente dificultam a administração de vários aspectos da vida privada na articulação com a vida pública. Esta ideia entra em consonância com Presser (2000:95) que afirma existir a assunção de que trabalhos com horários irregulares afetam profundamente os aspectos temporais da vida em família. Segundo pesquisas apontadas pelo autor, descobriu-se que turnos de trabalho fora do padrão estavam associados a dificuldades em organizar os horários das atividades familiares; trabalhar em fins de semana e em dias variados estava ligado a menos tempo despendido com a família e a níveis elevados de conflitos para conciliar família e trabalho. O autor ainda ressalta que casais onde ambos os cônjuges trabalham em horários fora do padrão se constituem num subgrupo raro.

Trabalhos que demandam viagens são exemplos de atividades que exigem dos envolvidos uma sincronização de seus calendários, com vistas a tornar possíveis as devidas negociações domésticas e familiares que regem o convívio entre os cônjuges. A variabilidade do tempo em atividades laborais com esta configuração é evidente. O fato de um dos cônjuges (ou os dois) exercer uma profissão que envolve viagens afeta a família como um todo, no entanto, a forma como a família reage à alternância ausência / presença do cônjuge viajante variará de acordo com o gênero deste.

Quando um membro de uma família se ausenta de casa com frequência, a família, enquanto sistema, precisa gerenciar a ausência e a presença desta pessoa.

¹A categoria dos aeronautas inclui também as comissárias (os) de voo, além de outros profissionais que são submetidos a estes turnos alternantes de trabalho.

Zvonkovic (2006:158) estudou famílias de pescadores comerciais e caminhoneiros, onde os homens eram provedores principais, e concluiu que os horários de trabalho do marido promoveram a independência da esposa em relação às atividades domésticas e decisões financeiras. As esposas relataram o prazer e orgulho que experimentaram ao conseguir dar conta de todas as atividades na ausência prolongada dos maridos; essa ausência lhes permitia ter mais tempo para si, pela menor carga de trabalho doméstico (em parte produzida por eles). A autora interpretou da seguinte forma: havia uma dependência dos horários e atividades das mulheres em relação aos horários e atividades dos maridos e esta dependência refletia a subordinação dos seus próprios interesses aos deles. Paradoxalmente, a ausência do marido pode ter um efeito no sentido de conceder ou retirar uma parcela de poder das mulheres e isto dependerá de como ambos interpretarem a ausência do marido. A autora acredita que as dinâmicas familiares, no tocante às responsabilidades familiares e às relações interpessoais variam, dependendo se é o homem ou a mulher que viaja a trabalho.

Em outro estudo, a autora analisa mulheres que trabalham em ocupações que demandam viagens constantes, tais como as de comissárias de voo. Nas análises preliminares, a autora identifica o fato de que a viagem da mulher não promove uma maior autonomia dos homens em relação ao mundo doméstico. Ao contrário do estudo anterior, em que a família prepara o viajante; no caso das profissionais viajantes, são as mulheres com filhos que preparam a família para sua partida. São elas que antecipam alguns trabalhos domésticos tais como lavagem de roupas ou preparo de alimentos; fazem listas; deixam lembretes; com objetivo de gerenciar o trabalho doméstico e as atividades das crianças. Comparando os dois estudos, a autora afirma que ao examinar as percepções do tempo na vida familiar, foi possível observar diferenças marcantes, que demonstraram o quanto o gênero marca a relação que homens e mulheres, profissionais viajantes, estabelecem com o tempo da família e com o trabalho.

Num estudo (Loterio, 1998) realizado com comandantes de aeronaves 767, os entrevistados relataram perceber que o contínuo afastamento do lar promovido pelas viagens de trabalho é responsável por divórcios, problemas familiares e mudanças de atitudes que aconteceram devido à falta de melhores opções de postura a tomar. A autora (1998:72) afirma que:

No espaço que deveria ser ocupado pela figura do pai, cônjuge, amigo e filho, fica criada uma lacuna onde seus efeitos são percebidos por todo este contexto social, ou seja, os filhos não desenvolvem laços com o pai, sua esposa administra uma rotina diária e os demais se “acostumam” com as ausências.

Este trabalhador realiza sua atividade profissional fora dos horários normativos, ausentando-se de casa por alguns dias consecutivos. Enquanto seus familiares e amigos desempenham suas atividades habituais, este trabalhador pode estar: dormindo; chegando em casa depois de uma jornada de trabalho noturna; saindo para trabalhar em pleno fim de semana ou num feriado, ou seja, diversas vezes ele poderá estar na contramão dos demais. Isto poderá dificultar a manutenção e a qualidade de suas relações interpessoais cotidianas e tornar-se fonte de sofrimento.

De acordo com Barnett et al (2008:417) trabalhos com horários não usuais, tais como os noturnos, são associados com uma vida intralhar radicalmente diferente daqueles cujas atividades laborais são diurnas. A divisão de tarefas domésticas e os cuidados com os filhos são profundamente afetados quando as mulheres trabalham em turnos fora do padrão. Os participantes desse estudo eram casais com filhos (entre 8 e 14 anos), nos quais as mulheres eram enfermeiras que trabalhavam regularmente de dia e à noite; e os homens eram trabalhadores em horário integral. Neste estudo as mulheres que trabalhavam em horários noturnos apresentaram um grau elevado de conflito na interação trabalho-família, assim como seus maridos. As mulheres tendem a sentir dificuldade de se adaptar ao fato de não estarem em casa após o horário escolar; as refeições (em geral o jantar) em conjunto com a família nem sempre ocorrem; e estar presente em eventos sociais escolares dos filhos quando estes são realizados à noite se transforma numa impossibilidade. Os homens de famílias com esta configuração acabam assumindo a responsabilidade primária de preparar o jantar das crianças assim como supervisionar as tarefas escolares dos filhos e prepará-los para dormir (no caso de crianças pequenas). Alguns homens acham estas atividades estressantes e indesejáveis, o que pode incrementar o estresse da relação conjugal.

O estudo de Presser (2000) investiga em que medida trabalhar no fim do dia; à noite; em horários irregulares ou nos fins-de-semana afeta a probabilidade de um casamento terminar em separação ou divórcio num espaço de tempo de aproximadamente cinco anos. Qual o impacto de trabalhos com horários

complexos na família? Os casais onde um dos membros (ou os dois) trabalha em horários fora do padrão terão menos probabilidade de se manter casados? Faz alguma diferença se o cônjuge que exerce a atividade for o homem ou a mulher? A hipótese desse artigo é a de que trabalhos com horários fora do padrão incrementam substancialmente a probabilidade de separação ou divórcio. Essa hipótese geral é explorada dentro de um contexto multivariado, abordando a duração do casamento, a presença de filhos, e o gênero do cônjuge como fatores condicionantes e de controle para outros determinantes da instabilidade marital. Também considera a possibilidade de que a relação entre trabalho com horários fora do padrão e a instabilidade marital seja bilateral.

O estudo acima (2000:108) demonstrou que: são os trabalhos com horários à noite e os rotativos que incrementam significativamente a probabilidade de instabilidade marital em casais *com* filhos; os turnos rotativos para as mães (e não para os pais) dobram a probabilidade de dissolução do casamento; os horários fora do padrão não afetam a instabilidade marital dos casais sem filhos, o que sugere que na ausência de filhos, os casais parecem lidar melhor com qualquer tipo de estresse que esses horários possam produzir. O estudo sugere que o fator chave para as tensões maritais pode estar associado ao fato de que turnos noturnos e rotativos de trabalho desarticulam os casais em relação ao sono, pois enquanto um cônjuge dorme o outro está trabalhando. Quando há filhos envolvidos, a recuperação do sono perdido se torna mais difícil, o que poderá exacerbar ainda mais o estresse inerente à atividade profissional que tem esta configuração peculiar. Outro fator de peso é a dupla jornada que estas mulheres também enfrentam e que notadamente aumenta sua carga de trabalho, sendo considerada excessiva com a presença de filhos. Embora os cônjuges de mulheres com trabalhos com horários fora do padrão, geralmente participem mais dos trabalhos domésticos, ainda são elas que assumem a maior parte das tarefas. Este estudo também demonstrou que são os turnos noturnos e não os dias (fins de semana) que afetam a instabilidade marital dos casais com filhos.

Um outro estudo (Cia e Barham, 2008) investigou alguns impactos positivos de papéis múltiplos para homens e buscou informações sobre o trabalho em turnos, do ponto de vista de pais de família, em especial, alguns aspectos específicos do seu envolvimento com os filhos em idade pré-escolar. O estudo

demonstrou que os trabalhadores do horário noturno, em comparação com os do diurno, apresentaram menor satisfação quanto ao envolvimento com os filhos, pois estes vão à escola de manhã ou à tarde e não estão disponíveis para um maior convívio com o pai que, por sua vez, precisa dormir durante parte deste período. Parece, segundo as autoras, que embora os funcionários do noturno tenham descrito suas condições de trabalho como sendo melhores que as do diurno, seu desejo de mudar de turno reflete o valor que os pais estão dando para uma participação maior no ambiente familiar em sintonia com o novo papel paterno. Num outro estudo Carvalho (1991) dedicou-se a avaliar as interferências do turno de trabalho na dinâmica familiar de doze operários metalúrgicos de uma indústria automobilística. Segundo Gomes² (2009:241) os resultados da pesquisa em relação à situação familiar e conjugal dos seis operários que trabalhavam em turno foram os seguintes:

mais insatisfatória e conflituosa quando comparada com a vida familiar dos operários mensalistas que trabalhavam no horário diurno com folgas nos sábados e domingos. (...) todas as esposas quiseram dar seus depoimentos, convergindo para a grande dificuldade em conciliar a rotina da casa com o horário de trabalho do marido, na medida em que a casa silenciosa durante o dia demandava o impedimento das brincadeiras dos filhos pequenos ou, ainda, sair de casa e ficar na rua com eles até a hora propícia. Essas mulheres também se queixavam do quanto se sentiam sozinhas na criação e educação dos filhos; reclamavam da vida sexual (diminuição da frequência quando o marido estava no horário noturno); falta de lazer e nervosismo do esposo por ter dificuldade em conciliar o sono durante o dia.

Os operários, por sua vez, também relataram preocupações com a situação quando:

não encontravam, nas esposas, a ajuda e compreensão necessárias. Alguns relataram que vários colegas haviam perdido as esposas, confirmando o medo da traição e o índice alto de separações conjugais entre os colegas de trabalho. Outros relataram o quanto foram ausentes no processo de crescimento dos filhos, a ponto de se sentirem verdadeiros desconhecidos frente aos filhos adolescentes.

Este apanhado de pesquisas buscou dar uma visão panorâmica dos efeitos dos horários não normativos na vida familiar e doméstica de homens e mulheres trabalhadores, onde somente *um* dos cônjuges tinha uma atividade com este tipo de configuração.

² A autora Carvalho faz referência a seu trabalho quinze anos depois no artigo em que se apresenta com o nome Gomes.

A seguir será feita uma breve descrição do trabalho dos aeronautas, que são profissionais da aviação comercial, cuja atividade é exercida em horários de turnos alternantes, que inclui fins de semana e feriados, além de viagens nacionais ou internacionais. Neste meio profissional é comum ocorrerem matrimônios entre colegas de trabalho e quando isso ocorre, este subgrupo se torna ainda mais peculiar por apresentar casais no qual os *dois* cônjuges são trabalhadores viajantes de horários fora do padrão.

4.3.1 - Entre pousos e decolagens: um cotidiano peculiar

Segundo a regulamentação profissional fornecida pelo SNA (Sindicato Nacional dos Aeronautas):

Art. 2º - Aeronauta é o profissional habilitado pelo Ministério da Aeronáutica, que exerce atividade a bordo de aeronave civil nacional, mediante contrato de trabalho.

É uma categoria genérica que inclui pilotos, co-pilotos e comissários de voo, entre outros e que também são chamados de tripulantes. Em linhas bem gerais, são todos profissionais da aviação comercial, divididos em tripulantes técnicos, responsáveis pela condução da aeronave e tripulantes de cabine responsáveis pelo conforto e segurança dos passageiros.

A característica principal que se pretende ressaltar aqui desta categoria profissional é o fato de ser uma atividade laboral que congrega **todas** as características de um trabalho com horários fora do padrão como foi dito acima. Além dos turnos alternantes inclui viagem que na regulamentação é conceituada como:

Art. 27º - Viagem é o trabalho realizado pelo tripulante, contado desde a saída de sua base (domiciliar) até o regresso à mesma.

Os horários de trabalho, previstos para um mês, são organizados numa escala de serviço ou escala de voo, que rege toda a programação, incluindo as folgas e os repousos do aeronauta. Esta escala é mutável, isto é, a programação de voos é diferente a cada mês, assim como a carga horária, os dias, os horários de início e término das jornadas de trabalho. Desta forma pode-se afirmar que é característico dessa atividade o desempenho em turnos alternantes, os períodos que mudam diariamente, sem se fixar em manhãs, tardes ou noites.

Todas as atividades pessoais do profissional de voo acabam sendo direta ou indiretamente balizadas pela configuração peculiar de seu trabalho: cursos; trabalhos em outras atividades; estudo; vida social; vida familiar; cuidados com a saúde; estas áreas, assim como as pessoas de seu entorno, serão afetadas em graus variados pela alternância de sua ausência ou presença, seja na vida privada como na vida pública. De acordo com Martinussen e Hunter (2010:135):

O trabalho de turno é considerado lugar comum para muitas pessoas na aviação, assim como os turnos da noite o são para alguns trabalhadores. Os tripulantes que cruzam fusos horários³ também experimentam problemas relacionados ao jet lag⁴.

Constantemente, ou cada vez que parte para um voo, o dia a dia de um aeronauta é interrompido e suas atividades particulares, sejam elas quais forem, são deixadas em suspenso. O cotidiano torna-se fragmentado devido às mudanças radicais de ambiente, pois este profissional, ao realizar seu trabalho, não só se desloca para outra cidade, como pernoita nesta, ficando até seis dias consecutivos fora de casa. Suas viagens podem ocorrer dentro do seu próprio país, o Brasil (no caso dos aeronautas brasileiros) ou para o exterior, quando a viagem é internacional. As viagens para outras cidades nacionais ou estrangeiras trazem consigo o impacto das mudanças climáticas; idiomas; choque cultural; fusos horários e com isto uma constante necessidade de adaptação.

É recorrente se pensar que este profissional não tem rotina, o que na verdade é uma ideia equivocada. Uma das acepções do Houaiss (2001) descreve rotina como sendo:

cada uma das etapas de realização de um trabalho ou tarefa em empresa, entidade ou organização, apresentadas em seqüência lógica e temporal de realização, geralmente constantes em manuais de normas de procedimento.

Neste sentido as atividades de comissários e pilotos são rotineiras posto que estão previstas desta forma. A irregularidade de seus horários e dias de trabalho, os afastamentos freqüentes de seu domicilio e a mudança radical de ambiente se

³ São linhas imaginárias que cobrem a superfície da terra, perpendicularmente, em relação ao Equador indo de um polo a outro e que são determinadas pelos meridianos. (Ruza,2005)

⁸ O cruzamento de fusos horários originou o fenômeno da dessincronização ou fadiga causada pelas aeronaves a jato, conhecido como jet lag ou jet fatigue. (Ruza, 2005)

repetem e são inerentes ao contexto profissional, caracterizando desta forma, uma rotina própria desta categoria de trabalhadores.

Segundo a IFALPA (International Federation of Air Line Pilots Association), federação mundial formada por representantes de associações nacionais de pilotos, com a finalidade de representar os interesses de pilotos de linhas aéreas, a indústria da aviação, em termos globais, exige 24 horas de atividades para fazer face às demandas operacionais. Isto significa dizer, em última análise, como afirma Loterio (1998:32) que o trabalhador precisa atuar em momentos distintos com a mesma eficiência, o que propicia uma negação, por exemplo, das oscilações do seu arcabouço fisiológico, psíquico e social.

4.3.2 - Efeitos na dinâmica familiar: conjugalidade e parentalidade em foco

Interessa estudar aqui como fica configurada a realidade cotidiana dos aeronautas que casam entre si; como lidam com os dilemas impostos pelos horários complexos da profissão e os seus efeitos na interação com a família.

Os casais de aeronautas exercem uma atividade profissional que os obriga a lidar não somente com diversas viagens ao longo de cada mês, e o conseqüente afastamento do lar, quanto com a fadiga de voo⁵ e uma escala de serviço que se não for a mesma para o casal, fará com que ambos experimentem um constante desencontro, já que muitas vezes um está chegando do trabalho e o outro ou já partiu ou está partindo. A comandante Patrícia Melo, que não tem filhos e é casada com outro piloto da mesma companhia onde trabalha, revela à revista *TAM nas nuvens*: “Existem os prós e os contras. É bom cada um ter o seu momento de sossego. Por outro lado, bate muita saudade.” A administração da conjugalidade e da individualidade fica nestes casos, em grande parte, configurada pelos horários de trabalho pré-definidos pela empresa. O tempo para si fica atrelado aos momentos em que um dos membros do casal está em casa e o outro está fora, e

⁵ O DIESAT (Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho) define fadiga de voo como sendo um quadro clínico que se desenvolve toda vez que o organismo não for capaz de se recuperar completamente devido a um período de repouso inadequado após um voo. Já é considerada, em muitos países, como uma doença profissional, específica desta categoria, com uma prevalência bastante alta.

vice-versa, e não a uma administração mais autônoma do próprio casal. Por outro lado, algumas empresas favorecem os casais, permitindo que estes desfrutem de escalas ou folgas *casadas*. No primeiro caso, de uma escala *casada*, os cônjuges trabalharão nos mesmos horários, ou seja, terão a mesma programação de voos; no caso das folgas coincidentes, os cônjuges trabalharão em voos diferenciados, porém, conciliarão seus dias de descanso em conjunto. Cabe, no entanto, ressaltar aqui que nem todas as empresas oferecem este recurso e também que, nem todos os casais de aeronautas fazem parte da mesma companhia aérea, o que certamente gera dificuldades para a conciliação trabalho/ família.

Quais são os fatores que pesam mais no gerenciamento da vida doméstica e das responsabilidades familiares quando os cônjuges fazem parte da mesma categoria profissional? No caso dos aeronautas, o afastamento constante de casa, promovido pela atividade laboral exige uma administração intralçar mais cuidadosa principalmente quando há filhos envolvidos. O sistema de escalas casadas, mencionado acima, talvez beneficie mais os casais sem filhos, pois os dois cônjuges se ausentam ao mesmo tempo e isto significa deixar os filhos (especialmente quando pequenos) “sem pai, nem mãe”, literalmente. Para tal, a rede de parentes e de prestadoras de serviço doméstico tais como, faxineiras e babás, assim como creches são fontes de apoio importante a que recorrem os casais viajantes. Ainda na revista *TAM nas nuvens*, outra comandante chamada Claudine Melnik, mãe de Lucas, de oito anos e Clara, de seis, lamentava não ter condições para frequentar uma reunião de escola ou levar os filhos para uma festinha quando voava na linha nacional. Ela diz: “Hoje, voando na rota internacional, tenho mais folgas e voltei a cumprir à risca meu papel de mãe”. Embora o número de folgas seja maior no caso de voos internacionais, por outro lado, o afastamento de casa é talvez até mais impactante do que no voo nacional. Deixar um filho doente em casa ao partir para o trabalho significa, no caso de um tripulante de voo internacional, não poder retornar rapidamente para casa se necessário for. Sendo assim, a dependência de uma rede de apoio muito bem estruturada, a quem se possa delegar responsabilidades, torna-se fundamental.

Outra opção de que dispõem estes profissionais é o de trabalhar na ponte aérea, sistema de voos entre Rio e São Paulo, no qual os tripulantes alocados fazem várias “pernas” (ida e volta) por dia e no final da jornada pernoitam em sua

base domiciliar. Trabalhar na ponte aérea é especialmente utilizado pelos casais de aeronautas que têm filhos; se não os dois cônjuges, pelo menos, um deles, em geral a mulher, opta por trabalhar neste sistema. Com isso, o contato diário com os filhos fica assegurado e o conseqüente acompanhamento de suas vidas também; podendo também diminuir a sobrecarga na rede de apoio.

Um aspecto importante a se destacar aqui é o fato de que as empresas aéreas no Brasil, geralmente têm sua base no Rio de Janeiro ou São Paulo. Isto promove a migração de muitos indivíduos de outras partes do país que, ao ingressarem em alguma destas empresas acabam por afastar-se de suas famílias de origem. Este fator é crucial na composição dos casais de aeronautas que, ao constituírem suas próprias famílias se vêm muitas vezes sem o apoio de mães e sogras, entre outros integrantes da rede de parentela, para contar em relação ao cuidado de seus filhos.

Segundo Presser (2000:95), estudos qualitativos recentes sobre trabalhos de turnos são raros e a relação entre estes e a instabilidade e a qualidade marital também foram pouco estudados. Alguns dados, no entanto, sugerem que maridos de mulheres que trabalham em turnos fora do padrão são mais participativos em relação às tarefas domésticas e que, ainda assim, as mulheres assumem mais tarefas domésticas. Como fica esta questão, no caso dos aeronautas, em que ambos os cônjuges têm o mesmo estilo de vida profissional? O que acontece com esta trabalhadora de turnos quando chega em casa e também se vê diante de uma dupla jornada de trabalho? Se os dois cônjuges trabalham na mesma atividade, com cargas horárias similares e salário equitativo, quais seriam os fatores condicionantes para as divisões de tarefas domésticas e o compartilhamento parental? Será que quando os membros de casais de aeronautas exercem o mesmo cargo a relação é mais igualitária?

É preciso fazer uma pequena distinção aqui entre os possíveis arranjos matrimoniais tendo como parâmetro casais heterossexuais da mesma categoria profissional (aeronauta) e dois tipos de cargo (piloto e comissário). Desta forma as seguintes composições poderão ocorrer: casais de comissários; casais de pilotos; e casais mistos (a mulher é piloto e o marido comissário ou vice-versa). Dependendo da modalidade de casal, alguns elementos como status, salário e poder diferem e isto poderá ter alguma interferência nas relações de gênero.

Há uma disparidade de salários entre comissários (as) e pilotos (as); assim como há a questão da hierarquia e do status do cargo que marca a diferença de poder das duas atividades. No avião, o piloto (a) comandante é a autoridade máxima e o comissário (a) está subordinado a este. É possível que, dependendo do arranjo matrimonial, a questão da especialização dos papéis de gênero se imponha mais num arranjo que noutro. A profissão de comissária é tradicionalmente vista como feminina e sua função está estreitamente ligada ao *cuidar* (dos passageiros) e ao *servir* (alimentos/ bebida/ material de conforto). Embora estejam embutidas na função técnicas de segurança de voo, isto é bem menos divulgado. A atividade de piloto é atribuída ao masculino e sua função está relacionada ao *comando* de toda a tripulação e da condução da aeronave. Na contemporaneidade, no entanto, os dois cargos vêm sendo ocupados tanto por homens quanto por mulheres. As autoras Fay e Oliveira (2008:2) comparam os dois lugares ocupados pelas mulheres aeronautas da seguinte forma:

No ambiente físico de uma aeronave duas figuras femininas ocupam o mesmo espaço: uma delas, a comissária, “as mulheres que vestem saias”, com posição consolidada, pois não veio para competir com o masculino, executa um trabalho nos moldes da “perfeita dona-de-casa”, na parte de trás do avião. A outra, a piloto, “as mulheres que vestem ternos”, cuja formação está ligada às ciências exatas, muito lentamente têm conseguido penetrar nos “domínios masculinos”, ocupar a parte da frente da aeronave, a cabine de comando.

Cada vez mais a especialização dos papéis de gênero vem perdendo sua rigidez e isto parece ser reforçado pela entrada maciça das mulheres, não somente no mercado de trabalho quanto, no tipo específico de atividade, que como a de piloto, muito recentemente deixou de se constituir num reduto unicamente masculino. Acredita-se que os cargos profissionais ocupados por cada membro de um casal de aeronauta possam, em algum nível, ter alguma correlação com a ideologia de gênero predominante que rege o comportamento dos cônjuges e que norteia seus arranjos familiares. Talvez os arranjos menos tradicionais como, por exemplo, os casais no qual a mulher é piloto e o homem é comissário ou nos casos onde os dois são pilotos, demonstrem uma flexibilidade maior nos papéis de gênero. Resta lembrar ainda que a migração de um cargo para outro pode ocorrer, especialmente de comissários (as) que se tornam pilotos (as), demonstrando com isso que os processos são mutáveis e podem afetar o padrão relacional dos casais.

É possível também que o fato de os membros de casais de aeronautas exercerem a mesma atividade profissional, ou pelo menos atuarem no mesmo contexto, favoreça a que tenham uma maior capacidade de empatia com os desafios impostos pela configuração peculiar do trabalho um do outro. Além disso, o apoio mútuo poderá se constituir em fator positivo para a saúde mental dos cônjuges e para o enfrentamento dos dilemas relacionados à administração da vida privada.

Agregam-se às várias configurações familiares existentes hoje, casais com modalidades de trabalho peculiares como as dos aeronautas. Esta diversidade traz consigo várias questões para serem contempladas, discutidas e reformuladas. Neste subgrupo procurou-se observar o impacto do trabalho dessas pessoas sobre a vida familiar e as soluções utilizadas para lidar com os complicadores impostos pela atividade laboral. Foi igualmente relevante observar se as estratégias escolhidas para conciliar as múltiplas demandas familiares e do trabalho se encontravam impregnadas pelas questões de gênero. Foi possível observar que existe uma participação por parte das empresas em favorecer arranjos melhores para seus funcionários lidarem com suas vidas familiares. Cabe investigar em trabalhos posteriores se esta participação é suficientemente satisfatória.

5.

Estudo de campo

Tem que saber ouvir a mentira, a insídia, o desespero e o abandono.

*E pinçar a sutileza, a possibilidade, a fresta,
a riqueza humana, o outro lado do ser.*

Stela Rezende

Este capítulo apresenta a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo e as devidas correlações feitas com o referencial teórico discutido nos capítulos anteriores.

5.1 – Participantes

Foram entrevistados quatro casais de aeronautas; com no mínimo três anos de união; classe média urbana; habitantes da cidade do Rio de Janeiro; heterossexuais; de nacionalidades variadas¹; idades entre 35 e 46 anos; com pelo menos um filho (do próprio casal) na faixa etária de até dez anos de idade; atuantes em seus trabalhos. Todos os participantes tinham pelo menos o segundo grau completo. Um quadro em anexo organiza mais minuciosamente estas informações. Um critério para a seleção dos indivíduos foi que ambos os membros do casal fossem da mesma categoria profissional, independente se o cargo ou a função fossem diferentes - comissárias (os) e pilotos (as). Cada pessoa foi entrevistada separadamente no intuito de evitar que a dinâmica do casal interferisse na apreensão do material.

A população de aeronautas foi escolhida como objeto de estudo pelo fato de não ter sido ainda, ao que consta, contemplada em outra pesquisa sobre o tema da divisão de tarefas domésticas; também contou o fato das peculiaridades do cotidiano dos aeronautas terem suscitado na pesquisadora interesse investigativo; por fim o fato de a própria pesquisadora ter trabalhado na área da aviação comercial durante vinte anos e com isto ter adquirido familiaridade com este

10 É um grupo profissional bastante heterogêneo, que congrega pessoas de diversas regiões do Brasil.

universo, também colaborou para a escolha da população. A seleção dos entrevistados se deu por indicação de ex-colegas de trabalho da pesquisadora.

5.2 - Instrumentos e procedimentos

Para a obtenção de dados, foram utilizadas entrevistas com roteiro semi-estruturado cujos temas sondados, especificamente, giraram em torno de itens como: concepções e motivações dos membros de casais de aeronautas para a divisão das tarefas domésticas; natureza das tarefas realizadas por homens e mulheres e demais atividades relativas à manutenção da casa e ao cuidado dos filhos; e como são divididas entre homens e mulheres, bem como o grau de satisfação e equidade percebido em tal partilha; aproveitamento do tempo disponível para o lazer; administração dos horários irregulares de trabalho do casal; papéis de gênero e o casamento.

Levou-se em torno de sete meses para a captação dos indivíduos. Foram contatadas inúmeras pessoas que colaboraram indicando um total de quinze casais. Dentre estes, alguns não se disponibilizaram para a entrevista, outros não correspondiam ao perfil e um casal indicado havia se separado. Finalmente foram escolhidos os quatro casais para a condução da presente pesquisa. A maioria dos participantes recebeu a pesquisadora em suas casas, sendo que um dos casais preferiu conceder a entrevista nas dependências do aeroporto Santos Dumont. As entrevistas foram gravadas mediante autorização prévia dos participantes através do termo de consentimento livre esclarecido e posteriormente transcritas pela pesquisadora.

5.3 - Análise dos dados obtidos

Para avaliação do material obtido através das entrevistas, foi procedida a devida análise do conteúdo, como proposto por Bardin (1979). O roteiro da entrevista foi construído com base na revisão da literatura. Estabeleceram-se a princípio 4 categorias de análise: cotidiano, divisão de tarefas domésticas, compartilhamento parental e lazer.

5.3.1 - Cotidiano

A categoria cotidiano refere-se a como cada pessoa lida com o dia-a-dia, tendo em vista o fato de que a atividade profissional que os entrevistados

desempenham interfere diretamente no rompimento de uma rotina mais tradicional, em vista dos deslocamentos constantes para outras cidades. Procurou-se observar, então, como cada indivíduo busca organizar a administração do mundo doméstico, levando em consideração os afastamentos do lar e os horários irregulares do trabalho.

De uma forma geral, embora todos se referissem ao seu cotidiano como sendo “corrido,” “agitado,” “corre-corre,” “não paro um minuto,” “uma correria”, a maioria não manifestou incômodo pelos horários fora do padrão da atividade profissional. Grande parte afirmou gostar de não ter uma rotina de horário integral e diário, de não ter que encontrar as mesmas pessoas para trabalhar e poder ir ao supermercado ou ao shopping em horários menos convencionais. Um dos sujeitos demonstrou certa acomodação: “desde os dezoito anos que trabalho com horário irregular, então...” e apontou como ponto negativo não ter vida social como as demais pessoas. Os aeronautas são uma categoria de profissionais que trabalham em horários fora do padrão, incluindo sábados, domingos e feriados, o que certamente interfere, não somente reduzindo sua disponibilidade para a vida social, como dificultando a realização de outras atividades como cursos, trabalhos de horário fixo e também agendamentos com profissionais de saúde, tais como médicos e dentistas, dentre outros. Casais em que ambos os membros pertencem a uma categoria profissional com horários fora do padrão são considerados um subgrupo raro (Presser, 2000:95). A população desta pesquisa se encaixa neste perfil.

As mulheres

Das quatro mulheres entrevistadas, três optaram por voar na ponte aérea² para ficar com uma rotina mais diária, com os filhos, ou seja, pernoitando em suas casas e demonstraram ter o seu dia-a-dia referenciado nas atividades da casa e no cuidado com os filhos. Essas participantes se referiram à atividade profissional e às alterações de horários pelas quais optaram (passar a fazer ponte aérea), explicitando as conciliações entre trabalho e família, que consideravam

² Sistema de voos entre Rio e São Paulo. Os tripulantes que ficam alocados neste sistema fazem várias “pernas” (ida e volta) por dia e no final da jornada pernoitam em sua base domiciliar.

importantes para poder promover uma qualidade melhor de relacionamento com os filhos e poder cuidar da casa num ritmo mais tranquilo. Para uma delas, o voo nacional intensificava a dupla-jornada de trabalho o que justificou sua opção por trabalhar na ponte aérea:

Porque eu estava ficando muito ausente, as crianças estavam reclamando, até mesmo assim as coisas da casa (...) quem administra a casa normalmente concentra a mulher, ficava corrido pra mim, puxado, cansativo. (Clara, 42)

Clara apresentou as estratégias utilizadas para driblar a chegada de um possível estresse:

Eu procuro fazer **tudo** no período que eles (os filhos) não estão em casa no dia de folga, mas mesmo assim, normalmente de manhã, quando eles (pausa) quando eu não trabalho, eu durmo um pouco porque se não, tem uma hora que dá tilt né? A gente não agüenta. E (pausa) mas é agitado, é corrido.

Outras entrevistadas revelaram o ritmo que imprimem no seu dia-a-dia e o quão fragmentado este se torna:

Nooossa, agora falar que nem meu filho “*the flash*” é assim desse jeito que tu tá vendo: eu não paro um minuto. (Susi, 45)

Eu não paro nunca. Eu tô um pouquinho com ele (o bebê), um pouquinho com o marido, um pouquinho na aviação, um pouquinho lavando roupa, um pouquinho passando roupa, ééé o dia inteiro ocupada, né? só na hora que eu tô dormindo...(Lívia,35)

A participante mais desengajada do mundo doméstico delega totalmente as atividades da casa a sua empregada. Quando se refere ao cotidiano relata a rotina de ir e voltar para o aeroporto e as alternâncias de levar ou buscar o filho na creche. Não pareceu ser uma mulher identificada com o papel tradicional da dona-de-casa.

Tenho a minha secretária, a T. ela é a governanta, o braço direito da casa, deixa tudo pronto, às vezes, eu só passo por lá. Eu sou a turista da casa, ela que organiza tudo pra mim, me ajuda bastante. (Gloria, 37)

Os homens

Dos quatro homens somente um optou pelo sistema de ponte aérea, os demais continuaram fazendo voos nacionais, mesmo após o nascimento dos filhos, ficando fora de casa por até seis dias consecutivos. É possível que isso se deva ao fato dos homens tenderem a dissociar com mais facilidade família de trabalho, conforme aponta a literatura. Ao se referirem ao cotidiano os homens demonstraram seu investimento na carreira e /ou seu envolvimento com os filhos:

Bem, além de piloto eu sou advogado, entendeu? Como depois, com o que aconteceu na Varig, a gente tá sempre correndo atrás de alguma coisa a mais, então eu, basicamente, quando eu tô aqui no Rio ou tô fazendo fa (faculdade), pós-graduação em gestão da aviação civil, faço petições de direito, ações e voo também, então é beeem puxado, pouco tempo pra lazer, né? Tem que também buscar meu filho, voltar, levar meu filho pra casa, às quartas feiras eu vou lá pra minha mãe pois fica mais fácil pro meu filho, que quando ele faz a visitação durante a semana, então faço muita coisa. (Marcelo,43)

Outro participante:

Quando eu tô em casa meu dia a dia é acordar 8h, 8h30 aí normalmente faço café pros meus filhos, organizo a agenda deles, negócio de escola, eee, hum normalmente a gente procura fazer alguma atividade física de manhã, ou andar de bicicleta, ou brincar de bola, ou ir pra piscina, e depois levo eles na escola, faço o que tenho pra fazer na parte da tarde e à noite quando eles voltam da escola normalmente eu faço dever com eles pra aproveitar a noite pra fazer o dever entendeu? Chega em casa, toma um banho, janto e já boto pra fazer o dever. (Igor,46)

O participante que optou pela ponte aérea o fez pensando no filho:

E se eu tivesse fora da ponte aérea antes, eu estaria ficando cinco a seis dias fora de casa, pra mim não é tão interessante por causa do meu filho né?(...) Aí mais por causa do garoto pra poder sempre ter alguém pra apanhar, levar, buscar, uma vida bem corrida(...). Ee eu tô na ponte aérea assim, teoricamente mais pra satisfazer, né? O meu filho né? porque a gente consegue voltar a buscar, ter uma certa convivência, levar pro colégio né? (Téo, 35)

5.3.2 - Divisão de tarefas domésticas

Com esta categoria busca-se averiguar como cada membro do casal se relaciona com o mundo doméstico: se há compartilhamento na execução das tarefas domésticas; se há divisão sexual do trabalho; se há queixas sobre uma possível divisão desigual, ou não. Em virtude de uma proposta igualitária de relacionamento conjugal, presente na contemporaneidade, procura-se através desta categoria detectar se há uma discrepância entre discurso e prática nos casais entrevistados. Há um interesse também de investigar o quanto as viagens constantes a trabalho acentuam possíveis desigualdades.

Segundo Brasileiro (2002),

embora grande parte de homens e mulheres comece a concordar que o trabalho familiar deva ser dividido, poucos são os homens que assumem responsabilidade equivalente à de suas parceiras nas tarefas domésticas. Isto, principalmente se considerarmos o “trabalho invisível” que consiste na pré-ocupação (ou preocupação), planejamento e tomada de decisão a respeito de diversas atividades como refeições, limpeza da casa, compras, visitas a

médicos, contratação e controle de babás, empregadas, supervisão de deveres escolares, etc.

No caso dos aeronautas, esta *pré-ocupação* se intensifica devido às constantes mudanças promovidas pelas viagens, o que é externado nas falas das mulheres, como será visto adiante, nos planejamentos anteriores a cada viagem.

As mulheres

Uma das entrevistadas, ao se referir ao marido, afirmou enfaticamente que ele “ajuda em tudo”; no entanto, quando exemplificou, ficou claro que a ajuda dele era mais relacionada ao cuidado com os filhos. Quando ela está de folga ou, antes de sair para um voo, auxilia sua empregada para não “sobrecarregá-la” e nesses momentos o marido não é mencionado. A ajuda no supermercado é orquestrada por ela, que toma a frente e diz:

“É é, supermercado, normalmente eu, ele, o grosso (o principal das compras), quando a gente vai no supermercado grande, a gente vai junto, então a gente, *pra variar, a mulher que vai tomando a frente*. É esse negócio de compra, *eu que sei* quanto que tem de dinheiro, *eu que sei* o que ta faltando em casa, o que que precisa “ah pega um negócio aí, (ele) vem com aquele monte, não tem necessidade, pega um pouco porque isso vai estragar, a gente vai ficar poucos dias em casa, as crianças também não vão comer muito disso, *porque aquela organização que mulher faz, né?* Então, a maioria das vezes, negócio de supermercado, o pingado, assim, de verdura, legume que a gente faz toda semana *sou eu*. Mesmo que a gente esteja em casa eu digo: “Não. *Deixa que eu* quando eu chegar eu vou lá e compro. *Deixa aí que eu* saio, quando tem minha folguinha, já deixo tuuudo, entendeu?” (Susi, 45).

Susi acaba por reforçar um lugar estereotipado da mulher, que tem mais iniciativa, poderio e controle na área doméstica. No seu discurso, fica clara a concepção da entrevistada de que são as mulheres que têm maior desenvoltura e domínio sobre os assuntos da casa.

Outra entrevistada justificou sua responsabilidade maior pelas tarefas domésticas por dois fatores: primeiro, ela gostar de fazer **tudo** e segundo, não só deixar o marido dedicar-se aos estudos preparatórios para um concurso de piloto como fazer **tudo** para que ele possa dedicar-se a esse projeto integralmente. Esse discurso feminino parece circunscrever o papel do homem ao do provedor, maior responsável pela melhora do padrão familiar, sendo, portanto, a carreira dele a que merece incentivos por parte do casal. Esse caso se assemelha ao que na literatura sobre casais é chamado de *two person career couples* – que significa o

investimento de duas pessoas numa carreira única. Conforme aponta Diniz (1999:33), nesses casos a mulher “trabalha” para proporcionar o avanço da carreira do esposo. Outra situação parcialmente semelhante é vivida pela entrevistada cujo marido, além de ser piloto, é também advogado. Esta mulher entende que seu marido trabalha mais pela família do que para ele próprio, fato no qual ela apóia seu discurso, para explicar a distribuição tradicional de tarefas entre eles:

Ele tá fazendo uma coisa que é pra nós, ele trabalha mais não é só porque ELE tá a fim, ele gostaria muito de, na folga dele, curtir a folga conosco, ele trabalha mais pra nós, então a única coisa que eu reclamo do Marcelo é a falta de iniciativa. (Clara, 42)

A participante menos engajada nas lidas domésticas atribui a maior parte destas tarefas a sua empregada, incluindo o cozinhar:

O que a gente (ela e o marido) faz é botar uma roupa na máquina pra lavar. Ela, na verdade, ela faz tudo né? Então a tarefa doméstica assim é...é... como é que eu vou te dizer? Fica por conta dela mesma. (Gloria, 37)

Segundo esta entrevistada a assunção maior das atividades domésticas ocorre nos fins de semana quando está de folga. Diferente das demais participantes é ela quem auxilia o marido na cozinha.

Nenhuma das participantes manifestou diretamente alguma insatisfação sobre as divisões das tarefas. A queixa que surgiu por parte de uma das respondentes foi relacionada à falta de iniciativa do companheiro: “tudo tem que pedir”, e que foi repetida diversas vezes ao longo da entrevista sendo sempre atenuada por um, “mas, ele não se recusa.” Outra participante demonstrou incômodo com relação a um aspecto específico do comportamento do companheiro com a casa:

Agora assim, eu não gosto assim é de casa bagunçada, ele é meio desorganizado, aí eu procuro tá sempre organizando as coisas, de deixar tudo largado pela casa, isso eu não gosto. Então, procuro organizar isso daí. Porque ele não gosta muito de organizar, de arrumar, eu já gosto dessa parte. (Gloria, 37)

Três participantes planejam os afazeres domésticos quando se ausentam para o trabalho, especialmente quando pernoitam fora:

Eu providencio tudo antes, o máximo que eu puder providenciar, eu assim ó, eu deixo tudo o mais mastigadinho possível, pra empregada inclusive. (Clara,42)

“Eu deixo tudo mastigadinho pra ela” (para a sua mãe que fica com o bebê). (Lívia,35)

“Já deixo aquela coisa toda organizada, ó amanhã, às vezes eu deixo até o que vai comer numa listinha (para o filho diabético) . Diz para a empregada: “ Ó, segunda tira isso, come isso, isso, isso.” Então, já tenho todo um cronograma o que é feito assim, quando a gente não tá aqui. Hoje, amanhã você faz isso, isso, isso.” (Susi, 45)

Uma das participantes associa a rotina irregular do trabalho com a rotina doméstica, menos burocratizada do casal, ou seja, onde não há definição sexual precisa dos domínios de competência:

Não, na verdade foi o que te falei, como a gente não tem uma rotina, é se um tá mais cansado que o outro, o outro vai preparar o lanche, enquanto o outro tá tomando banho, tá se descansando, né? Entãooo, justamente por isso não tem assim uma regra “ah, eu, você faz isso, eu faço aquilo” não. A gente procura é ver de acordo com a disposição de cada um do dia. Tem dia que eu chego lá que eu não tô a fim de fazer nada. Eu deixo lá. Agora tem dia que, que eu chego e quero fazer tudo. Depende do meu cansaço é...[risos]. Então, não tem assim “Ah ele faz isso, eu faço aquilo” não. (Gloria,37)

Os homens

Observou-se que alguns homens se colocam mais distantes das atividades domésticas e atribuem este afastamento à falta de tempo e/ou à esposa que não delega tarefas, ou ao cansaço engendrado pelas atividades diurnas; quando se envolvem mais, o fazem de acordo com as solicitações, ou determinações da esposa ou lidam apenas com o cuidado dos filhos. Nenhum deles revelou ter tarefas que sejam especificamente de sua responsabilidade. Fazer consertos ou chamar alguém para fazê-lo, ir a reuniões de condomínio, pagar contas, levar o carro para oficina, cuidar do jardim, levar ou buscar os filhos na escola são algumas das atividades mencionadas por eles e/ou por suas esposas. Nenhum manifestou ter contato com atividades tradicionalmente consideradas mais femininas, como lavar e passar. Um dos entrevistados declarou coordenar a “secretária”, que teve outras atribuições ao longo dos anos em que trabalhou para ele e depois para o casal: “secretária geral”, “diarista”, “babá”, “secretária” e resumindo “pau pra toda obra.” Outro entrevistado afirmou gostar de cozinhar, além de eventualmente colocar roupas na máquina para lavar e dependurar, demonstrando assim conhecimento das etapas do processo de lavagem. O mais jovem dos entrevistados, de 35 anos, atesta que sua tentativa de ajudar esbarra,

não somente na sua falta de tempo, mas também na resistência da esposa, que se recusa a dividir as tarefas com ele:

“O que que eu posso ajudar, fala aí o que que eu posso fazer, que que você vai fazer, diz a outra coisa que eu faço.” Ela não gosta muito, ela quer fazer tudo, ela tem muito perfeccionismo, né? Então, ela quer fazer, ela quer tomar a frente, ela não gosta muito de dividir as funções não, nesse fato de cuidar da casa, né? Acho que ela pensa que ela é a mulher, ela que tem que cuidar da casa, não sei se é exatamente isso, mas acho que é por aí mesmo. (Téo, 35)

As respostas de dois homens sobre a divisão de tarefas domésticas evidenciam sua noção sobre o excesso de dedicação das esposas nas tarefas de casa e com a preocupação com os filhos. Um participante se mostra confiante na empregada e revela a diferença de comportamento da esposa:

“Quem fica mais estressada é a Clara, até porque essa parte doméstica quem cuida mais é ela, é natural que ela fique,” “Ela faz até demais,” “precisaria relaxar mais um pouco.” (Marcelo, 43)

Por outro lado não há nenhuma intenção, nem sequer velada, em sua resposta, de incorporar a seu repertório alguma atividade doméstica. Este mesmo participante revelou que, sobre cozinhar, “eu não faço, nunca fiz, não tem jeito. Ah você se recusa? (ele próprio se pergunta e se responde) Não é recusar, não faço, não tem jeito.” Diante dos excessos da esposa, um outro participante sugere: “tá trabalhando demais, ‘vamo’ tentar mudar o esquema aqui, colocar uma menina 2x por semana.” A sugestão é, segundo ele, rechaçada por ela, que não quer alguém estranho em casa numa frequência maior do que uma vez por semana.

Dois participantes apresentaram comentários coincidentes, parecendo preferir não ter uma estrutura específica de funcionamento:

A gente não tem o que um faz o que o outro faz, entendeu?” (Igor, 46)

e

“Eu não fico preocupado em dividir tarefa em, Ah esse é meu esse é teu”. (Rui, 38)

A palavra ajuda foi bastante mencionada pelas mulheres em relação às contribuições de seus maridos, assim como por eles próprios. De acordo com Jablonski (1999:66):

“ *ajudar* significa que o homem não tem muito a ver com as coisas que se passam intramuros de uma casa, mas como se julga um cara *legal* e suficientemente antenado com o clima pós-moderno, ele se dispõe a *quebrar alguns galhos* contribuindo para a execução de tarefas que, no fundo, caberiam mesmo às mulheres”.

Essa atitude masculina demonstra uma concessão que os homens fazem às mulheres e que algumas parecem mesmo aceitar de bom grado.

5.3.3 - Compartilhamento parental

Através desta categoria procura-se analisar se há um compartilhamento das responsabilidades familiares relacionadas diretamente ao cuidado com os filhos. O quanto e como cada membro do casal se envolve com tudo que diz respeito ao exercício da parentalidade: desde brincar com os filhos; acompanhar seu desenvolvimento na escola e o prolongamento das atividades em casa; o dia-a-dia das crianças; vida social; consultas médicas, odontológicas etc. Procura-se observar também o quanto os horários de trabalho fora do padrão dos casais interferem na relação com os filhos e como são feitos os arranjos para lidar com esta questão.

As mulheres

Foi revelado certo ressentimento por parte de uma entrevistada, ao se referir às atividades que lhe cabiam:

ele dá banho, mas eu que fico com a parte mais chata, cortar a unha, limpar a orelha, (...) ele fica mais com a parte de brincar e eu do dever. (Clara, 42)

Esta fala foi um *insight* que a participante teve no momento da entrevista e que promoveu nela um início de choro, rapidamente suprimido por ela.

A responsabilidade de conjugar dia de folga com idas ao médico para os filhos foi unanimidade nas respostas das participantes: é da mulher. São elas que solicitam folga para a empresa e levam prioritariamente os filhos às consultas, com ou sem o marido. Eles vão ao médico *se* for urgente ou *se* casualmente estiverem de folga, ou ainda, se a visita ao médico não for a periódica.

As falas de duas participantes ilustram essa responsabilidade que as mulheres abraçam sem questionar:

Agora, com relação a médico, sempre sou eu que levo, eu procuro marcar nos meus dias de folga, mas no caso uma emergência, ele leva. Não tem problema nenhum não. (Gloria, 37)

Por outro lado, Gloria acredita que se precisasse faltar ao trabalho por motivo de doença do filho, talvez o marido decidisse ficar em casa:

“Acho que ele, que ele é muito apegado. Eu acho, assim, eu não sei, como não aconteceu ainda, eu acho que os dois estariam à disposição. Mas eu acho que ele seria o primeiro a se manifestar “Eu fico em casa com o B. (o filho).” [risos]. Acho que seria ele.” (Gloria, 37)

Outra participante revela:

“Idas ao médico ele até me acompanha, mas se não puder eu sozinha, ele sozinho dificilmente vai fazer isso. Eu nem vou marcar hora no dia que ele tenha que ir sozinho a não ser que seja imprescindível, entende? Não é que ele “Ah eu não vou,” “Ah não, isso é teu eu não vou” não é assim, ele me ajuda se for preciso, mas a princípio sempre quem vai fazer isso sou eu.” (Clara, 42)

A existência de uma rede de apoio é citada por todos os entrevistados, homens e mulheres. Esta rede é constituída basicamente por mulheres: empregadas domésticas; mãe de um dos membros do casal e amigas. O pai de uma das participantes, única exceção, integra essa rede de apoio (rompendo assim a teia exclusivamente feminina) e é citado algumas vezes ao longo da entrevista, como aquele que busca o neto na escola e fica com ele até a chegada da esposa.

No entanto, um fenômeno curioso acontece: os homens se sentem desobrigados a prestar ajuda quando entra em cena alguma das integrantes da rede de apoio; percebem que o terreno de ação no cuidado com os filhos e/ou da casa é um poderio feminino, mas não conseguem (ou não querem) furar o cerco. As mulheres, por sua vez alternam seu posicionamento na casa, ora são coordenadoras, ora são auxiliares ou ainda substitutas das empregadas: “para não sobrecarregá-las”. A única exceção é a participante que delega tudo à empregada. Uma das participantes revelou conjugar sua folga com as da empregada:

(...) porque as folgas dela são associadas com as minhas, ela tem duas por semana, normalmente se nós, eu estiver de folga, ela também vai estar. (Clara,42)

Os homens

Um dos entrevistados externou um padrão bem tradicional de compartilhamento parental: “Tarefa mais de força seria mais comigo (...) levar ele (o filho de cinco anos) no colo dormindo” ou “quando ela não tá mais agüentando na disciplina, aí me chama.” Seu discurso reforça um estilo estereotipado do homem forte, que tem a lei, ou seja, nos casos em que a mãe não dá conta, seja

por fragilidade física ou por não conseguir mais se impor, entra o pai para fazer cumprir a disciplina.

Embora alguns dos participantes acompanhem a esposa e os filhos ao médico, deixaram claro que a prioridade é delas. Isso é consonante com o que indica a literatura. Jablonski (1999:63) afirma que:

dentre as principais diferenças entre pais e mães está o fato que os primeiros interagem com os filhos numa base mais física e menos íntima, com ênfase nos jogos e no humor, enquanto as mães mantêm com os filhos uma relação centrada na proteção, na afetividade e, comparativamente, mais séria e objetiva.

Outro entrevistado mostrou-se igualmente mais tradicional a respeito do seu papel de pai ao afirmar “quando eu tô em casa eu viro mãe também”, ao se referir aos cuidados que ele oferece ao filho de cinco anos, tais como dar mamadeira, buscar na creche, dar um lanchinho, dar um banho. Na fala deste participante paternagem e maternidade se confundem, quando na verdade são termos distintos. O que ele faz pelo filho é algo que cabe tanto à mãe quanto ao pai e pode ser denominado de maternagem ou paternagem. A maternidade é exclusiva da mãe, pois está atrelada ao sexo biológico e sua especificidade: gestar e amamentar. A maternagem, no caso da mãe, ou a paternagem, no caso do pai, cabe a ambos. A concepção de paternagem (Silva et al 2005) é entendida como:

O processo social de vivência da paternidade através da construção de laços afetivos, superando a visão naturalizante e biológica que justifica o vínculo estabelecido entre pai e filho. Envolve, ainda, a participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado com as crianças, e pode ser capaz de dinamizar as relações de gênero de forma mais equitativa, na medida em que possibilita uma ampliação dos repertórios quanto às atribuições masculinas e femininas.

5.3.4 - Lazer

Nesta categoria procura-se investigar o lugar que o lazer ocupa na vida do casal na articulação dos tempos: da conjugalidade, da parentalidade e para si próprios. Este tópico temático procura sondar também insatisfações advindas de possíveis desigualdades no uso do tempo livre.

As mulheres

Uma das participantes revelou não usufruir de um tempo para si:

Eu quase não faço nada pra mim mesma, assim. É, eu vivo em função da casa e dos filhos, o tempo disponível que eu tenho, mas não sou muito assim, não me incomoda muito assim...apesar de eu no futur (a palavra não foi completada), no passado eu gostava muito de me exercitar, fazer coisas pra mim. Hoje em dia não ligo mais, apesar de que eu acho que eu deveria, até pela saúde. (Clara, 42)

Esta fala é ilustrativa do que afirma Oliveira (2003:60) sobre o fato de que:

a mulher que tem família tem pouca chance de ficar sozinha, pois seu tempo é estilhaçado em devoções, um tempo de respostas, onde pouco espaço sobra para perguntas que quer fazer a si mesma. Vai ficando distante de si, até não se reconhecer mais, quando se encontra. Um tempo para si, descomprometido, tornou-se o luxo dos luxos.

Ao que parece nem as mulheres, como essa participante, pertencente a uma classe social mais privilegiada, pode se oferecer tal luxo. Embora essa participante tenha uma rede sólida de apoio para administrar a casa e os cuidados com os filhos, não encontra este tempo para si, que não é, necessariamente o tempo do lazer, conforme a mesma autora propõe:

mas o momento da introspecção, de pensar na vida, de sonhar, de caminhar sem testemunhas e que aparentemente não existe mais para ser desfrutado. (...) coloca-se na longa lista de emprego de tempo, depois dos filhos e do companheiro, onde só não vem ela mesma, personagem secundário, última coadjuvante de sua própria vida.

O exercício da parentalidade ocupa maciçamente também o tempo de outra participante e do seu marido, conforme revela a seguir: “Nunca saí sozinha com amiga depois que meus filhos nasceram, nem ele sai com ninguém.” (Susi, 45)

Os homens

Somente um dos participantes pareceu reservar tempo para uma atividade particular, no caso, o futebol. Os demais dedicam seu tempo livre para os filhos, para atividades profissionais (no caso dos que têm duas atividades), ou para atividades em família.

Um dos participantes mencionou os custos subjetivos da vida de casado expressando sentimentos de resignação:

É... depois que a gente casa e tem filho a vida muda bastante, assim, né? É... tem muita parte boa, mas tem muita privação, também né, mas.... é... nada que a gente não consiga administrar com um pouquinho de, muita paciência, calma né? tem que ceder bastante as duas partes pra poder ter uma vida mais equilibrada. (Rui, 38)

As respostas indicam que a área conjugal é a mais penalizada. Os casais tendem a sacrificar a sua conjugalidade para dedicar seu tempo livre para estar com os filhos, fazendo programas que os incluam. O casal que se encontrava com bebê de cinco meses à época da entrevista, já tinha projetos de colocá-lo na creche dentro de alguns meses visando recuperar o tempo do casal para poder ir ao cinema. No entanto, este foi o único casal que pareceu motivado a não se acomodar nos papéis familiares, já que os demais se encontravam cientes do seu envolvimento maior com os filhos. O casal com 8 anos de união, reconhecia precisar de um tempo maior a dois, porém não apresentava nenhum plano para transformar a realidade do cenário atual. Em outro casal, juntos há dezessete anos, a mulher demonstrava dificuldade em extrair prazer na companhia do cônjuge sem os filhos, e o marido, por sua vez, enfatizou a necessidade do lazer ser sempre em família, como uma forma de compensar as ausências constantes do lar por conta do regime de escala de voo.

Os quatro casais mostraram-se menos disponíveis a sair sós com amigos. Os programas de lazer quando ocorrem com outras pessoas, são com familiares ou com outros casais com filhos e se resumem a visitas a parentes, restaurantes, festas de criança ou idas ao clube.

6.

Considerações finais

*“O machismo, tanto nos homens como nas mulheres,
não é mais que a usurpação do direito alheio. Simples assim.”*

Gabriel Garcia Márquez

Este estudo buscou compreender as relações entre homens e mulheres contemporâneos dentro de um foco específico: a divisão de tarefas domésticas e o compartilhamento parental. Escolheu-se a vida privada, pois as leituras de diversos estudos, pesquisas e artigos da área de família e casal, demonstraram que é especificamente nesse âmbito que as mudanças nos papéis de gênero vêm transcorrendo mais lentamente.

Os casais escolhidos como objeto de pesquisa pertencem à categoria profissional dos aeronautas, atividade ligada à aviação comercial, cujos horários de trabalho fora do padrão atendem a uma demanda típica da pós modernidade: um serviço que opera em sistema de 24h. Por conta deste fator, o contexto laboral dessas pessoas, que é desempenhado em turnos alternantes, com viagens continentais ou intercontinentais, é considerado bastante peculiar. Talvez se possa retomar a afirmação de Presser (1994) a respeito do fato de casais em que os dois cônjuges trabalham em horários não normativos se constituem num subgrupo raro, para supor que este seja um dos motivos que justifica a escassez de produção científica sobre esta população.

O título desta dissertação faz referência ao termo decolagem, que significa descolar, desprender-se. Esses profissionais da aviação comercial experimentam cotidianamente um descolamento de seu ambiente familiar, ou seja, um afastamento constante do lar. É no ato da decolagem que isto efetivamente acontece. De(s)colar de casa também é uma referência à discussão que se efetua neste estudo e que é retomada mais à frente, sobre a possibilidade de se descolar o papel da dona-de-casa da identidade feminina.

Foi observado no discurso dos entrevistados a modernidade e o conservadorismo das percepções e práticas na divisão das responsabilidades e tarefas domésticas. Esta mescla de ideologias presente nos comportamentos dos casais de aeronautas é consonante com o que se encontrou na literatura em relação

a casais de outras categorias profissionais. Algumas questões-chave permearam este trabalho, favorecendo que tais observações viessem à tona. São elas: como as relações de gênero (nesse subgrupo) interferem na dinâmica da conjugalidade e do exercício da parentalidade? Em que medida o contexto peculiar das atividades desses profissionais influencia as práticas e as percepções acerca dessas dinâmicas? Qual o lugar reservado à mulher nessa conciliação da vida doméstica com o trabalho? Qual o envolvimento dos homens com o mundo doméstico e o cuidado com os filhos?

Embora essas aeronautas trabalhem no mesmo contexto profissional e com carga horária de trabalho similar a de seus maridos, três delas se envolvem mais com as atividades domésticas e o cuidado com os filhos, despendendo nitidamente mais tempo com estas atividades do que eles. No entanto, somente uma das mulheres se queixou, apontando a falta de iniciativa do marido. Em linhas gerais, nenhum dos entrevistados pareceu perceber a questão da divisão dos trabalhos domésticos como um problema. Todas as respostas, tanto masculinas quanto femininas, foram unânimes em relação a um aspecto: são *elas* as principais responsáveis por levar os filhos ao médico.

Um dos homens mostrou-se bastante envolvido com as lidas domésticas, demonstrando uma intimidade histórica (desde quando morava com sua família de origem participava em casa), no entanto, assim como os demais, se posiciona como coadjuvante nesta parceria. Todos eles se dedicam mais aos filhos do que aos afazeres domésticos: um dos participantes dedica-se mais ao brincar e fazer pesquisas no computador com eles; dois envolvem-se bastante com os cuidados gerais; o mais jovem, que está com bebê, só cuida inteiramente deste quando nenhuma das mulheres está presente (esposa ou a sogra). A vida conjugal de todos os casais desta pesquisa é deixada em segundo plano em prol dos filhos.

Não pareceu ocorrer entre os casais, uma negociação que pudesse ser considerada fruto de diálogos a respeito dos compartilhamentos domésticos e o cuidado com os filhos. Os arranjos pretendem ser “espontâneos” e não burocratizados, o que leva a crer que suas estratégias são regidas pelas ideologias de gênero.

Chamou a atenção o fato de não ter sido levantado um questionamento sequer por parte de nenhum dos cônjuges a respeito dos arranjos estabelecidos

pelo casal; ou em relação à empresa, quanto à participação desta no sentido de favorecer a conciliação trabalho/vida familiar. Todos pareceram muito conformados com as renúncias; com o pouco tempo para a vivência da conjugalidade ou para si; com o cotidiano corrido; com as dificuldades impostas pelas conciliações trabalho e família. Uma das entrevistadas emocionou-se (um misto de raiva e tristeza) ao perceber a parte que lhe cabia no compartilhamento parental; um dos entrevistados incentivou, sem muita ênfase, que a mulher retomasse os estudos; uma das entrevistadas (fisioterapeuta formada, mãe de um bebê e trabalhando na ponte aérea) interessou-se em saber sobre o percurso profissional da pesquisadora. Estas manifestações foram breves, mas pareceram apontar para outras questões que não foram abordadas na entrevista. Diante da pesquisadora procuraram demonstrar que seus arranjos eram o melhor que poderiam fazer.

Cabe assinalar que este trabalho de turnos alternantes desorganiza o cotidiano dos casais que buscam soluções tradicionais e individualizadas para equacionar o problema: por exemplo, três mulheres participantes da entrevista optaram por trabalhar na ponte aérea para, com isto, assegurar sua presença diária com os filhos; dos quatro homens entrevistados, somente um optou pelo mesmo sistema e pelo mesmo motivo. Se, por um lado, esta opção promove a aproximação com os filhos, por outro reduz o salário do trabalhador, além de eliminar o benefício das viagens que os voos nacionais ou internacionais promovem.

Um fenômeno curioso acontece: os homens se sentem desobrigados a prestar ajuda quando entra em cena alguma das integrantes da rede de apoio; entendem que o terreno de ação no cuidado com os filhos e/ou da casa é um poderio feminino, mas não conseguem (ou não querem) furar o cerco. As mulheres, por sua vez, alternam seu posicionamento na casa, ora são coordenadoras, ora são auxiliares ou ainda substitutas das empregadas, conciliando suas folgas com as destas.

O casamento e os filhos não são impedimentos para o exercício do trabalho remunerado para nenhum dos integrantes da díade. São, na verdade, complicadores de maior peso para as mulheres e são elas que fazem movimentos concretos para efetivar mudanças conciliatórias entre a vida profissional e

familiar. A postura destas mulheres contribui em grande medida para a permanência da associação existente entre a função de cuidar da casa e dos filhos com a de um papel prioritariamente feminino.

Compartilha-se aqui da ideia de que a multiplicidade de formas de convivência familiar e conjugal representa a expressão de um processo de democratização. Sendo assim, mereceu atenção especial buscar compreender as relações de gênero, as ideologias que permeiam os comportamentos e os arranjos matrimoniais resultantes da interação com o trabalho. Com exceção de um casal, os participantes desta pesquisa, estão em seu primeiro casamento com filhos desta união, configurando assim um formato mais tradicional. A modalidade de duplo trabalho (ambos comissários) ocorre em três dos casais, sendo que num destes, o homem é também *personal trainer* em educação física e está se preparando para ser piloto; o quarto casal, o marido é piloto e também advogado; logo estes dois últimos casos tornam-se inclassificáveis diante do critério adotado. As quatro mulheres exercem somente o trabalho de comissárias. A tentativa de classificação esbarra na dificuldade de abarcar as diversidades de arranjos matrimoniais existentes.

Não foi propósito deste trabalho afirmar que a equação da problemática vivida pelos casais participantes da pesquisa caberia somente a eles resolver. Entende-se que seria um equívoco empobrecedor limitar a realidade cotidiana dessas pessoas ao âmbito privado e portanto procurou-se chamar a atenção para a parte que cabe às políticas sociais e ao fato de que todos podem ser agentes no processo de transformação (a empresa, inclusive, no caso destes profissionais). Badinter afirma (2005:170) que as creches suplementares e melhores possibilidades de cuidado com os filhos a domicílio contribuem mais para a igualdade entre os sexos do que todos os discursos sobre a paridade, incluindo aqui a licença-paternidade. Esta última, segundo a autora, marca simbolicamente o fato de que a conciliação entre vida profissional e vida familiar não diz respeito unicamente à mãe. No Brasil, a licença-paternidade de apenas cinco dias, talvez transmita a mensagem de que esta conciliação diz respeito *essencialmente* à mãe. Cinco dias são “suficientes” para que um marido traga sua esposa do hospital para casa e corra imediatamente para o mundo do trabalho onde é o seu “devido lugar”.

A aprovação do projeto de lei que amplia esta licença para quinze dias não modifica muito esta realidade.

Outro aspecto que se procurou registrar e compreender aqui foi o da adesão visceral das mulheres ao seu papel social de dona-de-casa e como esta figura é uma forte referência que ainda persiste no imaginário social. A partir deste entendimento passou-se a pensar que talvez seja um momento de buscar novas referências e redesenhar o cenário atual favorecendo um distanciamento entre a mulher e o papel historicamente construído de dona-de-casa, para permitir assim descolá-lo da identidade feminina. Mulheres *descoladas* poderiam se constituir numa nova referência e proposta de postura pós moderna, talvez um novo slogan libertário: sem desvalorizar o que foi construído historicamente, e transmitido através de gerações, mas propondo um maior (e genuíno) desengajamento do mundo doméstico. A ideia é que se democratize este papel social tornando-o realmente opcional para as mulheres de todos os segmentos sociais. Ora, embora num primeiro momento pareça utópico pensar desta forma, vale lembrar que às vezes uma utopia foge da gaiola como afirma Oliveira (2003:30). Se as insatisfações forem levadas a sério por quem as experimenta no cotidiano, certamente poderão ganhar corpo e se constituir em demandas no espaço público.

Desengajar-se, neste contexto, teria o propósito de desvincular mais concretamente o mundo doméstico de um território tradicionalmente conhecido como feminino colocando-o à disposição de qualquer membro da família capacitado para atuar nele. Em suma: dessexualizar as competências domésticas, promovendo desta forma a indiferenciação dos papéis nesta área específica. Uma possibilidade que, se acredita, possa abrir espaço para a melhoria da qualidade conjugal; para o exercício de um compartilhamento parental mais democrático; e um aumento acentuado nas chances de ascensão na carreira profissional para as mulheres que assim o desejarem.

Alguns ajustes finos nos posicionamentos não somente femininos quanto masculinos podem ser bem-vindos e necessários, em face de um tempo onde impera a pluralidade de configurações familiares e comportamentos. A práxis destes comportamentos precisa ficar mais condizente com os discursos sociais igualitários a respeito das relações de gênero. Simone de Beauvoir (1995:264) já dizia que só um trabalho autônomo poderia assegurar à mulher uma autonomia

autêntica e, embora apostasse no benefício libertador que o trabalho traria às mulheres, já sabia que este não seria suficiente. A autora reconhecia o peso das prescrições culturais e das normas sociais, da dependência interiorizada das mulheres e da dificuldade destas de se apoiarem em si mesmas. Muitas de suas observações ainda se mantêm atualizadas:

Há mulheres que encontram em sua profissão uma independência verdadeira; mas são numerosas aquelas para quem o trabalho “fora de casa” não representa, no quadro do casamento, senão uma fadiga a mais. Aliás, amiúde, o nascimento de um filho as obriga a confinarem-se em seu papel de matronas; é atualmente muito difícil conciliar trabalho com maternidade.

Hoje as ideologias de gênero tradicionais e igualitárias se mesclam e, em dosagens diferentes, regem os comportamentos de homens, mulheres e sociedades. Durante o desenvolvimento desta dissertação foi possível observar a força dessas ideologias arraigadas no subgrupo entrevistado.

A presença de homens e mulheres trabalhando lado a lado nos mais diversos setores produtivos não eliminou totalmente as desigualdades existentes entre os sexos, principalmente na vida privada, mesmo com a saída das mulheres para a vida pública. O cenário apresenta mulheres sobrecarregadas com a conciliação do triângulo trabalho-família-casa e que perdem um bem precioso e irre recuperável que é o tempo. Muitas se impõem um ritmo frenético no seu dia-a-dia, não abrem mão do compartilhamento das tarefas domésticas, perdendo, assim, a dimensão exata do alcance dos seus braços e da elasticidade de seu tempo: pensam que driblam alguma coisa quando, na verdade, caíram na armadilha capenga de uma igualdade ambivalente. Estão sós, na sua maioria, limitadas ao micro universo de suas famílias, sem uma consciência de que sua problemática é a de outros tantos milhões de mulheres mundo afora. Certamente também há muitas mulheres inquietas e engajadas e que fazem o mundo se movimentar. Talvez uma revisão de certas posturas femininas mais passivas, acomodadas, alienadas e queixosas, favoreça a construção de novos modos de conduta menos presos a estereótipos de gênero.

Há homens mais cooperativos, menos machistas e mais sensivelmente solidários às suas mulheres e filhos, mas, pelo que demonstram as pesquisas, grande parte dos homens se sentem menos incomodados com a questão da divisão das tarefas domésticas e, portanto menos focados em efetivar mudanças.

Restou a impressão, diante dos relatos das mulheres entrevistadas, de que elas conquistaram um trabalho, mas não uma autonomia. Com isto ficou uma questão que não foi abordada e que surgiu *a posteriori*: será que intimidade e autonomia são sentidas como inconciliáveis? Essas mulheres abrem mão da autonomia em nome da intimidade? E se é isto que fazem, o que as move nesta direção?

Defende-se aqui a ideia de que, enquanto homens e mulheres estiverem pouco conscientes a respeito das ideologias de gênero que regem seus comportamentos, o prato da balança continuará desequilibrado, pesando mais para um dos lados: seja com mulheres sobrecarregadas ou com homens trocando de papéis com estas e, assim, colaborando para a manutenção da dupla jornada.

As conciliações entre trabalho e família demandam atenção especial por parte de todos os envolvidos: mulheres, homens, pesquisadores, empresários e o Estado. Acredita-se que uma verdadeira aproximação entre o discurso igualitário, herdeiro de posturas mais democráticas e uma práxis que refere os papéis de gênero contemporâneos favoreça o processo de transformação das sociedades, em especial, o do Brasil. Nesta transformação estaria embutida uma verdadeira compreensão e apoio pelo desejo de realização profissional das mulheres, pelo papel do pai mais envolvido com o mundo familiar, assim como uma intensa revisão das instituições e políticas que atendam às novas necessidades que os papéis de homens e mulheres contemporâneos exigem. Neste sentido, compartilha-se da noção de que só assim se estará realizando uma sincronia com o ritmo das transformações sociais que variam no tempo e no espaço e que precisam ser consideradas.

Referências bibliográficas

- AHIGE. *Asociación por la igualdad de género*. Disponível em: <<http://www.ahige.org>>. Acesso em: setembro 2009.
- ARAUJO, M. de F. Gênero e família na construção de relações democráticas. FÉRES-CARNEIRO, T (org.). *Casal e Família: Permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2009. pp 9, 23.
- ARAÚJO, C.; SCALON, C. *Gênero, família e trabalho no Brasil*. FAPERJ. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ÁRIES, P.; DUBY, G. *História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias*. V 5. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.
- ARRIGHI, B.; MAUME Jr., D. Workplace subordination and men's avoidance of housework. *Journal of family issues* 21, 464-487. 2000.
- BADINTER, E. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- _____. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Martins Fontes, 1979.
- BARNETT, R. C; GAREIS, K. C.; BRENNAN, R. T. *Wives' Shift Work Schedules and Husbands' and Wives' Well-Being in Dual-Earner Couples With Children: A Within-Couple Analysis*. *Journal of Family Issues*. 2008. v.29 no 3, 396-422.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo sexo*. Círculo do livro. São Paulo, 1995.
- BERGAMASCO, D. BARBIERI, C. Bem-vindo à miscigenação. Família Brasileira Retrato falado. *Folha de São Paulo*. Pesquisa Nacional do Datafolha. São Paulo. p.58. 2007.
- BIANCHI, S., Robinson J., MILKIE, M. *Changing rhythms of American life*. Nova York. Russel Sage Foundation, 2006.
- BRASILEIRO, R. F. *Transição para a parentalidade: papéis de gênero em questão*. Dissertação de mestrado. PUC. Rio de Janeiro, 2002.
- BRINES, J. The Exchange value of housework. *Rationality and society*. 1993. 5: 302-40
- BRUSCHINI et al, M. C. A. *Articulação trabalho e família: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras*. São Paulo: FCC/ DPE, 2008.
- CALLIGARIS, C. Nossa, como eles sofrem. *Veja*, n 22, p 17-21. jun. 2009.
- CARVALHO, I.C.G. *Efeitos do trabalho em turno e diurnos entre trabalhadores metalúrgicos da indústria automobilística*. Dissertação – IPUSP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991. 176p.
- CHAGAS, P. Efeito Carla. *Top france*, n. 124 p 57, 63, abril. 2009.

- CIA, F.; BARHAM, E, J. Trabalho noturno e o novo papel paterno: uma interface difícil. *Estudos de Psicologia I*. Campinas. 2008. pp 212-220
- COLTRANE, S. Research on household labor: modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. Em: Milardo, R. *Into the new millennium: a decade in review*. National Council on Family Relations NCFR. 2001.
- COMAS D'ARGEMIR, D. (1995) . Trabajo, género, cultura. La construcción de desigualdades entre hombres y mujeres. Barcelona: Icária. em: STREY, M. A mulher, seu trabalho, sua família e os conflitos. *Mulher estudos de gênero*, p.59,77. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1997.
- COONTZ, S. *The way we really are: coming to terms America's changing families*. Basic Books:USA, 1997.
- COWAN, R. S. *More work for mother*. New York: Basic Books, 1983.
- DIESAT. Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho. *Aeronautas condições de trabalho e saúde*. São Paulo, 1995.
- DINIZ, G.R.S. Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. Em: Féres-Carneiro, T. (org). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU, 1999. pp. 31, 54.
- _____ O casamento contemporâneo em revista. Em: FÉRES-CARNEIRO, T (org). *Casal e Família: Permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2009. p 135,156
- DINIZ, G.; PERLIN, G. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? Em: *Conjugalidade, parentalidade e gênero*. Psicologia clinica 17.2, PUC RIO, 2005. p.15 v 2
- FAY, C.M.; G.G. de OLIVEIRA. As mulheres que vestem terno x as mulheres que vestem saias. *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder Florianópolis* 25 a 28 de agosto de 2008
- FÉRES-CARNEIRO,T. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. Em: Féres-Carneiro T. (org) *Casamento e família do social à clinica*. Rio de Janeiro: Nau editora, 2001.
- FIBE, C. Exceção que confirma a regra. Família Brasileira Retrato falado. *Folha de São Paulo*. Pesquisa Nacional do Datafolha. São Paulo. p.52 2007.
- FRIEDAN, B.J. Housing Allowances: An Experiment that Worked. In: Mitchell, J.P., (ed.) *Federal Housing Policy and Programs: Past and Present*. New Brunswick, NJ: Rutgers-The State University of New Jersey: 1985. Em: MCGOLDRICK, M ; CARTER, B. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para vida familiar.*
- FUWA, M. Macro-level gender inequality and the division of household labor in 22 countries. *American Sociological Review*, 2004. 69, 751-767
- GERSTEL, N. SARKISIAN, N. Sociological perspectives on families and work: the import of gender, class and race. *The work and family handbook*,. 2006. 237-265.

- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GOMES, I. C. Trabalho de turno de operários metalúrgicos e a dinâmica familiar: quinze anos depois. Em: FÉRES-CARNEIRO, T (org). *Casal e Família: Permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- HILL, E.J. Work-family facilitation and conflict, working fathers and mothers, work-family stressors and support. *Journal of family issues* 26; 793 – 819. Sage. National Council on Family relations. 2005.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. 598 *Cadernos de Pesquisa*, 2007. v. 37, n. 132, set./dez.
- HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Editora objetiva. 2001.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF AIR PILOTS ASSOCIATIONS. *Information on cosmic radiation*. England: IFALPA, 1997.
- JABLONSKI, B. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. Em: FÉRES-CARNEIRO, T. (org). *Família e Casal: Saúde, Trabalho e Modos de vinculação*. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2007.
- _____. *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir, 1998.
- KAUFMANN, J-C. *La trame conjugale: analyse du couple par son linge*. Éditions Nathan, 1992.
- LARGUIA, L. *Contre le travail invisible*. Partisans, n.54,55, p.10-3. 1970.
- LAVEE, Y.; KATZ R. Division of labor, perceived fairness and marital quality: the effect of gender ideology. *Journal of Marriage and Family*, 2002. 64, 27-39.
- LOTTERIO, C. P. *Percepção de comandantes de boeing 767 da Aviação Civil Brasileira sobre as repercussões das condições de trabalho na sua saúde*. Dissertação de Mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, RJ, 1998.
- LUFT, L. *O rio do meio*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MARQUÉZ, G. G. *Dicionário Gabriel García Márquez: a magia literária da América*. Porto Alegre: TAB marketing, 2009.
- MARTINUSSEN, M; HUNTER, D. *Aviation psychology and human factors*. New York: CRC Press, 2010.
- MCGOLDRICK, M.; CARTER, B. (1995) *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MEDRADO, B & LYRA, J. *O Homem no processo de ter filhos*. Em: Rede Feminista de saúde: Dossiê Humanização do Parto.2002.
- MICHALKO, M. In: KRAFT, U. Em busca do gênio da lâmpada. *Revista mente cérebro*. São Paulo. 2004.

- MCMUNN, A. et al. Life course social roles and women's health in mid-life: causation or selection? *Journal of Epidemiology and Community Health* 2006; 60:484-489;
- NEVES, A.S. As mulheres e os discursos *genderizados* sobre o amor: a caminho do amor confluyente" ou o retorno ao mito do amor romântico? *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2007. 15(3): 609-627.
- NOLASCO, S. Um homem de verdade. Em Caldas, D. (Org.). *Homens* (p.15-29). São Paulo: Editora Senac, 1997.
- OLIVEIRA, R. D. *Reengenharia do tempo*. Rocco: Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. Editora brasiliense: São Paulo, 1991.
- OLIVEIRA e Silva, A. I. de. Abelhinhas numa diligente colméia: domesticidade e imaginário feminino na década de cinquenta. Em: OLIVEIRA A. e BRUSCHINI C.orgs *Rebeldia e submissão – estudos sobre a condição feminina*. Fundação Carlos Chagas. Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1989.
- PRESSER, H. B. Nonstandard work schedules and marital instability. Em: *Journal of marriage and the family*. National Council On family Relations. 2000. 62, (1), 93-110.
- _____. Employment schedules among dual-earner spouses and the division of households labor by gender. *American sociological review*, 1994. 59, 348-364.
- QUINTANA, M. *Apontamentos de História Sobrenatural*. Rio de Janeiro: Globo, 1976.
- RAMPAGE, C.; AVIS, J. Identidade Sexual, Feminismo e Terapia Familiar. Em: ELKAIM, M. (org.) *Panorama das Terapias Familiares* São Paulo: Summus, 1998. pp 199-202.
- REZENDE, S. *Esses livros dentro da gente: uma conversa com o jovem escritor*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- ROCHA-COUTINHO, M.L. Variações sobre um artigo: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. Em: FÉRES-CARNEIRO, T. (org). *Família e casal efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PUC, 2005.
- _____. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rocco: Rio de Janeiro, 1994.
- _____. Papéis na família: reestruturação? Em: *Psicologia clinica: das novas configurações à violência familiar*. Rio de Janeiro. PUC, 2003. v. 15 n. 2.
- RUBIN, S.E.; WOOTEN, H.R. Highly educated stay-at-home mothers: a study of commitment and conflict. *The family journal: counseling and therapy for couples and familie*, 2007. 15 (4), 336-345
- RUZA, M. T. *Padrão de sono e desempenho de tripulantes de vôos internacionais: revisão de literatura*. Monografia (Especialização em Aspectos psicobiológicos da Saúde do trabalhador na área de transporte)- Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2005.

- SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E.V. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 2000.
- SILVA, M. M.V. A. Paternidade e Políticas Públicas: o papel da extensão na viabilização dos direitos reprodutivos. VIII Congresso Ibero-Americano de Extensão Universitária. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 2005.
- SILVEIRA, T. M. *A construção criativa na vida do casal: limites e possibilidades do casal contemporâneo*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1998.
- SINGLY, F. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- SOARES, C.; SABOIA, A. L. IBGE. *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios de 2001 e 2005*. 2007.
- SORJ, B. Percepções sobre esferas separadas de gênero. Em: ARAÚJO, C.; SCALON, C. *Gênero, família e trabalho no Brasil*. FAPERJ. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.79-88.
- SCAVONE, L. *Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero*. Interface Comunic, Saúde, Educ. 2001. v. 5, n.8, p.47-60.
- TAM nas nuvens. *Nossas comandantes*. n.10.Outubro 2008
- VALCOUR, M. Work-based resources as moderators of the relationship between work hours and satisfaction with work-family balance. *Journal of applied psychology*. 2007. 92, (6),1512-1523.
- WHARTON, A.S. Understanding diversity of work in the 21st century and its impact on the work-family area of study. *The Work and Family Handbook: multi-disciplinary perspectives and approaches...* Ed. by Pitt-Catsouphes, M. Kossek, E.E. Sweet, S. 2006. p 17-39
- ZVONKOVIC, A.M. et al. Family work and relationships: lessons from families of men whose jobs require travel. *National Council of Family Relations*, 2005. 54, 411-422
-
- Notter, M.L.; Peters, C.L. Family studies: situating everyday family life at work, in time and across contexts. In: *The Work and Family Handbook: multi-disciplinary perspectives and approaches*. 2006, p.141-164.

Anexos

Anexo 1 - Consentimento livre e esclarecido

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Pesquisa: De(s)colar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas.

Pesquisadora: Marília Saldanha da Silva

Coordenador: Bernardo Jablonski

A pesquisa intitulada “De(s)colar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas” pretende investigar como ocorre a divisão de tarefas domésticas e das responsabilidades familiares, entre membros de casais de aeronautas.

A pesquisa utiliza entrevistas que são gravadas e, posteriormente, transcritas, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações são estritamente confidenciais, sendo sua identidade mantida em sigilo, não a divulgando em qualquer publicação posterior, bem como preservando os demais aspectos éticos.

Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento. Com sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre as conjugalidades contemporâneas.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar, apenas no meio científico, para fins de ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista.

Assinatura da pesquisadora

Marília Saldanha da Silva

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Assinatura do entrevistado

Rio de Janeiro, ____/____/____

Anexo 2 - Dados dos participantes da pesquisa de campo

Participantes (nomes fictícios)	Naturalidade	Sexo	Idade	Tempo de casado (anos)	Profissão	Nº de filhos	Idade dos filhos	Sexo dos filhos
Clara	RS	F	42	8	Cmra	2	7, 5	F, M
Marcelo	RJ	M	43	8	Piloto / Advogado	3	15, 7, 5	M, F,M
Susi	BE	F	45	17	Cmra	2	10, 8	M, M
Igor	RS	M	46	17	Cmro	2	10, 8	M, M
Lívia	RJ	F	35	3	Cmra	1	5 meses	M
Téo	RJ	M	35	3	Cmro/prof educação física	1	5 meses	M
Glória	RJ	F	37	7	Cmra	1	5 anos	M
Rui	RJ	M	38	7	Cmro	1	5 anos	M

Anexo 3 - Roteiro das Entrevistas

a) Dados pessoais sobre o entrevistado

1. Qual a sua idade?
2. Há quanto tempo você está casado?
3. Você tem filhos? Quantos e de que idades? Eles moram com você?
4. Qual a sua profissão?
5. Qual é a sua carga horária de trabalho?

b) Administração dos horários de trabalho do casal

1. Vocês têm a mesma escala de vóo?
2. O que os levou a ter uma escala comum / separada? Há quanto tempo é assim?
3. De quem foi a idéia (ou foi dos dois)?
4. Quais são os aspectos positivos? Quais são os aspectos negativos?
5. Como é para você ter horários de trabalho irregulares?

c) Vida doméstica cotidiana

1. Como você descreveria o seu dia-a-dia?
2. Vocês têm ajuda de alguém para as tarefas domésticas?
3. De quem?
4. De que forma eles ajudam?
5. Quais as tarefas domésticas que cabem a você? E a seu marido / esposa? (abastecer a casa/ providenciar reparos/ cozinhar / limpar / cuidar da roupa/ efetuar pagamentos/ coordenar empregada / babá)
6. O que altera quando um dos cônjuges está fora em um vóo? E quando os dois estão de folga no mesmo dia? E quando os dois estão fora?

d) Cuidado dos filhos

1. Com relação aos filhos, que tarefas são realizadas por você e quais são por seu marido/ esposa? O que fazem em cooperação? (cuidar da higiene e alimentação, auxiliar nas tarefas da escola, acompanhar a médicos/ dentistas, comparecer às reuniões da escola, transportar para atividades extracurriculares, acompanhar a festinhas de aniversário e outras atividades de lazer etc.)

2. Nestas atividades vocês contam com ajuda de alguém?
3. De quem? (babá, empregada, folguista, pessoa da família ou agregados)
4. Se um filho fica doente, quem falta ao trabalho?

e) Apreciação pessoal sobre a divisão das tarefas

1. O que você acha que seu marido/ mulher não faz e deveria fazer?
2. O que você faz e não gostaria de fazer?
3. Há algo que seu marido/ mulher faz e que você gostaria de fazer com ele/ ela ou no lugar dele/ dela?

f) Lazer

1. Vocês costumam sair juntos? Sós ou com filhos?
2. Com que frequência?